Editora ABRIL
edição 2772 - ano 55 - nº 2
19 de janeiro de 2022

EXCLUSIVO

DA DEFESA PARA O ATAQUE

Em entrevista, o ex-juiz Sergio Moro diz que entregar o país a Lula é dar aval à roubalheira, que Bolsonaro é mentiroso e leniente com a corrupção e que ele é o único candidato da terceira via com chances reais de vencer a eleição

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

Grande São Paulo:
(11) 3347-2121
Demais localidades:
0800-775-2828

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
www.abrilsac.com.br

Grande São Paulo:
(11) 5087-2112
Demais localidades:
0800-775-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Para baixar sua revista digital
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz

Editora Executiva: Monica Weinberg **Editor Especial:** Daniel Hessel Teich **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Augusto Fernandes Conconi, Bruno França Ribeiro, Eduardo Gonçalves, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, João Pedroso de Campos, Josette Goulart, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Lellis, Luana Meneghetti, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Costa de Oliveira e Sousa, Luisa Purchio Haddad, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Reynaldo Turollo Jr., Sabrina Gabriela de Brito, Simone Sabino Blanes, Tulio Kruse de Morais, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Letícia de Luca Casado, Rafael Moraes Moura ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editoras:** Fernanda Thedim, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Caio Franco Merhige Saad, Caio Sartori Gavazza, Carolina Barbosa da Silva, Cleo Guimarães, Ernesto Augusto de Carvalho Neves, Jana Sampaio, Kamille Maria Viola de Azevedo Cunha, Paula Freitas Monteiro Autran, Ricardo Ferraz de Almeida **Estagiários:** Eduarda Gomes Silva, Eric Cavasani Vechi, Gabriela Caputo da Fonseca, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Maria Fernanda Sousa Lemos, Mariah Fernandes Magalhães, Matheus Deccache de Abreu, Nathalie Hanna Georges Alpaca **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Dora Kramer, Fernando Schüler, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE PUBLICIDADE Jack Blanc **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 772 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 2. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

MULHER, CONTRACEPÇÃO E FALTA DE INFORMAÇÃO

ENQUANTO OS MÉTODOS TRADICIONAIS, PÍLULA E CAMISINHA, SÃO OS MAIS CONHECIDOS, OS DE LONGA DURAÇÃO SÃO DEIXADOS DE LADO – MESMO SENDO MAIS EFICAZES

Ainda que de responsabilidade mútua, a contracepção, na maioria das vezes, fica a cargo da mulher e, de acordo com uma pesquisa realizada no primeiro semestre de 2021 pelo Instituto Ipsos, por encomenda da farmacêutica Organon, 58% das brasileiras adotam a pílula como método contraceptivo. Depois, estão o preservativo (43%), o DIU de cobre (8%) e a injeção mensal (6%). Ainda assim, 43% das mulheres do país desejam saber mais sobre as opções e suas diferenças.

"Em nossas pesquisas, notamos que as mulheres sabem bem a função e a importância dos métodos contraceptivos, mas têm pouco conhecimento sobre eles. Na maioria das vezes, usam os mais difundidos – não por escolha, mas por não conhecerem outras opções que, muitas vezes, poderiam ser ainda mais adequadas para elas", afirma Ricardo Lourenço, presidente da Organon Brasil. E esse cenário é uma realidade em todas as classes sociais e regiões do país. De acordo com estudo feito pela B2Mamy, os contraceptivos mais conhecidos – tanto da classe A e B quanto C e D – são a camisinha e a pílula anticoncepcional.

Entre os métodos de longa duração estão o dispositivo intrauterino e o implante subdérmico. Enquanto o DIU de cobre (sem hormônio) reduz a mobilidade dos espermatozoides de modo a não alcançar o óvulo, o DIU que contém levonorgestrel age espessando o muco no colo do útero, dificultando a entrada deles. Já o implante libera um progestágeno que impede a ovulação. Este, apesar de pouco falado, é o anticoncepcional com a menor taxa de falha – inclusive comparando com laqueadura ou vasectomia!

Para Ricardo, o maior motivo para esse cenário é a falta de informação de qualidade. "E isso acontece em diversos níveis, desde a educação escolar até o consultório médico. Além disso, é importante facilitar o acesso às mais diferentes soluções também pelo SUS", afirma.

JORNADA DA FERTILIDADE

Para entender as necessidades das mulheres, a Organon investigou a jornada da fertilidade e identificou dois perfis de mulheres: as casadas e sem filhos, que buscam tratamento para engravidar; e as solteiras, que congelam óvulos pensando no futuro. "No geral, acredita-se que basta interromper o uso do contraceptivo para engravidar, mas é importante falar sobre as possíveis barreiras que podem surgir", diz Ricardo.

Segundo o estudo, o fertileuta só é acionado para tratamentos de alta complexidade, quando todos os métodos naturais falharam, o que causa muita frustração e desgaste para as mulheres, que relatam, ainda, muita solidão. "Por isso, é tão importante disseminar informação", reforça o presidente da Organon Brasil.

Foto: iStockphoto

ADOC-PHOTOS/CORBIS/GETTY IMAGES

O PIONEIRO Edward Jenner, o descobridor da vacina contra a varíola, em 1796: 5 milhões de vidas salvas todos os anos

UMA QUESTÃO MATEMÁTICA

O MUNDO virou o ano apreensivo com a eclosão de casos de Covid-19 provocada pela variante ômicron — sabidamente mais transmissível que as anteriores, embora menos letal. Nos Estados Unidos, os testes positivos chegam a 1 milhão por dia. Autoridades sanitárias da Europa estimam que, em dois meses, metade da população do continente terá sido contaminada. No Brasil, na segunda-feira 10, o registro de mais de 36 000 novos infectados cravou um aumento de quase 800% em relação às duas semanas anteriores. As cifras assustam, sim — mas há um aspecto tranquilizador, atrelado à matemática da ciência. A explosão de casos, empiricamente perceptível por qualquer família, não acompanha aumento no número de hospitalizações e muito menos de mortes, como mostra a reportagem a partir da página 56. Dados americanos informam que, entre os mortos hoje nos Estados Unidos, mais de 90% são de não vacinados. Segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças do país (CDC, na sigla em inglês), o cidadão sem imunizante tem dezessete vezes mais chances de parar em um hospital e vinte vezes mais chances de morrer.

São informações ancoradas na estatística, e não na tolice dos achismos, que autorizam a reverberar uma evidência: a vacina é a porta de saída para a Covid-19, atalho para a retomada da vida e da economia como a conhecíamos antes do vírus. Não faz sentido algum politizá-la, como acontece no Brasil. É compreensível — embora muitas vezes desnecessário — que temas como a política econômica, as relações internacionais e mesmo a educação ingressem nas rinhas ideológicas. A vacinação, contudo, deveria estar imune a esse tipo de postura. Fez bem o presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), o almirante Antonio Barra Torres, ao passar um carão público em Jair Bolsonaro, que dissera suspeitar de interesses escusos na aprovação de doses para crianças. "Se o senhor não possui tais informações ou indícios, exerça a grandeza que o seu cargo demanda e, pelo Deus que o senhor tanto cita, se retrate", escreveu em nota.

Bolsonaro, evidentemente, não tem informações ou indícios de qualquer malversação da Anvisa — quer apenas pregar para os convertidos. Por isso soa inaceitável, do ponto de vista dos direitos da sociedade e das certezas científicas, prosseguir na lida contra a vacinação em permanente incentivo às notícias falsas que pululam nas redes sociais. Sabe-se, desde sempre, que as campanhas de imunização salvam ao menos 5 milhões de vidas todos os anos — conquista civilizatória inaugurada pelo naturalista britânico Edward Jenner há 225 anos, ao desenvolver uma proteção contra a varíola. No Brasil, ainda no tempo do Império, em 1837, foi estabelecida a imunização compulsória infantil contra a varíola, que em 1971 seria oficialmente erradicada (o mesmo ocorreu com a poliomielite em 1994). O atual espanto com a ômicron, embora não possa ser sinônimo de pânico, deveria ser transformado em empenho ainda maior pelas agulhadas. Felizmente, ao avesso dos tortos humores de Bolsonaro, os brasileiros estão se vacinando, com quase 70% da população já duplamente protegida contra a Covid-19 mais severa. E mais: pesquisas de opinião pública mostram que, no estado de São Paulo, por exemplo, 84% dos lares pretendem vacinar seus filhos. O resto é ignorância — ou a transformação da ciência em política. ■

TracyLocke

NADA DE ESPETÁCULO

Diretor da Polícia Federal rebate críticas sobre perseguições e diz que alguns delegados estão usando o cargo para se promover, ganhar visibilidade e ingressar na política

LARYSSA BORGES

SERGIO DUTTI

HÁ 23 ANOS nos quadros da Polícia Federal, o delegado Paulo Maiurino está no meio de um fogo cruzado. Egresso da chefia da segurança do Supremo Tribunal Federal, ele é acusado por grupos da própria corporação de promover perseguições políticas e exonerações em série de investigadores não alinhados com o governo, o que rechaça com veemência. No cargo há nove meses, o terceiro diretor-geral da PF na gestão Bolsonaro não é o primeiro e certamente não será o último ocupante do cargo a sofrer esse bombardeio. Insinuações como essas recaem naturalmente sobre os ocupantes de cargos escolhidos diretamente pelo presidente da República. Na PF, elas ganham uma dimensão ainda maior diante dos poderosos interesses que cercam muitos dos casos em apuração. O delegado sabe bem o que isso significa e conhece a receita para se afastar das pressões. Em 2006, ele fazia parte do grupo que investigou o mensalão, o primeiro grande escândalo de corrupção do governo Lula. "Fizemos tudo que precisava ser feito sem alarde", diz. Nesta entrevista a VEJA, Maiurino também critica a espetacularização das operações, fala sobre a segurança dos candidatos na eleição e conta qual é o maior desafio da polícia atualmente.

Delegados têm acusado a gestão do senhor de perseguição política e de os afastar de cargos por fazerem oposição ao governo Bolsonaro. Como responde a isso? Isso é uma narrativa que não tem a menor razão de ser. Tem uma patota de encapuzados que ficou por anos em chefia de cargos comissionados, postos que incrementam o salário, e que agora usa a imprensa para tentar voltar a esses cargos,

como se aqui houvesse feudos. Quando chega uma nova gestão, é natural haver trocas e entrar novas equipes, seja por afinidade operacional, seja pelas prioridades do diretor-geral dentro da concepção dele de polícia. As minhas trocas foram em número menor do que em gestões passadas.

O fato de um determinado delegado expressar publicamente uma orientação política é critério de remoção? No exercício de cargo público e dentro de inquérito não se pode fazer manifestação política. Não é possível dissociar o cargo público ocupado com o de cidadão. Veja o caso do ex-superintendente do Amazonas, por exemplo *(delegado Alexandre Saraiva)*. Ele era alinhado ao governo, foi cotado para ser ministro do Meio Ambiente, superintendente no Rio e esteve em novembro de 2020 em uma *live* do presidente. A partir do momento em que perdeu a condição de superintendente começou a virar um crítico do governo. Isso é patente e nem é desejável. Dizem que trocar o superintendente afeta a investigação. Como? Qual? Aponte. Desafio um delegado que tenha recebido alguma ordem para deixar de fazer ou fazer alguma investigação.

O caso do Amazonas não é uma demonstração de que há algum tipo de politização na Polícia Federal? É inconcebível que agentes públicos, de qualquer instituição, e não apenas da Polícia Federal, usem de suas atribuições legais e de investigações criminais para interesse pessoal, para virarem celebridades nas redes sociais e na mídia, para monetizar no YouTube, para dar palestras às vezes remuneradas e para se lançar na política. Isso não pode ser tolerado.

Em que medida o ex-ministro Sergio Moro contribuiu com as suspeitas de politização da PF ao acusar o presidente de ter tentado interferir na polícia? A Polícia Federal não pode ser instrumento de disputa política, eleitoral ou ideológica. O inquérito derivado das acusações do ex-ministro Moro está tramitando. No meu período nunca

"É inconcebível que agentes públicos usem de suas atribuições e de investigações para interesse pessoal, para virarem celebridades, para monetizar no YouTube, para dar palestras remuneradas e para se lançar na política"

recebi nenhum pedido do presidente, seja para tirar ou colocar um delegado. Aliás, ele nunca me pediu nada. Aqueles que querem impor essa narrativa têm de apresentar um fato concreto, porque senão a gente vai ficar na fofoca, e isso é ruim para a sociedade e para a polícia.

Para evitar riscos de politização, o senhor é a favor de um mandato para o diretor-geral da PF? Tenho dúvidas. O diretor-geral é escolhido pelo presidente da República, o que significa que, indiretamente, a população faz essa opção por meio do presidente. Se conferirmos um mandato e a lista tríplice, por exemplo, o poder do eleitor, ainda que indireto, será transferido para uma corporação. Se tiver mandato, o diretor-geral também pode discordar de um tema como a política de segurança pública do governo eleito e gerar um impasse institucional. Hoje já existe autonomia. Quando falam que estão querendo ferir a autonomia da PF, deve-se apontar em qual investigação houve pressão, porque, se um dia isso acontecer, é um crime grave.

O senhor referenda a declaração do presidente de que neste governo não tem corrupção? Não posso dizer que tem ou não tem corrupção no governo federal. O que aporta na Polícia Federal nós investigamos. A PF há vinte anos vem se estruturando para enfrentar o crime organizado e o crime de colarinho-branco. O criminoso sabe que, se praticar um crime hoje, mais cedo ou mais tarde, vai receber a visita da Polícia Federal. O crime de corrupção ostensivo, como o que aconteceu quando eu atuei no inquérito dos Correios *(que deu início ao escândalo do mensalão)*, está mais difícil de acontecer. Mas a corrupção nunca vai acabar.

O caso Adélio foi reaberto, e o presidente Bolsonaro continua convencido de que a polícia falhou e que há um mandante para o atentado. Uma parte da investigação ficou suspensa por causa do ingresso de uma ação pela OAB, que entendia que o advogado do Adélio não poderia ter sido investigado. É esse ponto que nós vamos tentar elucidar. Nós temos que nos basear nos autos, nas provas que foram colhidas. Não tem como fugir do teor da investigação. O resto são conjecturas que podem ser criadas.

O senhor vislumbra que algo similar aconteça com candidatos a presidente em 2022? Temos visto o país de forma muito polarizada, mas os órgãos de segurança estão atentos a esse tipo de ataque. Os treinamentos são frequentes, e nossa expertise é antiga. O atentado contra Jair Bolsonaro em 2018 ensinou que se deve manter um afastamento da multidão quando se é um candidato. A grande dificuldade que temos com os políticos na época de campanha é que cumpram as nossas orientações, porque eles querem ficar no meio do povo. É uma atividade bem complicada a segurança dignitária.

O país esteve à beira de uma ruptura nas manifestações do 7 de Setembro, quando o presidente Bolsonaro atacou o STF? As instituições são sólidas no Brasil. O pessoal bate muito tambor por pouca coisa. As forças de segurança esta-

vam preparadas para impedir qualquer tentativa de invasão do STF, por exemplo. A polarização faz com que algumas pessoas que não são tão equilibradas como o homem médio possam eventualmente praticar um crime mais grave. A polícia tem de proteger a sociedade desses tresloucados. Mas existe mais bravata do que qualquer outra coisa.

Mas já foram descobertos planos de ataque mais estruturados contra o STF. Fui segurança do STF em 2019 e 2020, e na deep web colocaram a planta do tribunal todo e perguntaram: "Quem está disposto a atacar o Supremo?". Houve outro que perguntou: "Quanto tempo para a polícia, se acionada, chegar ao STF? Quantos agentes têm no STF?". Ninguém respondeu, mas poderia ter havido uma troca de informações. A gente nunca conseguiu identificar os responsáveis pelas mensagens.

O Ministério da Saúde e até o site da PF foram alvos de hackers. Nosso maior desafio hoje são os crimes cibernéticos. Nas próximas semanas vamos lançar uma força-tarefa liderada pela Polícia Federal junto com o setor privado, que permitirá o compartilhamento de dados e informações em tempo real, sobretudo os ataques que entes privados e públicos estejam sofrendo naquele momento. A ideia é que essa força-tarefa trabalhe 24 horas por dia, sete dias por semana. Já temos uma estrutura física pronta em Brasília para acolher as empresas que têm interesse de integrar essa força-tarefa com uma cláusula de confidencialidade.

Por que é tão difícil identificar os autores desses crimes digitais? Antes, o perfil desse criminoso era de um jovem que invadia bancos de dados muitas vezes apenas como desafio. Com o passar do tempo, percebemos que, presos, alguns desses hackers ficavam no mesmo ambiente de líderes de organizações criminosas, que se aproximaram e passaram a se associar a eles para fazer ataques. Instauramos 1 282 inquéritos policiais por crime cibernético nos últimos meses e solucionamos 92,8%. Esse ataque no Ministério da Saúde, que atingiu outros órgãos, não foi a pior invasão.

Qual foi a pior? A pior foi a do STJ *(em novembro de 2020)*, que ficou dezoito dias fora do ar. Por sorte, eles tinham um backup em disco e conseguiram recuperar os processos. A cada dia fica mais difícil identificar esses hackers devido à facilidade que eles têm de se movimentar pelo mundo, maquiando os IPs ou se sediando em países que não têm acordo de troca de informações com o Brasil.

Como o senhor quer ter a gestão lembrada na PF? Quando há a exposição precoce de uma autoridade pública investigada, isso pode ter sucesso na mídia e gerar a falsa sensação de combate ao crime, mas algumas dessas investigações mostrarão fragilidades, serão arquivadas e causarão um sentimento de frustração e descrédito. As investigações tratam da liberdade de pessoas, da vida financeira de empresas e não podemos permitir que direitos fundamentais sejam atacados e feridos. Resgatar a moral de uma pessoa inocente que teve sua reputação assassinada é praticamente impossível. Gostaria de ser lembrado como o diretor em cujo período a Polícia Federal combateu a corrupção com eficácia, sem fazer barulho desnecessário. Tudo isso sem atingir direitos de quem quer que seja.

> **"Não foi só o ex-ministro Ciro Gomes quem reclamou. Outras pessoas também fizeram queixas publicamente. Reafirmamos que não houve qualquer interferência política neste ou em qualquer outro caso"**

Recentemente a PF deflagrou uma operação contra o pré-candidato Ciro Gomes com pedidos de busca e quebra de sigilos por fatos supostamente cometidos entre 2010 e 2013. Isso não é espetacularização? Não foi só o ex-ministro Ciro Gomes quem reclamou. Outras pessoas também fizeram queixas publicamente. Reafirmamos que não houve qualquer interferência política do governo neste ou em qualquer outro caso. A direção da PF estabelece as diretrizes gerais das ações policiais, mas não pode e não deve interferir no conteúdo das investigações. Cada delegado tem sua autonomia e, consequentemente, responsabilidade pelo que faz ou deixa de fazer.

As delações premiadas foram um sintoma do que o senhor chama de espetacularização? Tenho uma proposta de aperfeiçoamento legal para as delações. Acredito que, quando a colheita das informações for feita pelo Ministério Público, a Polícia Federal deveria obrigatoriamente emitir um parecer sobre essa colaboração antes de o juiz competente homologá-la ou não. E vice-versa. Com isso teríamos um grande avanço, melhoraríamos a qualidade da delação e evitaríamos o uso político.

O senhor identificou esses exageros na Lava-Jato? A Lava-Jato foi mais uma das importantes operações da Polícia Federal, com seus erros e acertos, mas há mais de duas décadas a PF vem realizando grandes operações. Alguns casos, derivados dela, ainda estão em andamento na Justiça. Portanto, não me cabe emitir juízo de valor sobre eventuais erros ou acertos das investigações. De qualquer forma, é bom lembrar que a PF tem um longo histórico de combate à corrupção que não começa e nem termina com a Lava-Jato. ■

“MANO DO CÉU, VAI CAIR, SAI DAÍ”

A CENA foi chocante. No sábado 8, imagens de vídeos viralizaram pela internet, com o **desmoronamento de um colossal talude que se desprendeu de um cânion em Capitólio, à margem do Lago de Furnas, no sul de Minas Gerais – e atingiu em cheio uma lancha com turistas.** “Mano do céu, aquele pedaço vai cair, sai daí”, diziam visitantes a bordo de uma outra embarcação. Não houve tempo de fuga. Até a quinta-feira 13, dez pessoas tinham morrido. Foi um movimento selvagem da natureza, inesperado, imprevisível, talvez. Havia, contudo, maneiras de ter evitado a tragédia. Caberia uma análise geológica da região com mais minúcia e frequência, de modo a medir possíveis fraturas e riscos de rompimento. É o que fazem os responsáveis por parques como o do Monte Rushmore, em Dakota do Sul, nos Estados Unidos, com as colossais esculturas esculpidas na pedra de quatro presidentes americanos. Há controle eletrônico afeito a identificar mínimas oscilações. Em nota, a Sociedade Brasileira de Geologia informou que o acidente em Minas “expõe um grave problema relacionado com a gestão territorial em regiões destinadas ao geoturismo no Brasil”. Havia ainda outra complicação, atrelada ao sucesso popular da atração: as lanchas se amontoavam, em quantidade maior do que a desejada, muitas delas com passageiros sem coletes e orientações de segurança. Um pouco mais de cuidado evitaria que um sábado de verão, alívio para as preocupações da pandemia, resultasse no grito desesperado de “mano do céu, sai daí”, sem que pudesse ser ouvido. ■

Fábio Altman

REPRODUÇÃO

JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO

"Agora, se o senhor não possui tais informações ou indícios, exerça a grandeza que o seu cargo demanda e, pelo Deus que o senhor tanto cita, se retrate."

ANTONIO BARRA TORRES, presidente da Anvisa, ao rebater em nota as absurdas acusações de Jair Bolsonaro de supostos interesses escusos da agência na vacinação de crianças

"Carta agressiva, não tinha motivo para aquilo... Por enquanto, não tenho o que fazer no tocante a isso aí."

BOLSONARO, em tréplica, a seu estilo, sem mais dizer no tocante a aquilo ali

"Não tem necessidade de Carta ao Povo Brasileiro, as pessoas já conhecem o Lula. Não precisamos mais de um Palocci."

GLEISI HOFFMANN, presidente do PT

"A revolução digital e a ascensão das mídias sociais permitiram o aparecimento de verdadeiras milícias digitais, terroristas verbais que disseminam o ódio, mentiras, teorias conspiratórias e ataques às pessoas e à democracia."

LUÍS ROBERTO BARROSO, presidente do TSE

"Sou um homem do século XIX. Não sei o que estou fazendo aqui."

PAULINHO DA VIOLA, um dos mais geniais e profícuos compositores populares do século XX

"Não faz sentido homenagear Zumbi, um líder tirano e escravocrata."

SÉRGIO CAMARGO, presidente da Fundação Palmares, que defende a mudança de nome da entidade para Fundação Princesa Isabel

"Maconha é muito menos nociva que o álcool, incomparavelmente, mas tem essa carga, né, esse estigma."

FERNANDO MEIRELLES, cineasta, produtor da série *Pico da Neblina*, que faz um exercício futurista, imaginando o Brasil depois da suposta liberação da *Cannabis*

"Eles querem capturá-lo e prendê-lo outra vez. Novak está no meio de um furacão político. As pessoas na Austrália estão infelizes porque estiveram trancadas desde o início da pandemia."

DJORDJE DJOKOVIC, irmão do supercampeão de tênis, ao comentar a decisão de um juiz australiano que determinou a liberação do sérvio, detido na imigração do aeroporto de Melbourne por se recusar a mostrar comprovante de vacinação contra a Covid-19

JOÃO MIGUEL JUNIOR/TV GLOBO

"O que acho uma pena é viver num mundo ainda tão machista. O homem completa 60 anos e ninguém se espanta. E ainda falam: 'Olha como ele está gato, todo grisalho'. Vá tomar banho! É um coroa também, e está tudo bem."

JULIA LEMMERTZ, atriz de 58 anos

"Em toda a minha vida, nunca tinha ouvido um caos tão glorioso ou visto uma comoção tão grande como via naquela redação de jornal. Quando comecei a andar de um lado para o outro, sabia que queria ser jornalista."

CARL BERNSTEIN, que ao lado de Bob Woodward deu o "furo" que culminaria no escândalo de Watergate e na renúncia de Nixon, em sua autobiografia, ao narrar o começo da carreira profissional

"Conheço várias pessoas que são youtubers. E elas são escravas, velho!"

MARCOS PASQUIM, ator

INSTAGRAM @TARSILADOAMARAL

VANGUARDA Tarsilinha: nos anos 20 em Paris, a tia-avó foi amiga de Picasso

POP COMO FRIDA KAHLO

Responsável pela administração do espólio de Tarsila do Amaral, estrela do modernismo brasileiro, sua sobrinha-neta conta como pretende levar o legado da artista para muito além dos museus

Tarsila precisa ser redescoberta? Sim. Na Paris dos anos 1920, ela foi uma mulher de vanguarda. Era amiga de Pablo Picasso, teve aulas com o pintor Fernand Léger, era próxima do escultor Constantin Brâncusi. Era sensível, arrojada, culta e linda. Servia comida brasileira aos franceses. Era uma forma de firmar sua brasilidade. E quando ela chegava aos lugares, todos olhavam em sua direção. Gostava de colocar o cabelo para trás e passar um belo batom vermelho nos lábios. Ela não participou da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, porque estava na França. Mas se envolveu por meio da troca de cartas com a pintora Anita Malfatti, de quem era amiga muito próxima, e ao voltar, ingressou no grupo dos Cinco, formado por Anita, Tarsila e os escritores Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade e Mário de Andrade.

Quais os projetos envolvendo a obra de Tarsila? Estamos articulando uma exposição no Centro Pompidou, em Paris, e outra na Tate Modern, em Londres. Há um longa-metragem biográfico que terá produção-executiva de Simon Egan, o mesmo de *O Discurso do Rei*, de 2011, com roteiro da Daniela Thomas. Tenho a expectativa de que Tarsila seja interpretada por uma atriz como Angelina Jolie ou Marion Cotillard. E estamos negociando o lançamento de *Tarsilinha*, animação para o streaming inspirada em suas obras. Quero que Tarsila se popularize, como aconteceu com Frida Kahlo, e se transforme em um ícone pop no Brasil e no mundo.

A senhora está no centro de toda a movimentação em torno de Tarsila. Como era sua relação com ela? Tarsila era irmã do meu avô, Milton Estanislau do Amaral. Meu pai, Guilherme Augusto do Amaral, foi advogado dela e o sobrinho querido, com quem teve muita proximidade. Ela sofreu rejeição na família por ser pintora, casar-se quatro vezes (André Teixeira Pinto, Oswald de Andrade, Osório César, Luís Martins) e viver na Paris dos anos loucos. Mas meu avô e minha avó sempre estiveram ao lado dela. No fim da vida, eram meus pais que a levavam em todos os lugares.

O que ela achava de vocês terem o mesmo nome? Ela havia perdido a filha, Dulce, e meus pais decidiram homenageá-la. Ela se emocionou. Para mim foi um privilégio conviver com Tarsila. Andava por seu apartamento, em São Paulo, vendo quadros hoje expostos em museus e coleções relevantes. ■

Simone Blanes

DATAS

FRANK TRAPPER/CORBIS/GETTY IMAGES

PIONEIRISMO Poitier: o primeiro negro a receber o Oscar de melhor ator

AO MESTRE, COM CARINHO

Com *Uma Voz nas Sombras*, de 1963, **Sidney Poitier** foi o primeiro negro a levar o Oscar de melhor ator. Ele emprestou seu suave carisma a Homer Smith, um pedreiro desempregado que, durante uma viagem, encontra em uma fazenda remota nos Estados Unidos um grupo de freiras alemãs que vê nele um enviado dos céus para construir uma igreja na região desértica. Em 1967, estrelaria *No Calor da Noite*, o primeiro vencedor da estatueta de melhor filme com um protagonista negro e uma trama de teor racial — a trajetória de um detetive chamado a desvendar um caso numa cidade habitada por racistas. Naquele mesmo ano, faria sucesso com o adorável *Adivinhe Quem Vem para Jantar*, como o namorado de uma moça branca que o apresenta à família.

Seus personagens transformavam a raiva reprimida em respostas quase sempre silenciosas e determinadas, sem violência alguma — não por acaso, para as lideranças antirracistas americanas mais radicais, Poitier foi inúmeras vezes acusado de ser um "negro de alma branca". Ele seguiu em frente para provar que tinha feito a boa escolha, ao pavimentar Hollywood aos negros. No Brasil, foi eternizado por um clássico das matinês e das sessões da tarde na TV Globo nos anos 1970 e 1980 — *Ao Mestre, com Carinho*. Ele morreu em 6 de janeiro, aos 94 anos, em Los Angeles, de causas não reveladas pela família.

O INIMIGO DOS CARTOLAS CORRUPTOS

O jornalista **Andrew Jennings** foi um dos responsáveis por denunciar os escândalos de corrupção dos cartolas do Comitê Olímpico Internacional e da Fifa. Em 2015, a partir das revelações meticulosas do escocês Jennings, o FBI deflagrou uma investigação — conhecida como Fifagate — que culminaria na prisão de diversos dirigentes acusados de malversação. No Brasil, ele teve três livros lançados: *Os Senhores dos Anéis — Poder, Dinheiro e Drogas nas Olimpíadas Modernas* (Editora Best Seller), *Jogo Sujo — O Mundo Secreto da Fifa* e *Um Jogo Cada Vez Mais Sujo* (ambos pela Panda Books). Jennings morreu em 8 de janeiro, aos 78 anos, em Londres, de causas não reveladas.

A CASA DA INTELIGÊNCIA CARIOCA

A Livraria Leonardo da Vinci é um marco indelével da cultura do Rio de Janeiro. Fundada em 1952 pela italiana **Vanna Piraccini** e seu marido, o romeno Andrei Duchiade, começou a funcionar em um prédio na Avenida Presidente Vargas. A partir de 1956, foi transferida para o subsolo do Edifício Marquês do Herval, perto da Cinelândia, que acabara de ser inaugurado. Rapidamente se transformou em ponto de atração para os intelectuais cariocas, ávidos por consumir livros estrangeiros que só a Da Vinci tinha, ponto de eterno renascimento das boas ideias. Carlos Drummond de Andrade, um de seus mais amorosos frequentadores, dedicou a ela um poema, em 1973: "A vida chega aqui / filtrada em pensamento / que não fere; no enlevo / tátil-visual de ideias / reveladas na trama / do papel e que afloram / aladamente e dançam / quatro metros abaixo / do solo e das angústias (...)". Em 1996, a livraria passou a ser gerenciada pela médica Milena Duchiade, filha do casal fundador. Em 2015, foi comprada pelo livreiro Daniel Louzada, seu atual proprietário. Vanna morreu aos 95 anos, em 9 de janeiro, no Rio, de causas naturais. ■

MÔNICA IMBUZEIRO/AG. O GLOBO

REFERÊNCIA Vanna, da Leonardo da Vinci: a intelectualidade do Rio

FERNANDO SCHÜLER

DA REPÚBLICA E DEMOCRACIA

O CONTRA-ALMIRANTE Barra Torres, presidente da Anvisa, disse que Bolsonaro deveria provar o que havia dito — que havia "interesses" por trás da decisão da Anvisa sobre a vacinação infantil — ou então deveria se retratar. Nos corredores de Brasília a opinião geral era de que Barra Torres havia dado uma "enquadrada" em Bolsonaro. De certo modo é verdade. É evidente que Bolsonaro não tinha nenhuma informação objetiva sobre nada que pudesse desabonar a conduta de Barra Torres. Era só mais uma frase vazia, na estranha cruzada presidencial contra as vacinas. Dias depois recuou, como de hábito, dizendo que não havia falado em corrupção, "mas que tem alguma coisa ali, não tem a menor dúvida...".

ARCHITECT OF THE CAPITOL

ORIGEM Pais fundadores dos EUA: "homens não são anjos"

É só mais um episódio. Ele nos conta muito sobre o debate brasileiro atual. Em primeiro lugar, Barra Torres fez aquela carta porque pode fazer. Ele tem mandato até 2024, seu nome foi aprovado pelo Senado, e o presidente não pode nada contra ele. Se ele errou no "tom", cada um pode julgar. O fato é que o país aprovou um marco regulatório para as agências reguladoras, no primeiro ano do próprio governo Bolsonaro, que deu ampla autonomia às agências, estendeu o mandato de seus diretores para cinco anos e criou regras duras de proteção contra sua "captura" pelo sistema político, como a proibição de nomear políticos e seus parentes até o terceiro grau para cargos de comando em suas diretorias e conselhos.

Quando a lei das agências reguladoras foi aprovada no Congresso, em 2019, Bolsonaro vetou a lista tríplice, para indicação dos presidentes de agências, e usou um argumento curioso. "Vocês querem que eu vire a rainha da Inglaterra?" Quando escutei a frase, achei uma boa ideia. E foi o que aconteceu. Na última *live* sobre o tema, Bolsonaro lascou, referindo-se a Barra Torres: "Depois da nomeação, ele ganhou luz própria, espero que ele acerte lá". Bolsonaro parecia magoado que o contra-almirante, indicado por ele, não siga as suas recomendações. Não deveria. Deveria estar orgulhoso e dizer o seguinte: tenho orgulho de um país onde o presidente pensa uma coisa, mas há uma agência independente, de caráter técnico, que decide em outra direção. É o Estado brasileiro funcionando.

Um dos traços das democracias iliberais é exatamente essa colonização de estruturas independentes, do Estado, pelo poder político. Na Venezuela, Chávez mudou a composição da Suprema Corte e nomeou juízes aliados ao governo. Um grupo de juristas venezuelanos analisou 45 474 sentenças do Tribunal Supremo de Justiça, entre 2004 e 2013, e descobriu que nenhuma delas contrariou as posições do governo. O comando é político e a autonomia do Judiciário virou peça de ficção. No Brasil, fomos na direção contrária. Nossa Suprema Corte não apenas preservou seus poderes, como os ampliou. Tornou-se poder "moderador" da República, além de "curador" de opinião, como disse o ministro Dias Toffoli.

No plano da regulação e políticas públicas, não só fizemos uma lei robusta de autonomia das agências reguladoras, como consagramos a autonomia do Banco Central, o que significa que o presidente não tem mais poder sobre a política monetária. À época da aprovação da autonomia do BC, Ciro Gomes disse que era o caso de o povo "ir para as ruas e quebrar tudo". Lula disse que a lei "entrega a administração do Banco Central ao sistema financeiro". O argumento é curioso. Se é o presidente que indica e o Senado que aprova a direção do banco, por que raios o poder passaria ao mercado financeiro? Na verdade, não passa. Assim como não há nenhum "interesse por trás" da decisão da Anvisa ao autorizar a vacinação infantil. É apenas o resmungo dos políticos, à esquerda e à direita, contra a ideia de que uma República digna desse nome se faz com o adequado equilíbrio entre as esferas de decisão política e instituições de natureza técnica, com visão de longo prazo, devidamente protegidas do vaivém dos humores do mercado político.

Em um caso como esse da vacinação infantil, há duas opções. Ou os políticos tomam a decisão, Bolsonaro ou

Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

qualquer outro presidente, ou a decisão fica com uma agência independente, de corte técnico. Qual das duas é a melhor? Políticos e técnicos podem errar, não é essa a questão. A pergunta é: qual dos dois modelos está menos sujeito a ideologia e jogos de pressão? Outra questão: alguém se sente tolhido de seus direitos democráticos porque uma decisão dessas é tomada por uma agência independente, e não por um político eleito?

Reflexões como essa levaram o professor Garrett Jones, da Universidade George Mason, em Washington, a escrever um livro com um título provocador, *10% Less Democracy*. Jones quase foi "cancelado" quando disse, em uma palestra, que estaríamos um pouco melhor se tivéssemos um pouco menos de democracia. Ele havia trabalhado no Senado americano e visto como os senadores mudavam sua postura quando se aproximavam do período eleitoral. Um acordo de livre-comércio, por exemplo, dificilmente era apoiado pelos parlamentares a menos de dois anos das eleições. É só um exemplo. O sistema político de fato funciona assim. Percebam como algo patético acontece exatamente agora, no Brasil. O crescimento do país é pífio, há reformas cruciais a fazer, tributária e administrativa à frente, mas aceitamos passivamente que "tudo ficará para 2023". Ou seja, 25% do tempo da política jogamos pela janela evitando "decisões difíceis" e sujeitas a bizarrices populistas.

Jones diz que a democracia é ótima, e até por isso precisa funcionar. E que, a partir de um certo ponto, o hiperdecisionismo político só cria ineficiência, sem garantir direitos nenhum. Países que protegem centros estratégicos de decisão, como bancos centrais e agências de regulação, geram previsibilidade, segurança jurídica para indivíduos e investidores, e apresentam melhor performance a longo prazo. Há quem diga que isso é tudo muito pouco democrático. Que o melhor seria deixarmos tudo nas mãos dos políticos eleitos, dado que eles representam a "vontade da maioria". Bolsonaro talvez pense dessa forma, no tema da Anvisa, assim como Lula, no tema do Banco Central. Mas eles podem estar errados. Talvez do que realmente estejamos precisando não é de um governo menos democrático, mas de um Estado apropriadamente republicano.

Os pais fundadores da República americana sabiam que tinham um trabalho complexo pela frente. Que era preciso, como escreveu Hamilton, em *O Federalista*, "primeiro habilitar o governo a controlar os governados e, depois, o governo a controlar a si próprio". Eleições são essenciais à República, mas não a definem. É preciso conhecer a "natureza humana" para constituir um bom governo. Governantes erram, o abuso espreita o exercício do poder. "Os homens não são anjos. Se o fossem", diz Hamilton, "nenhuma espécie de governo seria necessária".

> "Instituições que dizem 'não' ao presidente protegem os cidadãos"

O Brasil, aos trancos e barrancos, caminha nessa direção. Nosso presidente fica mal-humorado quando contrariado, mas deveria se orgulhar em contar com uma engrenagem de instituições feita não para garantir decisões perfeitas, mas para reduzir a chance da imperfeição. Instituições que frequentemente lhe dizem "não", com isso nada mais fazendo do que proteger os nossos direitos. O que é, no fim das contas, a missão mais essencial do contrato político. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBE

MERCADO DE CAPITAIS
As companhias brasileiras captaram 596 bilhões de reais em 2021 – 60% a mais que no ano anterior – e fizeram 46 IPOs (ofertas iniciais de ações), novos recordes na história do país.

MAYA ANGELOU
Autora de 36 livros e ativista antirracismo, a poeta americana, morta em 2014, tornou-se a primeira negra a estampar uma moeda de dólar nos EUA.

ATAQUE DOS CÃES
A produção da Netflix levou os Globos de Ouro de melhor filme e de direção para Jane Campion – foi a volta triunfal da neozelandesa ao cinema depois de doze anos.

DESCE

FORD
Depois de fechar as fábricas no Brasil, a montadora emplacou 38 000 veículos no país em 2021 – foram 139 000 em 2020 – e ficou pela primeira vez fora do "top 10" das marcas mais vendidas.

BORIS JOHNSON
O primeiro-ministro britânico pediu "desculpas sinceras" por ter burlado o isolamento social ao participar de uma festa na sede do governo em 2020.

SILAS MALAFAIA
O pastor evangélico, aliado de Bolsonaro, foi obrigado pelo Twitter a apagar onze posts nos quais chamava a vacinação de crianças de "infanticídio".

EXPLOSÃO Planalto: onda de casos de Covid fez ambulatório do palácio colapsar

FÁBIO POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

Antro de infectados

A explosão de casos de Covid-19 na **Presidência** fez o ambulatório do palácio entrar em colapso nesta semana. Sem médicos para tanta procura, servidores doentes chegaram a esperar quatro horas por uma consulta. Até os testes de Covid-19 foram racionados.

Missão impossível

Depois do susto de Jair Bolsonaro com o camarão, sobrou para a primeira-dama a tarefa de fiscalizar a alimentação do presidente. Pobre Michelle.

Prescrição médica

Além de mastigar direito, Bolsonaro agora faz duas caminhadas por dia de trinta minutos. Ordens dos médicos.

Banho de sal grosso

Depois da guerra com Ciro Nogueira no Natal, Flávia Arruda tirou uma folga para curar feridas. Está na praia.

Orelha quente

Desde a prorrogação do inquérito das milícias digitais, Bolsonaro voltou a detonar Alexandre de Moraes. Daí a nova onda de ataques ao STF.

Não olhe para cima!

Os ataques de Bolsonaro às vacinas para crianças estão escorados numa pesquisa do Paraná. De acordo com o instituto, 72,4% dos brasileiros reprovam o presidente. Mas 21,8% o apoiam.

Ideia fixa

No pouco tempo que passa no Planalto, Bolsonaro só fala de reeleição. Diz um ministro: "O presidente não faz outra coisa. Só pensa em como ficar mais quatro anos nessa cadeira".

Bote na agenda

Bolsonaro já tem previsão para Tarcísio de Freitas passar Rodrigo Garcia nas pesquisas em São Paulo: junho.

Quero ele longe

Michel Temer e Baleia Rossi discutiram a relação no fim de ano, depois de o partido lançar Simone Tebet ao Planalto. Baleia diz que usou Simone para barrar o assédio de Lula ao MDB.

Agora, não

Que Dilma Rousseff não ouça, mas Lula tentou marcar uma conversa com Michel Temer no fim de ano. Ainda magoado, Temer rejeitou o convite.

Golpe imobiliário

Ciro Gomes deu a volta em Fernando Collor na Justiça. Antes de perder um apartamento para Collor numa ação de danos morais, Ciro usou o imóvel para pegar em sigilo um empréstimo na Caixa. Na hora de decidir quem recebia o dinheiro, o juiz priorizou o banco público e deixou Collor na chuva. O senador agora processa novamente Ciro por fraude. "É mais um crime do Ciro", diz Eunício Oliveira, que arrematou o imóvel no leilão judicial.

NELSON ALMEIDA/AFP

UM ROLO SÓ Ciro: pedetista é alvo de ação de Fernando Collor por fraude

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Laísa Dall'Agnol e Lucas Vettorazzo

Rivalidade eterna

O que Eunício vai fazer com o apartamento que tirou de Ciro? Duas coisas: "Primeiro, vou fazer uma foto bem bonita no dia em que o Ciro for tirar os bagulhos dele de lá. Depois, vou emprestar para os amigos que quiserem passear na praia".

Ninguém é de ferro

Augusto Aras tirou esses primeiros dias do ano para descansar no luxuoso Kurotel Spa, em Gramado.

Morde e assopra

Ministros do STF próximos a Aras dizem que ele vai abrir inquéritos contra Bolsonaro na volta do recesso. Denunciar o presidente por crimes, no entanto, é algo bem distante.

Bye-bye, confusão

Luiz Fux está de férias nos Estados Unidos. Bolsonaro que brigue sozinho por aqui.

Melhor desistir

Colegas de Alexandre de Moraes querem que ele desista de tentar prender Allan dos Santos. Sem o ímpeto da Interpol, a ordem virou tiro n'água.

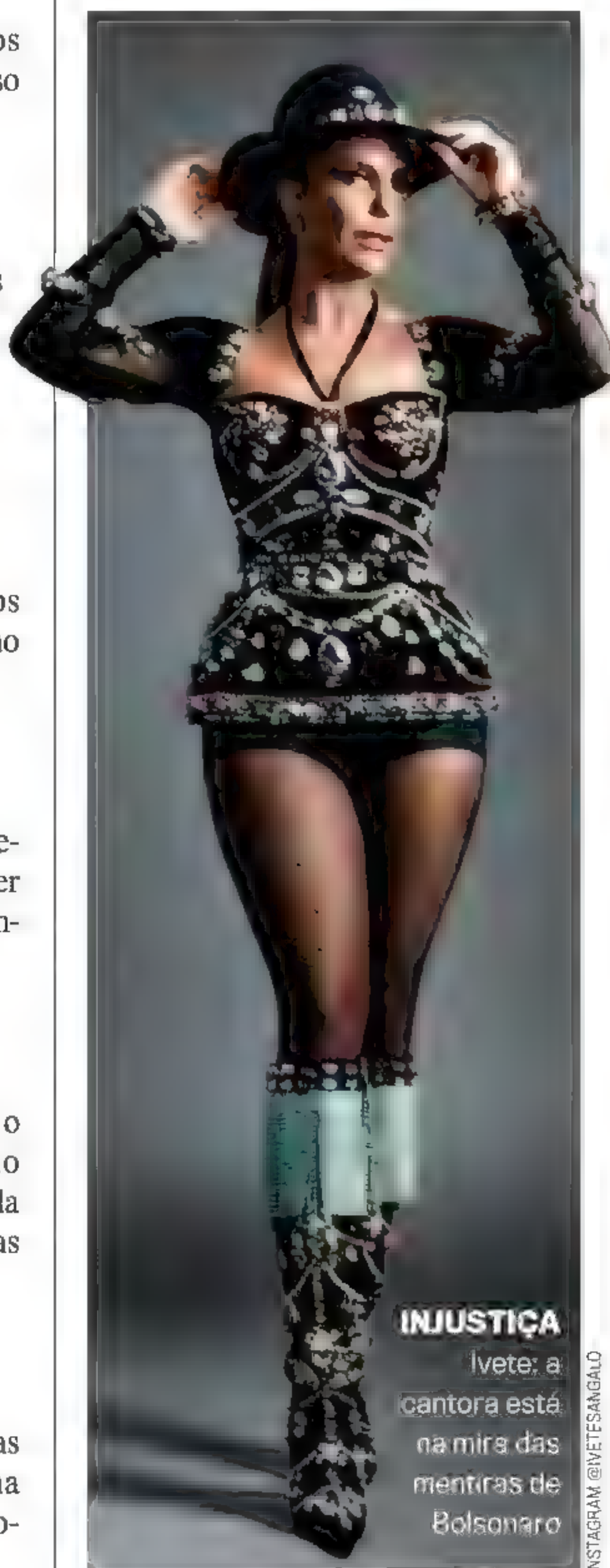
Segredos da caserna

O MPF abriu três investigações sobre o coronel do Exército José Rozário Araújo Monti, ex-chefe de Logística da Academia Militar das Agulhas Negras por suspeita de improbidade.

Será?

Depois de socorrer vítimas das chuvas na Bahia, João Roma recebeu uma pesquisa. A avaliação negativa do governo caiu 5 pontos no estado.

Meu amigo czar

A ala militar do governo tem grandes planos para a viagem de Bolsonaro à Rússia. Além de fechar a compra de um sistema de mísseis antiaéreos, o Pantsir S1, há a expectativa de que os russos aceitem compartilhar tecnologia sobre sistemas de combate a drones e contra ataques cibernéticos na área de infraestrutura.

INJUSTIÇA Ivete: a cantora está na mira das mentiras de Bolsonaro

INSTAGRAM @IVETESANGALO

Desventuras em série

A primeira quinzena de 2022 tem sido um banho de realidade para Paulo Guedes. "Bolsonaro já descumpriu tudo que combinou no fim do ano", diz um auxiliar do ministro. Na verdade, esse comportamento já era esperado. "Não dá para arrumar a casa e entregar para o Lula", disse o presidente numa conversa recente.

Papai Noel generoso

Gigante dos shoppings no Brasil, a Multiplan teve um Natal histórico. Melhor que o de 2019, na pré-pandemia. Cerca de 1 bilhão de reais em vendas.

Memórias da tortura

Militante estudantil da ALN torturada pela ditadura, Ana Maria Ramos Estevão lança o livro *Torre das Guerreiras*, pela Editora 106. O prefácio é de Dilma Rousseff: "A brava Ana Maria soube enfrentar o pior e, felizmente, está aqui para nos contar. Muitas não tiveram a mesma chance", escreveu Dilma.

Alvo de *fake news*

Bolsonaro acusou **Ivete Sangalo** de receber 10 milhões de reais da Lei Rouanet — como se fosse um crime um artista valer-se de incentivos culturais. Mas nem isso era verdade. Sob Bolsonaro, Ivete, na verdade, captou 813 000 reais, em 2019, para realizar shows em seis capitais. A musa caiu em desgraça com o bolsonarismo ao criticar o presidente num show. ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.

LEIA MAIS NO SITE DE VEJA

EM VOZ ALTA
Moro: o pré-candidato do Podemos parte para o ataque contra os adversários

RUY BARON BARONIMAGENS

CAPA: FOTO DE RUY BARON BARONIMAGENS

“ELEGER LULA OU BOLSONARO É SUICÍDIO”

Num tom mais agressivo que o habitual, o ex-juiz Sergio Moro diz que entregar o país ao petista é dar aval à roubalheira, que o atual presidente é mentiroso e leniente com a corrupção e que ele é o único candidato da terceira via com chances de vencer a eleição

LARYSSA BORGES

Desde que anunciou sua pré-candidatura a presidente da República, em novembro passado, a rotina, os hábitos e o comportamento de Sergio Moro mudaram substancialmente. Dois meses atrás, se alguém perguntasse ao ex-juiz a opinião dele sobre o retorno do ex-presidente Lula ao centro do debate político, receberia uma resposta evasiva, insossa, na linha do “eu prefiro não falar sobre pessoas”. Moro demonstrava então uma extrema dificuldade em reagir a ataques, se recusava a criticar de maneira veemente quem quer que fosse e não se sentia à vontade em caracterizar adversários com adjetivos mais contundentes. O máximo que o léxico do ex-ministro da Justiça conseguia produzir em uma situação de confronto era classificar Jair Bolsonaro como “populista” — ainda assim, no calor de sua demissão do cargo e depois de ser xingado de traidor e mentiroso pelo antigo chefe. Se a disputa fosse por uma vaga no Itamaraty, Moro estaria habilitado naquele tempo. Para uma batalha eleitoral que promete ser uma das mais acirradas desde a redemocratização e competindo com profissionais da política, havia dúvidas.

Na terça-feira 11, o pré-candidato do Podemos concedeu uma entrevista a VEJA. Confrontado com a mesma pergunta feita há dois meses sobre Lula, o juiz foi rápido: “É um acinte, um tapa na cara dos brasileiros, um desastre, um sinal verde para a volta da roubalheira”. E, na sequência, ainda emendou críticas pesadas à Justiça, particularmente ao Supremo Tribunal Federal, que anulou as condenações impostas a Lula pela Operação Lava-Jato. “As pessoas sabem quem está do lado certo dessa história, quem combateu a corrupção, quem cometeu corrupção e quem favoreceu a corrupção”, alfinetou. E sobre Bolsonaro? O insosso “populista” agora vem acompanhado de “mentiroso, enganador, irracional e inconfiável”. Moro diz tudo isso sem pensar muito, em um tom de voz acima do natural, cheio de inflexões, resultado de horas e horas de treinamento com fonoaudiólogos, sessões de media training e ensaios com especialistas em oratória.

Mais agressivo, o ex-ministro dispara até na direção de possíveis aliados. Explica que não pensava em ser candidato e esperou até o último instante por alguém que representasse uma alternativa eleitoralmente competitiva para liderar a chamada terceira via, o que na opinião dele não aconteceu. Agora, se irrita com as especulações de que poderá trocar a disputa presidencial por uma vaga no Senado por São Paulo, numa chapa encabeçada por João Doria (PSDB). Moro desconfia que os boatos são turbinados por campanhas “irmãs” e reafirma

ALVO Jair Bolsonaro: mentiroso, enganador, irracional, inconfiável e, no momento, o adversário número 1

que não vai desistir, especialmente "em prol de alguém que aparece nas pesquisas com 1%, 2% ou 3%" — mais uma alfinetada, desta vez indireta.

Mesmo com essa mudança de comportamento, não será fácil o desafio. Levantamento da Quaest Consultoria encomendado pela Genial Investimentos, a primeira feita em 2022, mostra o ex-juiz na terceira colocação, com apenas 9%. Lula lidera, com 45%, e Bolsonaro (PL) aparece em segundo, com 23%. Ciro Gomes (PDT) e João Doria registram, respectivamente, 5% e 3%. Numa análise mais cuidadosa, o levantamento até sugere que há espaço para a construção de uma candidatura de terceira via. Do total de entrevistados, 26% não querem nem a vitória de Lula nem a de Bolsonaro. Entre eles, 44% disseram que votariam ou poderiam votar no ex-juiz. Mas hoje nenhum dos candidatos dessa ala consegue personificar essa insatisfação. A seguir, os principais trechos da entrevista em que Sergio Moro também fala de economia, aborto, drogas e revela quem será seu alvo inicial nos primeiros meses de campanha.

"O presidente mente ao falar que acabou a corrupção. Ele não queria combater nada. Queria apenas se blindar, ficar longe do alcance da Justiça. Ele me disse que eu tinha de sair do governo porque não aceitava protegê-lo de investigações"

Por que o senhor quer ser presidente? Precisamos romper essa polarização, que tem transformado os brasileiros e dividido as pessoas entre amigos e inimigos. Estamos todos no mesmo barco. Tenho a credibilidade construída durante minha carreira de juiz, especialmente na Operação Lava-Jato, em que conseguimos responsabilizar pessoas que tinham cometido grandes crimes de corrupção, e durante minha passagem pelo Ministério da Justiça, para onde entrei a fim de reali-

zar um projeto e de onde saí porque vi que havia sabotagem do presidente. Isso demonstra minha integridade e meu compromisso com princípios e valores que são importantes para construir um projeto para o Brasil. Infelizmente, não vejo nas candidaturas de extremos uma proposta de país.

Por que os eleitores devem acreditar que sua candidatura é para valer? Esperei por uma candidatura que rompesse a escolha trágica entre Lula e Bolsonaro, mas ela não veio. Agora que apresentei meu nome e minha candidatura é a mais viável da terceira via, por que abrir mão dela? Não faz sentido eu desistir em prol de alguém que tem 1%, 2% ou 3%. Temos de respeitar todo mundo que quer colocar seu nome à disposição, mas é importante que em algum momento haja uma aglutinação em torno de um projeto e das pessoas que têm condições de realizá-lo. Hoje, vejo minha candidatura com as melhores chances de êxito.

Como é concorrer com um político que o senhor, como juiz, condenou por corrupção? É triste, constrangedor. O Brasil está retrocedendo. Infelizmente, temos uma Justiça muito formal, que acaba privilegiando as pessoas poderosas em detrimento da aplicação da lei. Todo mundo sabe que aconteceram os crimes na Petrobras, que a empresa foi saqueada por um projeto de enriquecimento ilícito de pessoas inescrupulosas e de financiamento ilegal de partidos políticos, entre eles o PT. Assistir às anulações de condenações como as de Sérgio Cabral, Eduardo Cunha e Lula é desalentador. Não é essa ideia de justiça que os brasileiros querem.

ROBERTO PAR ZOTTI

RETROCESSO Lula: corrupção, fisiologia e claro flerte com o autoritarismo

"O governo do PT foi baseado em modelos de corrupção. O retorno de Lula ao poder depois dos escândalos do mensalão e do petrolão seria um tapa na cara de todos os brasileiros. Seria dar aval à roubalheira, dizer à sociedade que se pode roubar à vontade"

As maiores críticas sobre a sua atuação como juiz partiram de alguns ministros do Supremo Tribunal Federal. Até gente que confessou crimes tem tido condenações anuladas pelo STF. As pessoas precisam saber que a lei vale para todos, mas o Supremo, com essas decisões, reacendeu a crença de que não se pode confiar na Justiça para punir poderosos. As pessoas sabem quem está do lado certo dessa história, quem combateu a corrupção, quem cometeu corrupção e quem favoreceu a corrupção. Prova disso é que eu posso sair às ruas com tranquilidade, mas tem corrupto com condenação anulada e magistrado que anulou essas condenações que não podem fazer isso nem aqui nem no exterior.

Se for eleito, vai poder indicar o procurador-geral da República e o diretor-geral da Polícia Federal. Reeditar operações como a Lava-Jato faz parte dos planos? Hoje, os governantes não acham que combater a corrupção é prioritário. Se for eleito, as grandes operações policiais serão retomadas, garantindo independência e autonomia à Polícia Federal e ao Ministério Público, que já não são mais os mesmos da época da Lava-Jato. O poder infelizmente gera tentações e é preciso ter mecanismos formais para

> **“Esperei por uma candidatura que rompesse a escolha trágica entre Lula e Bolsonaro, mas ela não veio. Agora que apresentei meu nome e minha candidatura é a mais viável da terceira via, por que abrir mão dela? Não faz sentido eu desistir em prol de alguém que tem 1%, 2%, 3%”**

proteger as instituições. A lista tríplice para a escolha do procurador-geral da República é um mecanismo importante. Fixar um mandato para o diretor-geral da Polícia Federal também.

FATIMA MEIRA/FUTURA PRESS

TERCEIRA VIA Doria: o ex-juiz se enxerga mais forte que o governador

A pecha de traidor difundida pelos apoiadores do presidente Bolsonaro incomoda? Tem muita gente sendo enganada. O presidente mente ao falar que acabou a corrupção. Os mecanismos que levaram ao mensalão e ao petrolão voltaram com a aproximação com o Centrão e com a política fisiológica do toma lá dá cá. Bolsonaro não queria combater nada. Queria apenas se blindar, ficar longe do alcance da Justiça. Ele me disse que eu tinha de sair do governo porque não aceitava protegê-lo de investigações. Prefiro ser alvo de críticas injustas e até de mentiras a permanecer como cúmplice de coisa errada.

A economia, dizem as pesquisas, deve ser o fator definidor do voto a presidente em 2022. Qual o papel dela em sua plataforma de campanha? O ponto primário do nosso programa é a retomada do crescimento econômico porque isso gera emprego e renda e abre oportunidade para negócios. Temos de diminuir a inflação, propiciar a redução dos juros, recuperar a credibilidade fiscal do país, acelerar as privatizações. O mercado está se enganando se realmente acredita no Lula bonzinho do primeiro mandato. É uma ilusão. Um novo governo petista será desastroso. E do outro lado, você tem um governo errático, irracional e inconfiável, que enganou os eleitores ao prometer e não realizar as reformas de que o país precisa.

O senhor tem defendido uma reforma administrativa. É a favor de restringir a estabilidade do servidor público? Não parto do pressuposto de que o servidor público é o vilão da história, mas precisamos de meritocracia. Foi aprovada em 1998 a possibilidade de demissão por insuficiência de desempenho, mas isso nunca foi regulamentado. Demissão é o último remédio a ser aplicado, mas é preciso ter um mecanismo para aqueles que não respondem a contento.

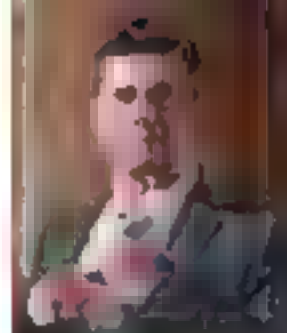
HEULER ANDREY AFP

LAMENTO Lava-Jato: para Moro, anulações de condenações como a de Eduardo Cunha é efeito desalentador

"Hoje, os governantes não acham que combater a corrupção é prioritário. Se for eleito, as grandes operações policiais serão retomadas, garantindo independência e autonomia à Polícia Federal e ao Ministério Público, que não são mais os mesmos da época da Lava-Jato"

O país está maduro para ampliar as hipóteses de aborto legal ou para descriminalizar o uso de drogas recreativas? Nosso projeto envolve a manutenção da legislação atual, que proíbe o aborto e o permite em caso de risco à vida da mãe e em casos de estupro. Tenho uma postura pessoal contra o aborto. Também sou contra o uso de drogas, inclusive para uso recreativo. Drogas geram um dano à saúde das pessoas e expõe nossas crianças e adolescentes. Sempre fui muito rigoroso contra grandes traficantes de drogas.

Quem é o seu principal adversário nesta fase da campanha? O adversário principal no primeiro turno é o Bolsonaro. Quero dar às pessoas a alternativa de que não é preciso tratar quem pensa diferente como inimigo. As pessoas sabem que esse governo não tem compromisso com o combate à corrupção e que não funcionou na economia. Elas precisam de uma outra alternativa, inclusive para enfrentar o outro extremo, que é o Lula. Se insistirem na polarização vamos acabar entregando o poder ao Lula.

Qual seria a consequência desse cenário? O governo do PT foi baseado em modelos de corrupção. Ele poderia dar a volta por cima se reconhecesse os erros e crimes que praticou, mas como nega esses fatos, apesar das confissões de empreiteiras e da devolução de milhões de dólares, minha única conclusão é que ele quer repetir a história. Isso é inaceitável. O retorno de Lula ao poder depois dos escândalos do mensalão e do petrolão seria um acinte, um tapa na cara de todos os brasileiros. É a mesma coisa que falar para a sociedade que se pode roubar à vontade. Além disso, o PT tem a mesma vocação autoritária do bolsonarismo, e vai tentar manietar as instituições.

FE... PE SAMPAIO SCO STF

PETARDO Supremo: para o ex-juiz, o Tribunal acaba privilegiando as pessoas poderosas em detrimento da lei

O senhor recusará algum tipo de apoio político na campanha? Não recusarei nenhum apoio incondicionado. O que não dá é um político apoiar e em troca exigir um ministério ou a Petrobras. Pela minha experiência é difícil ter um apoio incondicional, mas é preciso dialogar com as pessoas para ver que tipo de aliança podemos construir. Não dá para fazer uma aliança quando os projetos são diferentes. Não há possibilidade de diálogo com o Ciro Gomes, por exemplo.

> **"O Supremo reacendeu a crença de que não se pode confiar na Justiça para punir poderosos. Prova disso é que eu saio às ruas com tranquilidade, mas tem corrupto com condenação anulada e magistrado que anulou essas condenações que não podem fazer isso nem aqui nem no exterior"**

Estima-se que a campanha presidencial será uma das mais virulentas da história. Isso preocupa? Sei que os ataques dirigidos a mim são baseados em mentiras, são coisas de quem não tem argumento para debater na campanha. Tenho casca grossa. Mas há também o risco de violência física. Estou tomando precauções contra atentados.

O TCU suspeita que o senhor enriqueceu ilegalmente após deixar o governo e ir trabalhar na iniciativa privada. Não sou milionário e nem fiquei milionário na carreira privada. Nunca prestei nenhum serviço — e isso estava proibido no meu contrato com a consultoria — a empresas vinculadas à Operação Lava-Jato. Quem divulga isso mente. O TCU tem responsabilidade de fazer controle sobre a administração pública e devia se focar nisso, porque há muito a ser feito.

O senhor poderia dizer quanto ganhou como consultor depois que deixou o Ministério da Justiça? Não revelo o valor do contrato por ser uma relação privada. O tribunal tem uma atuação indevida e ilegal

RENATO S. CERQUEIRA/FUTURA PRESS

PROMESSA Economia: o programa de Moro vai dar prioridade a reformas, privatizações e retomada do crescimento

nesse caso e vai quebrar a cara porque não tem nada de errado na minha relação privada com a consultoria que me empregou. Repito: não enriqueci nem como juiz nem como ministro. Meu trabalho na iniciativa privada era ajudar as empresas a prevenir casos de suborno. Minha carreira privada de certa maneira é uma continuidade da minha vida pública, de combate à corrupção e em prol da integridade. Tudo será declarado no seu devido tempo e lugar.

O senhor sempre disse que não reconhecia o teor das mensagens que trocou com procuradores da Lava-Jato e que mostram uma relação, no mínimo, conivente entre juiz e acusação. Não é o caso de fazer um mea-culpa? As pessoas vêm criticar a mim e ao Deltan *(Dallagnol, então chefe da Lava-Jato em Curitiba)*, mas sobre o pessoal que mandou anular tudo, sobre o Congresso que reviu as leis e sobre o Bolsonaro, que desmantelou o combate à corrupção, ninguém fala nada? Não existe nada naquelas mensagens de alguém que tenha sido condenado e era inocente, não teve fabricação de provas, não teve nada ali que justificasse a anulação das condenações. O que acontece é a velha história de que rico e poderoso nunca vai para a prisão. Desta vez usaram essas mensagens como álibi para impunidade.

"O mercado está se enganando se realmente acredita no Lula bonzinho do primeiro mandato. É uma ilusão. Um novo governo petista será desastroso. E do outro lado você tem um governo errático, irracional e inconfiável, que enganou os eleitores ao prometer e não realizar as reformas de que o país precisa"

Por que grande parte das críticas à Lava-Jato vem de advogados? Há um grupo de advogados, como esse Prerrogativas, trabalhando pela impunidade de corruptos. Esses mesmos advogados se arvoram de alguma espécie de ética, de alguma espécie de superioridade moral em relação ao Ministério Público e em relação aos juízes que participaram desses casos. No fundo a vergonha está neles.

Na condição de eleitor, em quem o senhor votaria num eventual segundo turno entre Lula e Bolsonaro? O Brasil não corre o risco de ter essa escolha trágica. Eleger Lula ou Bolsonaro é suicídio. ■

RICARDO STUCKERT

OPORTUNISTA Lula: melhor posar ao lado de ex-adversários, como Geraldo Alckmin, do que com alguns aliados

ESQUEÇAM O MEU PASSADO

Além de tentar reescrever os capítulos mais sombrios dos seus anos de governo, o PT também quer apagar da história a ex-presidente Dilma Rousseff **RAFAEL MORAES MOURA**

O EX-PRESIDENTE Lula (PT) se encontra numa situação confortável neste início de ano eleitoral. Segundo as pesquisas, ele tem chances de vencer no primeiro turno a corrida ao Palácio do Planalto e, num eventual segundo turno, derrotaria todos os adversários com folga. Já Jair Bolsonaro (PL), hoje o seu principal rival, enfrenta uma crise de popularidade e tem seu governo reprovado por metade da população. Diante desse quadro, petistas costumam dizer que o ideal para Lula é "jogar parado", evitar bola dividida e só entrar em campo para agendas positivas. Ressalvadas as exceções de praxe, como as caneladas dadas na reforma trabalhista, Lula tem seguido à risca essa estratégia, mas a sua campanha não se resume a isso. Além da tentativa de aparentar moderação, o ex-presidente e seus aliados mais próximos trabalham para varrer do cenário eleitoral correligionários que ostentam altos níveis de rejeição ou mesmo fatos que podem atrapalhar a conquista de votos. A ex-presidente Dilma Rousseff é candidata a puxar a fila dos expurgos. O plano do partido é ignorar o mandato dela, tratá-la como um experimento de continuidade que deu errado, no mínimo demarcar as diferenças para deixar claro que o criador, Lula, nada tem a ver com a sua criatura.

Um ensaio dessa dissociação ocorreu no fim do ano passado, durante um jantar que reuniu o ex-presidente, o ex-governador Geraldo Alckmin (sem partido), ventilado como possível vice na chapa do PT, e políticos de diversas legendas, inclusive do MDB, que apoiou o impeachment de Dilma. A ex-presidente não compareceu a esse ato político de tamanha importância e visibilidade porque não foi convidada e considerou isso uma descortesia. Ela ficou particularmente incomodada com o fato de a ex-prefeita Marta Suplicy, que votou a favor de seu afastamento, ter ocupado um lugar de destaque no evento, sentando-se à mesa com Alckmin e o ex-ministro Fernando Haddad, pré-candidato do PT ao governo de São Paulo. Quando a

ROBERTO STUCKERT FILHO/PR; STOCK/GETTY IMAGES

INCOMPETÊNCIA Dilma: o PT deseja expurgar a ex-presidente

ausência da ex-presidente no jantar foi percebida, os petistas tentaram minimizar o fato, atribuído a uma falha de comunicação. Tal esforço ruiu quando Washington Quaquá, vice-presidente do PT, afirmou que Dilma não tem mais "relevância eleitoral". Em conversas reservadas, petistas acrescentaram que a gestão dela, que jogou o país na recessão, funciona como uma pesada âncora que puxa Lula para baixo. Por isso deve ser omitida.

A VEJA, interlocutores da ex-presidente disseram ter entendido muito bem o recado: "Tem gente que acha que tudo é culpa do PT. E tem uma parte do PT que acha que tudo é culpa da Dilma". Os adversários, obviamente, sabem desse ponto fraco e querem explorar o desastre econômico perpetrado pela pupila de Lula. "Nós vamos querer debater os problemas na relação política, a volta da inflação, o estilo autoritário que Dilma teve em alguns momentos. Não pode o PT só falar daquilo que foi bom e esquecer o que foi ruim", diz Carlos Lupi, presidente do PDT, que lançará o ex-ministro Ciro Gomes ao Planalto. O governador João Doria (PSDB), que citou a "péssima gestão da economia" no governo Dilma, trilhará o mesmo caminho.

O hábito do PT de tentar reescrever a história, atenuando os pecados do partido e supervalorizando os seus feitos, é conhecido. Na cartilha da estrela vermelha, o mensalão não existiu e o petrolão não passou de uma grande conspiração internacional, que criminalizou políticos e empresários inocentes para garantir a tomada de posse do petróleo brasileiro por empresas estrangeiras. Corrupção, se houve, não teve a participação de estrelas do partido. Acredita quem quer, claro. Lula foi condenado duas vezes por corrupção e passou 580 dias na cadeia. Seu ex-braço direito José Dirceu também foi preso, assim como outros companheiros pilhados em roubalheiras.

MATEJS BONOM/AG F AFP

Na tentativa de voltar ao Planalto, o PT vai posar de vítima de armação. O desafio dos adversários é não deixar o eleitor cair nesse conto da carochinha. Alertados para a estratégia, mais do que atacar a figura de Lula, Bolsonaro e os nomes da chamada terceira via pretendem bater no PT, que teria imagem mais negativa que o seu líder. "É preciso distinguir o petismo do lulismo. Esse último, a despeito do passivo de imagem que o ex-presidente contraiu, ainda se beneficia de uma reserva de popularidade, decorrente da identificação de Lula com o chamado povão. Já o petismo ficou apenas com o ônus da reputação criminosa", avalia o cientista político Paulo Kramer, que ajudou a formular o plano de governo de Bolsonaro nas eleições de 2018. Um dos estrategistas da campanha à reeleição de Bolsonaro, o ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP-PI), concorda, ressaltando que Lula perde votos no Nordeste quando tem seu nome associado a outros petistas, como Dirceu e a presidente do partido, Gleisi Hoffmann. "Os escândalos de corrupção, a má gestão, o atraso do Brasil e a regressão econômica do PT não podem ficar esquecidos. Na campanha, a gente com certeza vai reavivar a memória do povo de todo o mal que Lula fez", reforça o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ).

Um levantamento feito pela Quaest Consultoria a pedido de VEJA detectou que um tuíte do vereador Carlos

PAULO PINTO/AGÊNCIA PT

CORRUPÇÃO O ex-ministro Dirceu: outro candidato a desaparecer da história recente do partido

PONTO FRACO Ciro: escândalos e desempenho econômico do PT serão lembrados

Bolsonaro (Republicanos-RJ) lembrando da facada contra seu pai (fazendo, de forma mentirosa, menção ao PT no texto) e a divulgação de uma nota do PT em defesa da ditadura da Nicarágua foram os dois episódios que provocaram mais sentimento negativo em relação ao partido no Twitter no fim do ano passado. Desde então, a rejeição a Lula nas pesquisas de intenção de voto da Quaest subiu de 39% para 43%. A de Bolsonaro é de 66%. "O PT poderá ser seu maior inimigo em 2022 se apostar em agendas que claramente geram rejeição no eleitorado não petista, como a defesa de governos considerados não democráticos", declara o cientista político Felipe Nunes, diretor da Quaest. Lula sempre foi maior do que o PT. A batalha será renhida. Enquanto alguns tentarão esconder os malfeitos do passado, outros usarão o submundo das redes para tentar vencer. E o jogo nem sequer começou oficialmente. ■

Com reportagem de Tulio Kruse

ALON FEUERWERKER

PURO SUMO DE BRASIL

A disfuncionalidade não pode ser algo natural

NÃO É uma característica só do Brasil, mas aqui o problema vem atingindo patamares extremos: o *modus operandi* do sistema político-comunicacional-institucional vai se mostrando pouco compatível com a busca da eficiência das políticas públicas. O exemplo mais recente são os bate-bocas sobre a reforma trabalhista e o teto de gastos.

Como deveria funcionar, se fosse razoável? Tomar-se-iam decisões. A partir dos resultados, seriam feitos os ajustes. Claro que a política não é um "sistema ideal", envolve disputas não necessariamente movidas pela "busca da verdade", longe disso. Mas daí a aceitar como natural a absoluta disfuncionalidade vai certa distância.

É esperado que os proponentes da reforma trabalhista e do teto de gastos os defendam com fervor. E deveria ser recebido com a mesma naturalidade que os oponentes das medidas surfem sobre o que apontam como consequências duvidosas.

> "É fundamental preservar o teto de gastos, dizem. Desde que, é claro, todo ano possa se dar um jeito de driblar o teto de gastos"

A reforma trabalhista corrigiu algumas distorções. Duas delas: a proliferação desenfreada de sindicatos cartoriais, criados unicamente para operar a contribuição sindical, e a indústria de ações trabalhistas. Mas, de carona, passou-se a boiada, com uma maioria congressual de centro-direita aproveitando a momentânea correlação de forças no governo Michel Temer.

É do jogo, dirão. Então também é do jogo que, chegada a eleição, a esquerda possa perguntar "onde estão os empregos que a reforma garantiu que seriam criados?".

Numa discussão algo honesta, talvez alguém pudesse concluir que implodir os sindicatos de trabalhadores tenha algo a ver com a deterioração da participação do trabalho na renda nacional. E que o lucro não se realiza no aumento da produtividade da força de trabalho, realiza-se quando o produto encontra comprador.

Não fosse assim, a escravidão não teria ficado obsoleta.

E o sacrossanto teto de gastos? A polêmica sobre ele é puro sumo de Brasil. É fundamental preservar o teto de gastos, dizem. Desde que, é claro, todo ano possa se dar um jeito de driblar o teto de gastos. Uma hora é a pandemia, outra hora são os precatórios, ou mesmo os programas sociais. Qual será o motivo para romper o teto de gastos em 2022?

Sejamos generosos. Suponhamos que um teto de gastos é mesmo necessário. Não seria mais razoável se ele fosse calculado sobre a arrecadação, em vez de ser a despesa do ano anterior mais a inflação?

Em 2021, o dinheiro recolhido dos impostos ficou bem acima do esperado, mas o país foi lançado à turbulência política quando o governo Bolsonaro informou que ultrapassaria o teto para ampliar o Auxílio Brasil.

Por algumas semanas pareceu, ou fez-se parecer, que o país estava à beira da insolvência, que o colapso das contas públicas se avizinhava, com as óbvias decorrências macroeconômicas. Ao fim e ao cabo a montanha pariu não um rato, mas um colibri, pois a música dos números fiscais do fechamento de 2021 veio muito boa, melhor que as previsões mais otimistas.

Esse, aliás, foi outro puro sumo de Brasil. ■

ON-LINE Bolsonaro ao celular: o presidente usa as redes sociais para manter mobilizada a sua base radical

REDE AMPLIADA

O bolsonarismo investe em aplicativos como Gettr e Telegram, que têm quase nenhum controle sobre campanhas de desinformação, e deixa em alerta a Justiça Eleitoral **LEONARDO LELLIS**

JAIR BOLSONARO foi eleito há pouco mais de três anos beneficiado pelo desgaste do establishment político, após quatro vitórias eleitorais do petismo, um legado de ruína econômica e o furacão promovido pela Lava-Jato. O triunfo, porém, foi construído na forma quase experimental, mas eficiente, em que o bolsonarismo espalhou o seu discurso do "contra tudo o que está aí" por meio da replicação massiva de mensagens no Facebook e no WhatsApp, muitas delas contaminadas pelo discurso de ódio, pela pregação antidemocrática e pela divulgação de informações falsas. De lá para cá, muita coisa mudou, como a postura adotada pelas empresas de tecnologia e a criação de regras pela Justiça que dificultam o uso da internet para desvirtuar a disputa eleitoral. Mas uma coisa não mudou: a disposição do bolsonarismo de seguir usando a estratégia que o levou ao poder em 2018. O sinal mais eloquente está na dedicação crescente a outras ferramentas, como a rede social Gettr e o aplicativo de mensagens Telegram, que Bolsonaro — em posição de destaque em ambos—, seus filhos e apoiadores vêm se esforçando para divulgar neste período pré-eleitoral.

Após o sucesso de 2018, a obsessão bolsonarista pelas redes sociais só cresceu. De ferramenta eleitoral passou a ser instrumento de governo, de pregação política, de ataques a adversários, instituições e ao jornalismo profissional, e de difusão de desinformação e baboseira ideológica. Como reação, Bolsonaro e seguidores entraram na mira do Supremo Tribunal Federal e do Congresso, com vários ex-

poentes do ativismo digital colocados contra a parede, como o blogueiro Allan dos Santos, foragido há quase 100 dias, o ex-deputado Roberto Jefferson, preso desde agosto, e empresários como Luciano Hang, que teve a conta suspensa pelo Twitter na quarta 12. Além, é claro, dos filhos do presidente, principalmente Eduardo e Carlos, a quem sempre foi atribuído papel central na teia digital governista.

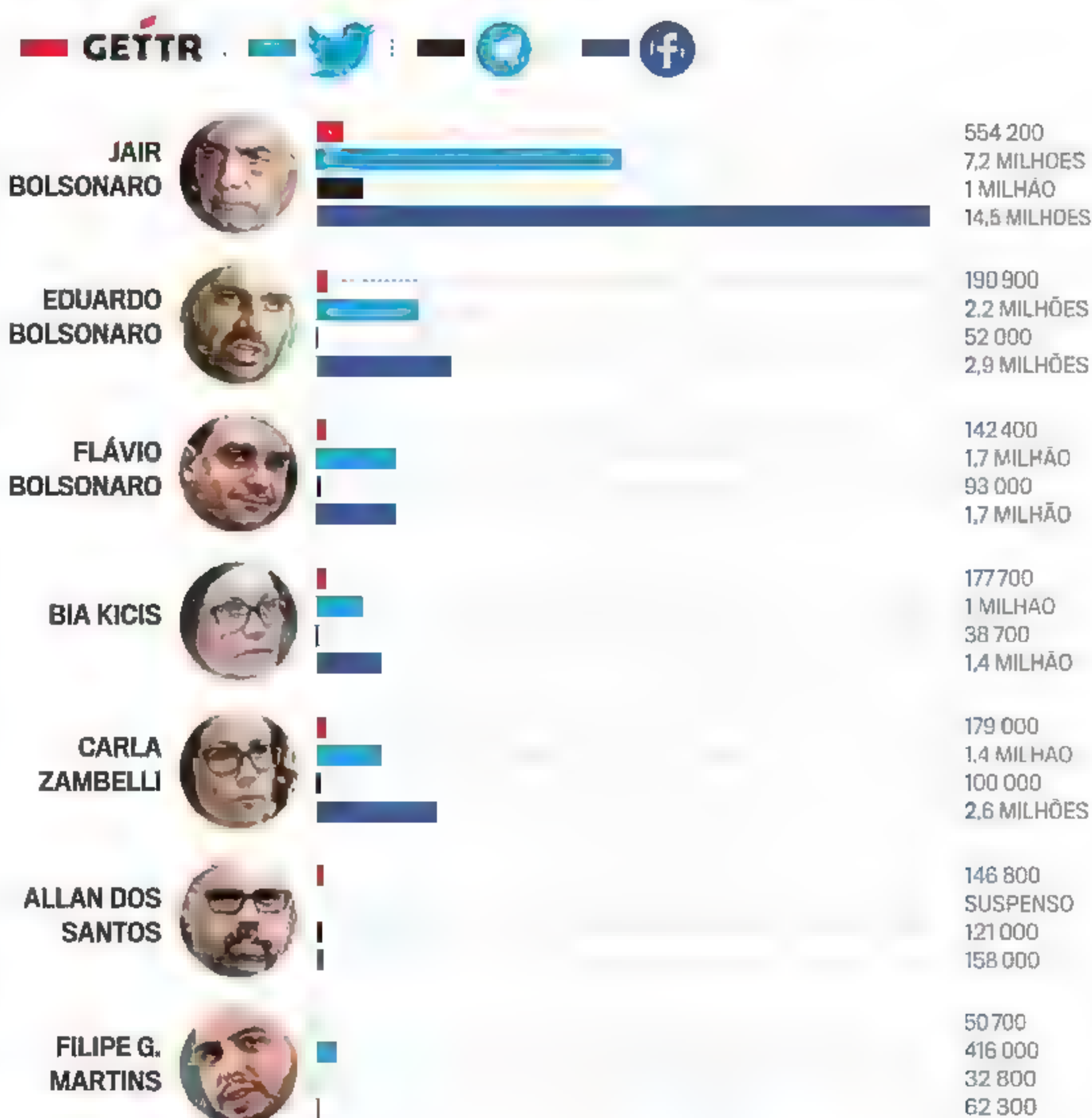
Bolsonaro não ficou de fora. O próprio presidente foi alvo de várias sanções nas redes sociais, a última delas em outubro, quando teve uma *live* removida pelo Facebook, Twitter e Instagram após dizer que a vacina contra a Covid-19 causa aids — o que, obviamente, não é verdade. O vídeo foi imediatamente postado pelo senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) no Gettr, e lá está até hoje. Sem filtros, a rede foi criada em julho de 2021 por Jason Miller, ex-assessor de Donald Trump, seis meses depois de o ex-presidente americano ter sido banido do Twitter após usar a ferramenta para incitar a invasão do Capitólio por apoiadores radicais.

A expulsão de Trump serviu para alimentar uma retórica bastante popular na direita: a de que sofre perseguição ideológica das big techs. A deixa foi usada pelo Gettr, que se vende como uma "rede social baseada na liberdade de expressão e que rejeita a censura política e a cultura do cancelamento". Ao anunciar sua entrada, Bolsonaro celebrou a "rede social alternativa para a ampliação de diversas fontes de informações que lamentavelmente são omitidas de forma proposital". O amor foi recíproco, e o presidente foi escolhido "a personalidade do ano" pela plataforma. Em seis meses, ele já tem 554 000 seguidores, quase o mesmo que Miller (575 000).

Nesse mundo de ilusão da direita, passeiam os principais nomes do ativismo bolsonarista. Estão lá os filhos Flávio, Eduardo e Carlos, parlamentares como Carla Zambelli (PSL-SP) e

FACEBOOK @JAIRMESSIASBOLSONARO

NOVAS FRENTES

Em seis meses, Bolsonaro já tem mais de 500 000 seguidores no Gettr

AS NOVAS APOSTAS DO BOLSONARISMO

GETTR		Telegram
4 milhões	USUÁRIOS NO MUNDO	550 milhões
500 000*	USUÁRIOS NO BRASIL	62,5 milhões**
Nova York	SEDE	Dubai
Julho de 2021	LANÇAMENTO	Agosto de 2013
Jason Miller, ex-assessor de Donald Trump	CEO	Pavel Durov, programador russo

* Dados da própria companhia
** Estimativa com base em 53% dos celulares com o aplicativo instalado

Fonte: Pesquisa Panorama Mobile Time/Opinion Box, de agosto de 2021

TWITTER @BOLSONAROSP

MAURO PIMENTEL/AFP

TRUMPISTAS Jason Miller, criador do Gettr, e Eduardo Bolsonaro: o bolsonarismo faz propaganda para a nova rede, como na faixa exibida nos atos do 7 de Setembro *(à dir.)*

Bia Kicis (PSL-DF) e assessores como Tercio Arnaud Tomaz e Filipe G. Martins, já apontados como cabeças do chamado "gabinete do ódio", o birô digital do bolsonarismo. E gente como Steve Bannon, banido do Twitter por sugerir decapitar o médico Anthony Fauci, conselheiro da Casa Branca na luta contra a pandemia. Ex-estrategista eleitoral de Trump e guru de Eduardo, Bannon disse, em encontro recente com o deputado nos EUA, que, a exemplo de 2018, vai dar palpites na estratégia bolsonarista neste ano. "A eleição no Brasil é a segunda mais importante do mundo."

A chegada do Gettr segue a trilha de outras plataformas que a direita tentou emplacar. Foi assim com o Parler, que foi banido do Google e da Apple depois da invasão do Capitólio e só voltou após promover mudanças na moderação de conteúdo. O caminho já havia sido aberto pelo Gab, desenvolvido com o mesmo propósito, mas que também foi removido das lojas de aplicativos em razão da promoção de discursos de ódio. Não é por acaso que viceja nessas redes o receituário anticomunista e antiglobalista, ataques raivosos a adversários e, entre outras teorias alucinadas, campanhas antivacinação — Bia Kicis, por exemplo, faz *lives* em série para questionar a imunização de crianças contra a Covid-19 e celebra a "liberdade" dada pelo Gettr. Carla Zambelli é outra que usa a conta para promover questionamentos à vacinação. Bolsonaro, por ora, só posta as realizações do governo e, eventualmente, provocação a desafetos.

Embora a pregação no Gettr seja para convertidos, ela tem um propósito: manter mobilizado o núcleo duro da militância. Depois, entram os aplicativos de mensagens, nos quais são repercutidos os conteúdos postados na rede. O Telegram vem sendo ocupado pelo bolsonarismo para ser o "WhatsApp sem freios" de 2022. O serviço criado pelos russos Pavel Durov e Nikolai Durov permite até 200 000 pessoas em grupos (o concorrente aceita 256). Depois de estar no centro das discussões sobre disparos em massa em 2018, o WhatsApp limitou o envio de publicações. Já o Telegram permite que os administradores dos canais atinjam toda a sua audiência com um clique. Essa funcionalidade também é explorada pela oposição, mas Bolsonaro é o político global com mais adeptos: 1 milhão, ante 47 000 de Lula e 19 000 de Ciro Gomes, por exemplo. Embora não seja popular como o WhatsApp, o Telegram está em 53% dos celulares do país, segundo pesquisa Mobile Time/Opinion Box. "Se você transmite um conteúdo no Telegram e

a pessoa replica para grupos de WhatsApp, há aumento exponencial de visibilidade", diz João Guilherme Bastos dos Santos, do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT.DD).

As potencialidades do Telegram já chamam a atenção da Justiça Eleitoral. O presidente do TSE, Luís Roberto Barroso, pediu à plataforma, no dia 16 de dezembro, por ofício, uma reunião para discutir formas de cooperação contra a desinformação. Até hoje, a resposta não veio. Mas no documento o ministro mostra estar atento à divulgação de teorias de conspiração e informações falsas sobre o sistema eleitoral por meio do aplicativo. "Essas empresas não têm representação no Brasil e qualquer propaganda não poderá ser alcançada pela Justiça", alerta a procuradora eleitoral Neide Cardoso de Oliveira, do MPF-RJ, para quem o uso de aplicativos nessa condição poderá ser considerado propaganda irregular. A advogada eleitoral de Bolsonaro, Karina Kufa, contesta. "O que a lei proíbe é o uso de provedores estrangeiros para hospedar sites de candidatos ou partidos, o que não é o caso", diz. No cenário de polarização que se avizinha, especialistas acham inevitável que a discussão chegue aos tribunais. "A falta de representação da empresa e a relutância em cumprir ordens judiciais podem levar ao debate sobre a suspensão dos serviços nas eleições", diz o advogado Carlos Affonso Souza, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade (ITS-Rio).

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

FORAGIDO Allan dos Santos: o blogueiro migrou para os EUA para fugir da PF

Sob a gestão de Barroso, o TSE aprovou uma série de resoluções para conter a propagação de mentiras. Nas eleições deste ano, o tribunal estará sob o comando de Alexandre de Moraes, conhecido pela mão pesada com que conduziu o inquérito das *fake news*, quando mandou prender apoiadores do presidente. Ele, aliás, também determinou no dia 7 de setembro, quando o bolsonarismo foi às ruas, que o criador do Gettr, Jason Miller, que visitou Bolsonaro e foi a um evento da direita, fosse ouvido pela Polícia Federal no aeroporto de Brasília, mostrando que já está de olho na rede.

MARCELO CASAL JR. AGÊNCIA BRASIL

NINGUÉM PUNE Bia Kicis: na nova rede Gettr, a velha prática das *fake news*

Bolsonaro também está atento. Enquanto amplia os seguidores no Telegram e no Gettr, se preocupa em não perder as suas contas tradicionais. Na segunda-feira 10, mandou um recado a quem acha que ele pode acabar como Trump. "Me banir das redes sociais é jogar fora das quatro linhas. Qual é a acusação contra mim? Que *fake news* tenho praticado nas minhas mídias? Não existe", disse, cometendo mais uma *fake news*. Não bastasse tudo isso, no dia 21 de fevereiro Trump lançará a sua própria rede, a Truth Social, que certamente atrairá o bolsonarismo. A batalha eleitoral nas redes, ao que parece, está só começando. ■

EDU ANDRADE/ASCOM/ME

ESFORÇO O ministro Guedes: defensor da reestruturação hoje engavetada

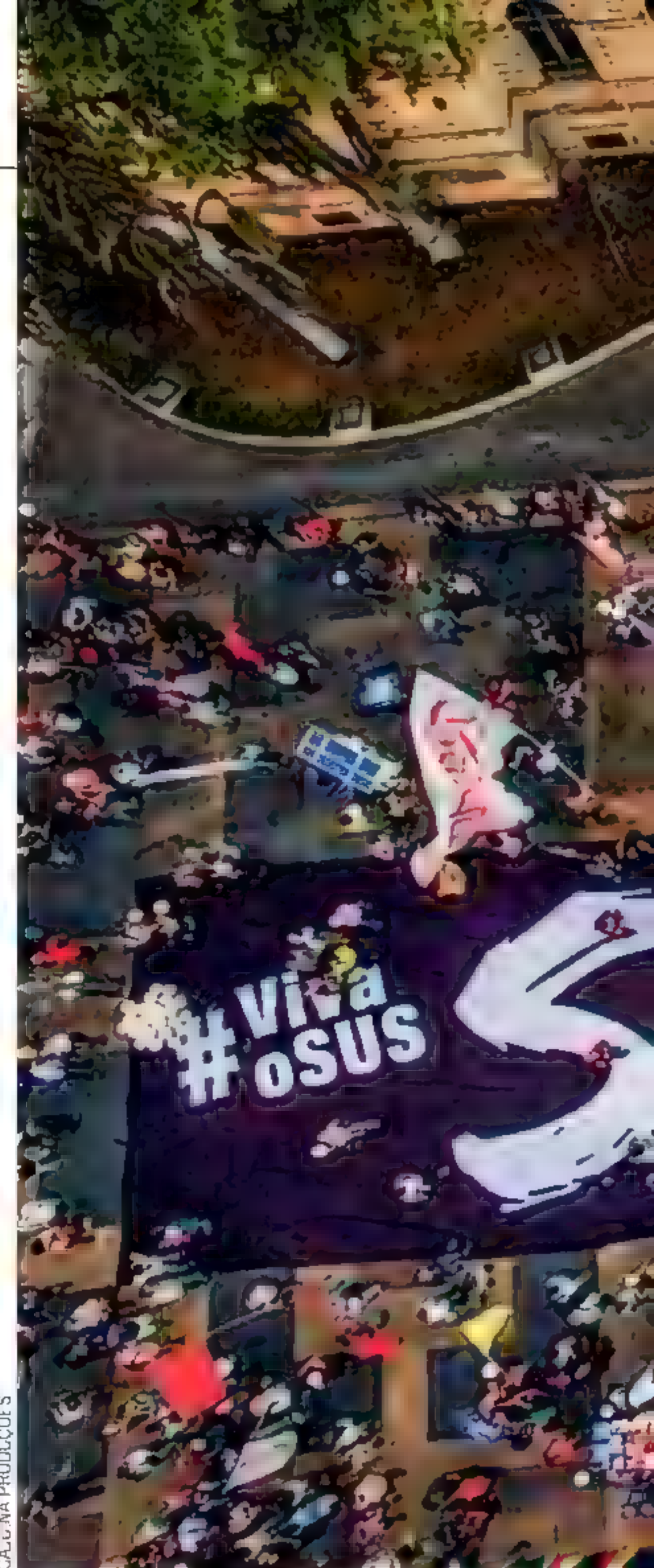
A FATURA CHEGOU

Aumento a policiais provoca protestos de servidores públicos por reajustes e detona uma crise que poderia ter sido evitada com a reforma administrativa **FELIPE MENDES** E **VICTOR IRAJÁ**

CAJU NA PRODUÇÕES

TRADICIONALMENTE tranquilo no cenário político e econômico, dado os recessos do Parlamento e do Judiciário, o mês de janeiro começou com um problema incômodo para o governo. Na virada do ano, o funcionalismo público se revoltou com os aumentos concedidos por Jair Bolsonaro apenas aos policiais federais e rodoviários, categorias de forte apoio ao presidente — e passou a exigir tratamento similar. Ao dar preferência a um segmento específico, o chefe de Estado provocou uma gritaria geral que pode ter consequências imprevisíveis e desestabilizar sua gestão. Auditores da Receita Federal cruzaram os braços na alfândega da fronteira com a Venezuela e formou-se uma fila de mais de 1 000 caminhões na região. Situação parecida se desenrolou em Foz do Iguaçu, na fronteira com o Paraguai. No Porto de Santos, navios com centenas de milhares de toneladas de trigo vindas da Argentina esperavam a aprovação de desembaraço por fiscais. Houve problemas também nos portos de Itajaí (SC), Pecém (CE) e Rio de Janeiro. No Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Carf), que tem quase 1 trilhão de reais em processos tributários a serem decididos, os julgamentos foram suspensos. E, com essas paradas, o governo corre o risco de perder arrecadação. No Banco Central, os auditores entregaram cargos de chefia e pressionaram o presidente do órgão, Roberto Campos Neto, por aumentos.

A situação pode ainda piorar. As revoltas corporativas podem escalar para uma greve geral em fevereiro, se uma paralisação programada para o dia 18 não resultar em reposição salarial. O que é pior para o governo é que tudo isso poderia ter sido significativamente minimizado — ou até mesmo evitado — se o projeto de reforma administrativa, prometido ainda na campanha eleitoral e estruturado pelos técnicos do Ministério da Economia, não tivesse sido engavetado pelo presidente. Além da resistência natural de Bolsonaro ante as medidas que poderiam prejudicar seus planos de reeleição, contribuiu para o sucessivo adiamento a articulação dos ministros ligados ao Centrão, que aconse-

PRESSÃO Protestos coordenados: categorias ameaçam entrar em greve geral em fevereiro

lhavam o presidente a deixar o tema de lado, em nome dos próprios interesses e compromissos com o corporativismo instalado na máquina pública. De acordo com os planos do ministro da Economia, Paulo Guedes, a racionalização de cargos e carreiras do funcionalismo tem o potencial de poupar ao governo gastos de até 30 bilhões de reais ao ano. Com o enxugamento da máquina administrativa — e os recursos que estariam disponíveis — seria possível corrigir distorções salariais em funções essenciais. Para efeito de comparação, o aumento prometido por Bolsonaro para os policiais vai custar 1,7 bilhão de reais, uma fração do montante a ser economizado com a reforma.

Há muito o que fazer para melhorar a estrutura administrativa do governo federal. A União desembolsa, por exemplo, quantias vultosas para manter trabalhadores concursados em carreiras que se tornaram obsoletas com o avanço da tecnologia, mas que não podem ser alocados em outras áreas nem dispensados. O custo mensal com datilógrafos chega, por exemplo, a 30 milhões de reais. O governo emprega até mesmo chaveiros, uma das diversas atividades que deveriam ser terceirizadas de acordo com a demanda. Segundo as contas do Ministério da Economia, a despesa bruta anualizada com funções extintas ou em extinção ultrapassa 8,2 bilhões de reais. "O nosso sistema de gestão pública é extremamente complicado. Foi sendo construído ao longo de muitos anos e absorvendo uma série de idiossincrasias momentâneas de diversos períodos históricos, e tudo isso está acumulado com a gente até hoje", diz Caio Mario Paes de Andrade, secretário especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital.

As mudanças propostas pelo texto da reforma, a PEC 32, que tem o deputado Arthur Maia (DEM-BA) como relator, incluem avaliações periódicas dos servidores públicos, contratações temporárias para trabalhos que não exigirão funcionários perma-

nentes e o uso de ferramentas digitais, inclusive para que o público avalie a qualidade dos serviços. "O Brasil ainda está na idade das trevas em termos de gestão por resultado. E essa dinâmica poderia trazer melhorias não só do ponto de vista fiscal, mas do próprio funcionamento do Estado", defende Felipe Salto, diretor-executivo da Instituição Fiscal Independente (IFI) do Senado. "O texto da reforma, inclusive, é até tímido em pontos essenciais, como em não atacar privilégios que se perpetuam, sobretudo no Judiciário, como pagamentos acima do teto salarial", avalia.

Entregue ao Congresso em agosto de 2021, a PEC 32 segue parada pela falta de interesse do próprio governo em trabalhar pela sua aprovação. "Eu procurei ao máximo fazer com que os elementos expressos na reforma fossem de Estado, não de governo. Trabalhei muito junto a parlamentares", diz o relator Maia. "Durante todo o processo, apesar de muito apoio do Ministério da Economia, houve resistência do Palácio do Planalto, o que dificultou os trâmites", afirma. Recentemente, o presidente chegou a demonstrar interesse pelo assunto em conversas com o ministro Paulo Guedes. O problema é que a janela de oportunidade para a aprovação está praticamente fechada. Nas conversas internas do Ministério da Economia, é dado como certo que a matéria não terá vez em ano eleitoral. O próprio Bolsonaro já admite abertamente que não conseguirá dar vazão à proposta, e na última semana declarou que, durante os seus sete mandatos como deputado federal, percebeu que nas proximidades dos pleitos as negociações com o Congresso deixam de existir.

A leitura de deputados é de que a atual gestão realmente entregou os pontos no que diz respeito à reforma do Estado. Trata-se de um assunto de condução complexa, que implica inevitavelmente embates e desgastes com os servidores ao afrontar o corporativismo. "O governo não tem se dedicado ao tema como a matéria mereceria. De fato, fazer uma reestruturação organizacional não é fácil. Mexe com setores que são bastante organizados e requer uma dedicação plena de todas as frentes, especialmente do governo federal", diz o deputado Alex Manente (Cidadania-SP). A mesma sensação é a de economistas que acompanham o tema. "Minhas expectativas em relação à aprovação de reformas neste governo são muito baixas. A agenda econômica que elegeu Bolsonaro está morta", afirma a economista Ana Carla Abrão, responsá-

BURACO SEM FUNDO

Algumas profissões consideradas em processo de extinção, mas que continuam consumindo recursos da máquina pública (valores em reais)

	Datilógrafo	Ascensorista	Motorista oficial	Açougueiro	TOTAL DE CARGOS EXTINTOS OU EM EXTINÇÃO
DESPESA ANUAL (em milhões)	399,8	4	265,8	1,9	8 217
NÚMERO DE SERVIDORES	2 997	43	2 133	19	69 068
REMUNERAÇÃO MÉDIA MENSAL	6 566,18	4 928,09	6 566,18	3 904,96	–

Fonte: *Ministério da Economia*

SIND F SCO

EFEITO CASCATA Fila na Ponte da Amizade: alfândega parada na fronteira com o Paraguai

vel pelo desenho de uma proposta de reforma do Estado ao lado do ex-presidente do Banco Central Armínio Fraga e do jurista Carlos Ari Sundfeld.

Como demonstra a crise provocada pelo aumento dos policiais, o país chegou ao limite orçamentário, quando nem novos reajustes de salários, nem investimentos podem ser feitos. "É necessário frear o crescimento dos gastos obrigatórios, para abrir espaço fiscal e um uso melhor dos recursos. O investimento no setor público foi sendo zerado, para permitir que os gastos obrigatórios com o funcionalismo continuassem a crescer", afirma Ilan Goldfajn, ex-presidente do Banco Central. Por três anos, Bolsonaro procrastinou medidas que poderiam evitar essa situação. Agora a conta chegou. ■

MURILLO DE ARAGÃO

O ATRASO DA VANGUARDA

Políticos do século XX, Bolsonaro e Lula têm ideias do século XIX

O ANO MAL começou e o bestialógico na política já se faz presente. Duas recentes declarações expressas pelos dois ponteiros da campanha eleitoral à Presidência revelam o atraso em que vivemos.

A primeira foi dada por Jair Bolsonaro, ao se referir a pessoas "taradas por vacinas". Incrível como o presidente da República insiste em um tema já superado. E em um país onde a imunização conta com amplo apoio, inclusive por parte da maioria daqueles que o cercam.

O Brasil — ainda bem — há muito adotou a cultura das vacinas. Por isso mesmo, em meio às dificuldades e precariedades no acesso à saúde, sobrevivemos e reduzimos a mortalidade infantil. Tudo por causa da existência do nosso Sistema Único de Saúde (SUS), da boa qualidade de nossos profissionais na área e do imenso sucesso do nosso programa de vacinações.

A insistência da narrativa antivacinas representa um grave retrocesso. Desde 1985, com o programa de autossuficiência em imunizantes, o Brasil conseguiu erradicar diversas doenças. Além disso, nossa produção permite a oferta de fármacos para outros países.

Agora, a Fiocruz vai produzir o ingrediente básico da AstraZeneca contra a Covid-19 e em breve o Instituto Butantan também cobrirá todo o processo de produção de sua vacina. Sermos "tarados por vacinas" salvou milhões de brasileiros. É incrível que a morte de milhões no mundo não seja capaz de sensibilizar uma minoria de nefelibatas.

A segunda declaração a revelar o atraso de nossa política foi dada por Luiz Inácio Lula da Silva contra a reforma trabalhista. O ex-presidente usou como exemplo a revogação parcial da legislação espanhola. Obviamente, o que preocupa os aliados sindicalistas de Lula é o fim da contribuição sindical obrigatória, que patrocinava aqui campanhas eleitorais, mordomias e, infelizmente, corrupção.

A "boca" da contribuição sindical deflagrou uma febre de criação de sindicatos de araque país afora. Lula não é bobo e sabe o que ocorria no mundo sindical. Daí voltar a embarcar nessa canoa é um contrassenso. O modelo trabalhista brasileiro, ainda que com discretos aperfeiçoamentos, foi e é um fracasso. Encarece o emprego, engorda os cofres públicos sem a devida contrapartida. É uma criação derivada do fascismo italiano cujo propósito foi instrumentalizar os sindicatos como aparelhos ideológicos. Por isso, muitos partidos têm um sindicato para chamar de seu — que termina sendo uma agremiação usada como máquina eleitoral.

> **"O debate sobre vacinas e reforma trabalhista é um negacionismo que não interessa ao país"**

O debate sobre vacinas e sobre a reforma trabalhista mostra os dois atuais ponteiros eleitorais navegando nas nuvens de um negacionismo que não interessa ao país. Temos de continuar vacinando e temos de ampliar a cobertura vacinal para crianças. Temos de fortalecer o SUS e implementar reformas — não apenas a trabalhista — que promovam o emprego maciço e o desenvolvimento social, que libertam o indivíduo da tutela corporativista ou estatal.

Tanto Lula quanto Bolsonaro são políticos do século XX com ideias do século XIX. Ainda bem que o Brasil tem a capacidade de criar instituições públicas e privadas robustas que resistem ao reacionarismo de ambos. ■

NO JOGO DO FAZ DE CONTA

Valdemar Costa Neto, ex-aliado de Lula e agora com Bolsonaro, diz que o mensalão foi uma invenção de outro ex-aliado de Lula, Roberto Jefferson, hoje também parceiro de Bolsonaro **LETICIA CASADO**

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

DESDE que foi condenado e preso por corrupção, o ex-deputado Valdemar Costa Neto se impôs o silêncio. Ele não gosta de falar do passado, particularmente sobre os tempos em que seu então partido, o PR, dividiu grandes nacos do poder com o PT. Em 2002, quando Lula precisava sinalizar ao eleitorado de direita para viabilizar sua candidatura, coube ao PR indicar o vice-presidente da chapa, o empresário José Alencar. No governo, os republicanos foram contemplados, entre outros postos, com o comando do Ministério dos Transportes. O restante da história é bastante conhecido. Em 2005, explodiu o escândalo do mensalão, Valdemar foi condenado a sete anos de prisão, cumpriu a pena, foi libertado, em 2014, reassumiu o comando do partido, que agora se chama Partido Liberal (PL), e, hoje, de volta ao centro do palco político, aliou-se ao presidente Jair Bolsonaro. Recentemente, o ex-deputado,

SERGIO LIMA/FOLHAPRESS

VERSÃO Costa Neto, hoje e em 2013, quando foi preso: o mensalão teria sido uma mentira de Roberto Jefferson

INSTAGRAM @BLOGDOJEFFERSON8 / ROBERTO STUCKERT FILHO/AG. O GLOBO

SINA Jefferson, que está preso por ataques ao STF, e em 2005, quando denunciou o mensalão: histórico de confusão

não se sabe exatamente por que, também passou a difundir uma nova e ampliada versão sobre um desses eventos. O mensalão, segundo ele, não existiu. Um dos principais escândalos de corrupção da era petista teria sido uma invenção maldosa do ex-deputado Roberto Jefferson (PTB), que levou à cadeia duas dezenas de inocentes, entre políticos e empresários. Uma tremenda injustiça.

No mundo real, Valdemar e Jefferson eram parceiros — na política e no crime. Em 2012, o Supremo Tribunal Federal (STF) condenou ambos por corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Documentos, testemunhos e provas reunidas ao longo de seis anos de apuração mostraram que empresários e ministros de Lula operavam uma engrenagem que desviava dinheiro dos cofres públicos para um caixa que tinha como objetivo subornar parlamentares e dirigentes partidários que formavam a base de sustentação política do governo no Congresso. O caso começou a ser desvendado a partir de uma reportagem de VEJA sobre um funcionário dos Correios flagrado recebendo propina. Numa gravação em vídeo, o servidor confessava que ele era apenas peça de uma estrutura maior espalhada por várias empresas estatais e órgãos da administração federal. Na sequência, o deputado Roberto Jefferson, então aliado do PT, revelou a existência do esquema clandestino de pagamento de mesadas aos políticos — o que ele chamou de "mensalão". Os envolvidos, alguns réus confessos, foram condenados e presos. Valdemar cumpriu um ano em regime fechado e, desde então, se nega a falar sobre o caso.

A campanha eleitoral certamente trará de volta o passado do ex-presidente, o que talvez explique a necessidade do ex-deputado de se antecipar a um eventual debate. Em tempos de narrativas, Valdemar está sugerindo que o STF cometeu o que pode ter sido o maior erro judiciário de sua história. Na versão atualizada, o mensalão nada mais foi que um acordo pré-eleitoral entre o PT e alguns partidos, incluindo o PR, para garantir a eleição de Lula em 2002 e de uma bancada de apoio ao governo. O PT teria se comprometido a repassar recursos para custear as despesas de campanha de vários parlamentares. O trato, porém, não foi cumprido, gerando dívidas que mais tarde seriam quitadas com recursos de doações feitas por colaboradores que apoiavam ou prestavam serviços ao governo. Nada de dinheiro público. Nada de corrupção. Nada de irregular (no mundo imaginário de Valdemar, claro). Roberto Jefferson, que foi condenado a sete anos de prisão, teria inventado a história para se vingar do governo. Teria conseguido enganar os membros de duas CPIs que investigaram o caso, a Polícia Federal, a Procuradoria-Geral da República e, por fim, os ministros do Supremo — todos chegaram à mesma conclusão.

Valdemar e Jefferson não são mais parceiros, embora continuem trilhando caminhos parecidos. Ambos foram denunciados por corrupção, renunciaram aos mandatos de deputado, foram condenados, cumpriram pena, reassumiram o comando de seus partidos, se afastaram do PT, se aliaram ao governo Bolsonaro e voltaram a ser protagonistas da cena política. Valdemar foi um dos artífices da filiação do presidente da República ao seu partido. Antes disso, foi investigado no escândalo da Lava-Jato. Um empreiteiro contou aos investigadores que, no governo Dilma, pagou "pedágio" ao ex-deputado para manter "abertas as portas" do Ministério dos Transportes. Procurado, o presidente do PL não quis se manifestar. Roberto Jefferson está preso preventivamente desde setembro do ano passado. Acusado de integrar uma milícia digital que realizava ataques às instituições democráticas, ele se afastou da presidência do PTB. Também se diz vítima de perseguição da Justiça. Hoje, eles não se falam — mas o jeito de fazer política é idêntico. ■

PARCEIRO INDES

EYEPRESS NEWS/AFP

AUSÊNCIA Foto de líderes do G20, em Roma: o presidente brasileiro ficou de fora

Antes mesmo de ser eleito presidente, Jair Bolsonaro costumava declarar que tinha o sonho de colocar o Brasil onde ele merece, próximo aos países mais desenvolvidos. Dado o seu alinhamento ideológico com o então presidente americano Donald Trump, e a forte defesa de princípios liberais de seu ministro da Economia, Paulo Guedes, que sempre enfatizou a necessidade de uma maior abertura comercial do Brasil ao mundo, era de esperar que esse fosse um desafio mais simples de ser alcançado. A realidade, no entanto, mostrou-se outra. Em seu último ano de mandato, Bolsonaro tem quase nada a mostrar em termos de acordos bilaterais com mercados de grande porte.

É consenso no mundo econômico que o Brasil permanece uma economia ainda muito fechada, e que precisa se abrir, para se tornar mais competitivo, produtivo e aumentar o volume de seus negócios. No ano passado, a soma da exportações e importações brasileiras chegou a 499,8 bilhões de dólares. Apesar de ser um recorde, a cifra equivale a apenas 31% do PIB. Em países desenvolvidos, o comércio exterior corresponde a uma proporção maior, como na Alemanha, onde chega a 60%. "O Brasil claramente poderia ter participação maior do comércio internacional no PIB", diz Vinicius Rodrigues Vieira, professor de economia e relações internacionais da FAAP. "Mas estamos nos especializando muito em poucas commodities, muito vulneráveis no mercado internacional e não temos mais uma pauta diversificada, como havia até 2005. Além disso, dependemos muito de um único parceiro, que hoje é a China."

Não precisava ser assim. Quando, em 2019, depois de duas décadas de negociações, o Mercosul e a União Europeia assinaram seu tratado de livre-comércio, e, no início de 2020, Bolsonaro declarou em encontro com Trump que Brasil e Estados Unidos estavam dando o primeiro passo para um acordo similar, parecia que o futuro seria promissor. Hoje, tais negociações estão congeladas e o principal motivo é Bolsonaro, que nos últimos dois anos despejou ofensas a represen-

SEJÁVEL

Com a reputação comprometida pelas atitudes erráticas de Jair Bolsonaro, o governo não consegue avançar na abertura internacional e na inclusão do Brasil em acordos comerciais relevantes

LUANA MENEGHETTI

AM/GETTY IMAGES

PERDIDO Bolsonaro na reunião realizada na Itália, em novembro: poucos interlocutores de peso

tantes internacionais, adotou postura negacionista diante da pandemia e deixou explícita sua antipatia às causas ambientais. "Todos os nossos interesses na área comercial internacional dependem de uma boa imagem", diz Sérgio Amaral, ex-embaixador do Brasil nos Estados Unidos. A posição do Brasil como pária global acabou reforçada nos últimos meses de 2021, em que as participações do país na Assembleia-Geral das Nações Unidas, em Nova York, na cúpula do G20, em Roma, e na Conferência do Clima COP26, em Glasgow, se transformaram em verdadeiros fiascos. Na capital italiana, o presidente brasileiro nem sequer foi convidado para a tradicional fotografia dos líderes do G20, captada em frente à Fontana di Trevi.

Visto como uma grande conquista pelo governo, o Acordo de Comércio e Cooperação Econômica assinado com os Estados Unidos em 2020 foi congelado após a eleição de Joe Biden, do Partido Democrata. Os principais motivos são a temerária política ambien-

AGENDA EMPERRADA

Alguns acordos comerciais internacionais negociados pelo Brasil que se encontram travados

ESTADOS UNIDOS

O Acordo de Comércio e Cooperação Econômica (ATEC), que simplifica o comércio entre os países, foi assinado em 2020. O texto, no entanto, está parado no Congresso americano por falta de interesse do Partido Democrata, do presidente Joe Biden

UNIÃO EUROPEIA

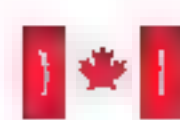
Assinado em junho de 2019, após mais de vinte anos de negociações, está pendente de ratificação pelos países da União Europeia. A França e a Alemanha são os que demonstram maior resistência à aprovação

EFTA Acordo de livre-comércio foi assinado em agosto de 2019 entre o Mercosul e a Associação Europeia de Livre Comércio (EFTA), bloco integrado por Suíça, Noruega, Islândia e Liechtenstein, ainda não foi ratificado, o que deve acontecer em paralelo com o acordo com a UE

MÉXICO

Acordos bilaterais celebrados entre o Mercosul e o México foram assinados em 2002. Já o Acordo de Complementação Econômica nº 54, de 2006, tem o objetivo de criar uma área de livre-comércio entre os países, algo que interessa ao Brasil, mas o México não avança no tema

PERU

O Acordo de Ampliação Econômico-Comercial, que trata de investimentos, serviços e compras governamentais, para maior integração comercial entre os países, foi assinado em abril de 2016. Aguarda a sanção presidencial no Brasil e o fim dos trâmites para dar validade interna a seus termos no Peru

CANADÁ

Em negociação desde março de 2018, teve conversas paralisadas com a pandemia e enfrenta entrave por causa de uma cláusula que o Canadá deseja incluir a fim de permitir que empresas processem Estados para dar validade interna a seus termos no Canadá

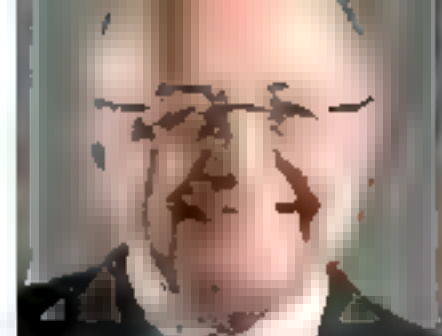
tal brasileira sob a gestão Bolsonaro e o descontrole sobre o desmatamento da Amazônia. "Queremos apoiar o Brasil para garantir que as leis ambientais sejam aplicadas de forma minuciosa para combater toda e qualquer irregularidade", explica com certa dose de eufemismo Douglas Koneff, encarregado de negócios da Embaixada dos Estados Unidos. Em conversas diretas entre os países, entretanto, o recado é inequívoco. Os democratas não querem muita conversa com o Brasil. Em setembro, em debate virtual, depois de o secretário de negociações bilaterais e regionais nas Américas, o embaixador Pedro Miguel Costa e Silva, sinalizar interesse em um acordo "amplo e ambicioso" com os americanos, o assistente da Representação Comercial dos EUA para o Hemisfério Ocidental, Daniel Watson, respondeu que isso seria improvável e que as prioridades do governo Biden são outras.

Com a Europa, a dificuldade de concluir o tratado entre UE e Mercosul ficou explícita em novembro, quando Josep Borrell, o chefe da diplomacia da União Europeia, veio ao Brasil e afirmou que a ratificação ainda estava bastante distante e que seria preciso incluir compromissos ambientais firmes dos brasileiros. Para entrar em vigor, o acordo precisa da aprovação de cada um dos 27 países membros da UE, algo difícil de acontecer hoje. A França, por exemplo, sempre foi um entrave para esse avanço, por seu histórico de protecionismo agrícola. Mas o problema é que até mesmo aliados importantes do Brasil, como Portugal e Alemanha, hoje estão afastados.

Em recente viagem ao país, o presidente português Marcelo Rebelo de Sousa teve uma péssima impressão de Bolsonaro. O encontro entre ambos no Palácio da Alvorada, em agosto, foi um desastre, com Sousa incomodado por ter sido recebido sem máscaras nem protocolos contra a Covid-19 e por duas piadas de cunho sexual contadas pelo líder brasileiro. No país mais rico da Europa, a saída da chanceler Angela Merkel, defensora do acordo, levou a uma guinada de expectativas. A coalizão vencedora, liderada pelo Partido Social-Democrata, tem forte par-

PRESSÃO Protesto durante a COP26, em Glasgow: exigência de agenda sustentável

ticipação do Partido Verde. No novo governo, a pasta das Relações Exteriores passou a ser comandada justamente pela líder dos verdes, Annalena Baerbock, uma crítica contumaz do Brasil.

Em paralelo às negociações com Estados Unidos e Europa, três outros acordos relevantes empacaram na gestão Bolsonaro. Negociações iniciadas há vinte anos com o México, hoje presidido pelo esquerdista Andrés Manuel López Obrador, foram completamente paralisadas. Com o Canadá, divergências em uma das cláusulas travaram as negociações. Esses dois tratados e mais um com o bloco formado por Suíça e Noruega são vistos como especialmente positivos para a indústria brasileira. Mas até outubro não devem avançar. Afinal, os negociadores internacionais agora preferem saber se será Bolsonaro quem continuará à frente do país ou se o interlocutor será outro. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

MENOS DE UM ANO

É crucial renovar a liderança do país em outubro

EM MENOS de um ano, poderemos estar livres do pior desastre político de nossa história, se as eleições presidenciais encerrarem o infeliz governo Bolsonaro. Terão sido quatro anos de má gestão, tensões institucionais e baixo crescimento. Antes de sua vitória, em 2018, seu passado de parlamentar irrelevante e corporativista já sinalizava maus augúrios. O programa de governo, cheio de ideias desconexas, parecia um trabalho estudantil.

Bolsonaro elogiou notórios torturadores. Defendeu o regime militar e o fuzilamento de Fernando Henrique Cardoso. Surpreendentemente, ele soube explorar o sentimento antipolítica de então, que decorria da corrupção dos governos do PT e dos desatinos do período da presidente Dilma Rousseff. Os otimistas diziam que ele abandonaria a ingênua ideia de governar com o apoio de frentes parlamentares e da "nova política", seja lá o que isso significasse. Desapareceria o toma lá dá cá da "velha política", tida como associada a corrupção e a negociações subterrâneas no Congresso.

> "Nada aconteceu. Bolsonaro confirmou o despreparo para o cargo e instintos autoritários"

Eleitores mais confiantes diziam que os arroubos da campanha se curvariam ao controle dos ministros militares. A governabilidade e a aprovação da agenda de reformas se viabilizariam pela formação de uma base parlamentar coesa e majoritária. O presidente exerceria o papel de coordenador do jogo político, como definido pelo cientista político Carlos Pereira. Nada disso aconteceu. Bolsonaro confirmaria o despreparo para o cargo e instintos autoritários.

A pandemia de Covid-19 revelaria um líder negacionista, antivacina e difusor do ineficaz combate precoce à doença. Buscou induzir a população a expor-se ao vírus, chamando de maricas os que aderiam ao distanciamento social, evitavam aglomerações e usavam máscara. Ao afirmar que todos iriam morrer algum dia, parecia justificar uma estratégia para acelerar a imunidade de rebanho e a liberação das atividades econômicas, mesmo que à custa de mais mortes. Desse modo, seriam removidas as restrições à mobilidade, que ele julgava prejudiciais ao seu projeto de reeleição.

Os menos informados sobre as complexidades do governo se entusiasmaram com as propostas ousadas do ministro da Economia, Paulo Guedes. Confiavam em suas credenciais acadêmicas e no discurso sobre reformas, as quais, afirmava, teriam malogrado por incompetência de governos social-democratas. Agora sim, veríamos o advento de um programa efetivamente liberal: ampla privatização, abertura da economia, encolhimento do Estado obeso, e por aí afora. A realidade revelaria um enorme fracasso. Bons legados — a reforma da Previdência, a autonomia do Banco Central e novos marcos regulatórios — foram ofuscados pela irresponsável PEC dos Precatórios e pela destruição da âncora fiscal, que resultaram em taxas de juros mais altas e menor atividade econômica.

Que os votos a favor de Bolsonaro em outubro se limitem basicamente ao seu eleitorado raiz, estimado pelo Datafolha em 11% do total. ■

MASKOT/GETTY IMAGES

ARRANCADA VIRTUAL

O sucesso do Pix acelera a chegada do real digital, criptomoeda que promete realizar uma drástica mudança nas transações financeiras **LUISA PURCHIO**

A LINGUAGEM popular é uma das melhores maneiras de perceber quando novas tendências, de fato, se incorporam ao dia a dia das pessoas. Nesse campo, uma das grandes novidades de 2021 para o brasileiro foi a popularização da expressão "mandar um Pix". O novo sistema de pagamento digital, lançado pelo Banco Central no último trimestre de 2020, teve uma aceitação surpreendentemente rápida. Em 2021, o seu primeiro ano completo de uso, atingiu 117 milhões de usuários e mais de 9,5 bilhões de transações feitas. O sucesso da iniciativa, uma das mais importantes do BC em sua agenda para modernizar o sistema financeiro brasileiro, agora, deve levar a outros avanços. É o caso do real digital, uma criptomoeda soberana, uma espécie de bitcoin oficial do Brasil. "O Pix ajudou as pessoas a se familiarizarem com as transações em carteira eletrônica, o que facilita muito a adoção de tecnologias similares", diz Fabio Araujo, analista da secretaria executiva do BC.

O plano da autoridade monetária é testar a partir de abril as possibilidades de uso para o real digital. Para isso, se valerá do Laboratório de Inovações Financeiras e Tecnológicas (LIFT Lab) mantido em parceria com

NO CELULAR
Pagamento instantâneo: o primeiro passo no processo de digitalização

a Federação Nacional de Associações dos Servidores do Banco Central (Fenasbac). A ideia é propor um desafio de desenvolvimento da nova moeda digital às instituições financeiras do mercado, batizado como LIFT Challenge. "A proposta é desenvolver um debate para que boas ideias possam ser implementadas. E o próprio BC vai acompanhar e poder interferir nos aspectos positivos e negativos do projeto logo no nascedouro da tecnologia", diz Rodrigoh Henriques, coordenador do LIFT Lab.

O grande potencial da nova tecnologia está em permitir funcionalidades que o real tradicional não atende. Entre as principais delas estão o chamado dinheiro direcionado e os pagamentos no âmbito da internet das coisas (IoT). A primeira basicamente consiste em programar a realização das transações financeiras, como, por exemplo, restringi-las a um determinado fim ou região geográfica, o que aumenta a sua segurança. Dessa forma, uma pessoa que sair à noite conseguirá definir que sua carteira digital só possa ser usada na região de um restaurante, ou uma mãe poderá determinar o uso do dinheiro do filho apenas na cantina da escola. Na internet das coisas, por sua vez, será possível que objetos inteligentes usem os recursos virtuais para fazer compras de forma autônoma, como uma geladeira que encomenda — e paga — ao mercado por produtos que estão acabando ou uma impressora que encomenda cartuchos de tinta a uma papelaria. Há ainda outros tipos de uso, como os avaliados pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) *(veja o quadro)*, que representará os bancos no desafio.

O real digital ainda terá de se provar como um mecanismo factível, com vantagens e sem riscos em termos de segurança das operações. Com a realização dos estudos pelo BC e pelo mercado, a previsão é que a moeda virtual possa ser implementada em dois ou três anos, a partir de um projeto-piloto ainda neste ano. De acordo com o Banco de Compensações Internacionais (BIS), que reúne os bancos mundiais, 86% dos bancos centrais estão pesquisando ativamente o potencial das moedas digitais, 60% deles estão experimentando a tecnologia e 14% estão rodando projetos-piloto. O país mais avançado é a China, que no começo do ano lançou um aplicativo de pagamentos e transferências de yuan digital em algumas cidades, incluindo Pequim, sede dos Jogos Olímpicos de Inverno, em fevereiro. Se depender do entusiasmo despertado pelo Pix, o Brasil estará em breve nessa lista. ■

NOVO MUNDO

Cinco aplicações para o dinheiro digital

MOEDA DIRECIONADA

O uso pode ser limitado por região geográfica ou tipo de transação, como compras de alimentos em determinados bairros ou cidades

DELIVERY VERSUS PAYMENT (DVP)

A modalidade garante que a transação financeira que efetiva o pagamento ocorra simultaneamente ao recebimento do produto, serviço ou valor mobiliário

CÂMBIO PARA PESSOA FÍSICA

Simplifica as compras e remessas em moeda estrangeira, sem restrições, exigência de complexas documentações ou altas taxas

CARTEIRA DIGITAL

Além da carteira digital em reais tradicionais, o usuário teria uma com o saldo em real digital, o que facilitaria o pagamento de auxílios sociais do governo, por exemplo

INTERNET DAS COISAS (IOT)

A partir da conexão em 5G, equipamentos como carros e eletrodomésticos podem realizar compras atreladas às suas funções e utilizações

Fonte: *Federação Brasileira de Bancos (Febraban)*

O CHIP DA DISCÓRDIA

Vitais para a cadeia produtiva global, os microcomponentes onipresentes no universo eletrônico estão provocando uma corrida entre as nações do Ocidente para não mais depender da China

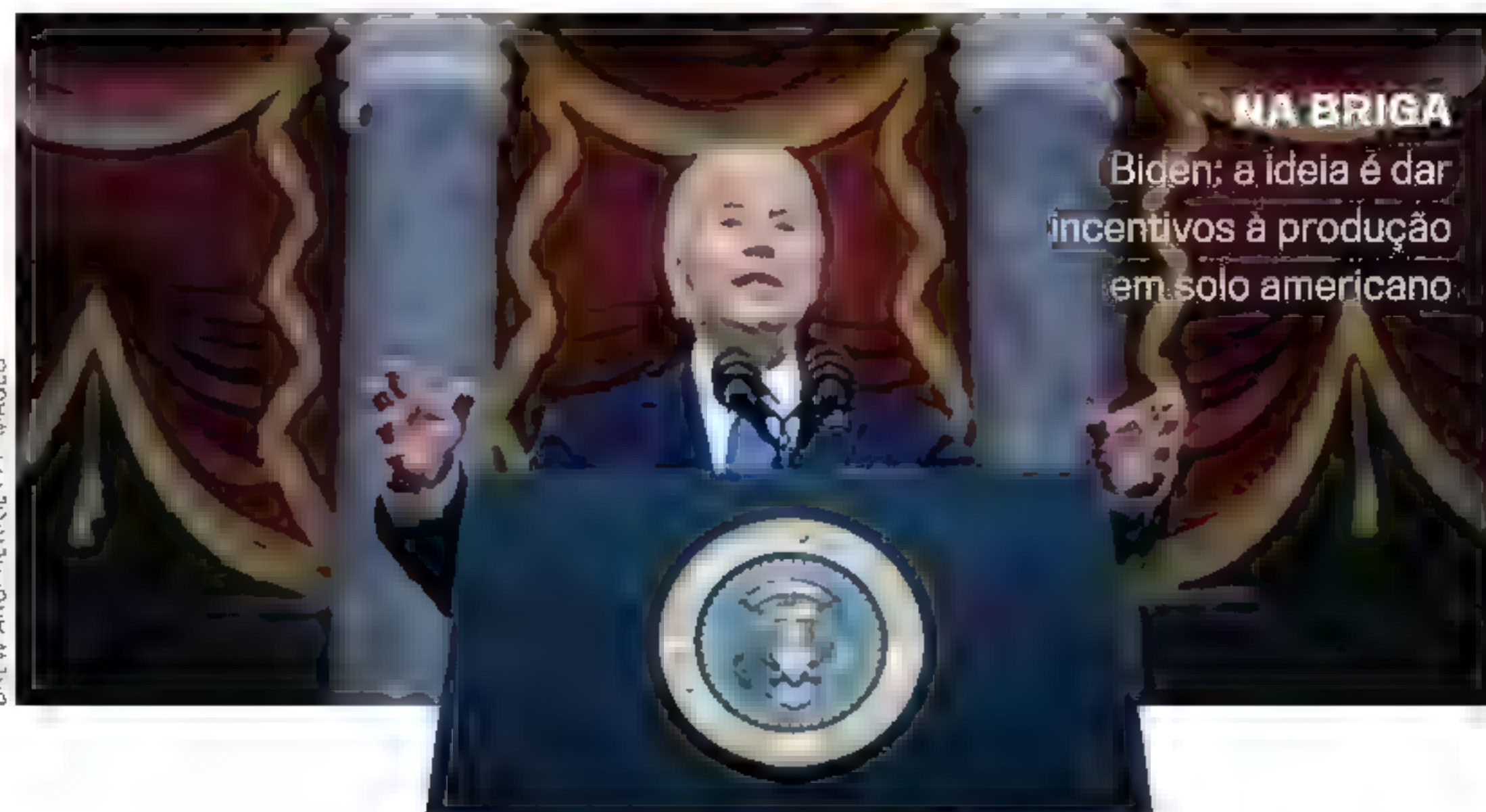
CAIO SAAD

Os semicondutores, materiais que conduzem correntes elétricas na forma de microchips, são a espinha dorsal do mundo interconectado. Presentes em todos os recantos do universo eletrônico no papel de cérebro de máquinas que vão de simples calculadoras a automóveis, aparelhos de TV, smartphones, videogames, passando pelos equipamentos de exploração espacial, eles se tornaram cruciais para a cadeia produtiva mundial — e, desde a pandemia, também uma enorme dor de cabeça global. A elevada procura após quase um ano de demanda reprimida, período em que as esteiras seguiram apenas parcialmente operantes, e a concentração da fabricação em alguns poucos países colocaram os semicondutores no centro de um ringue em que setores diversos se estapeiam para ver quem fica com a produção de indústrias que já operam com capacidade máxima. Indo além das leis de mercado, a briga por chips transbordou para uma guerra geopolítica: diante da extrema dependência do fornecimento asiático, ainda mais evidente agora, Estados Unidos e Europa estão distribuindo milhões em incentivos para construir fábricas de chips em seu território.

Depois de explodir em 2021, com crescimento de 26% e faturamento de 550 bilhões de dólares, a venda mundial de chips deve continuar em franca ebulição, segundo as projeções. A maior produtora é, de longe, Taiwan — lá, uma única empresa, a TSMC, fornece quase metade de todos os semicondutores do planeta. Os chips da ilha são tão essenciais para o mundo que parte da escassez atual se deve a duas secas sem precedentes, que provocaram uma redução forçada no fornecimento taiwanês nessa indústria que é movida a enormes volumes de água. Juntas, Taiwan e China respondem por 70% dos chips que o mundo consome — e a aberta intenção de Pequim de engolir a ilha, hoje um país reconhecido por poucos e amparado quase unicamente pelos Estados Unidos, faz o Ocidente tremer. “A escassez atual expôs os riscos geopolíticos da dependência tecnológica”, alerta Raluca Csernatoni, pesquisadora do instituto Carnegie Europe, sediado em Bruxelas.

Os Estados Unidos continuam a ser o motor da pesquisa e desenvolvimento de chips, uma atividade dominada por empresas do Vale do Silício, como

DREW ANGERER/GETTY IMAGES

NA BRIGA
Biden: a ideia é dar incentivos à produção em solo americano

LU YUCAI/VCG/GETTY IMAGES

ELES TÊM A FORÇA Asiáticos dominam o mercado do produto: após um ano freada pela pandemia, a demanda explodiu

Nvidia e Qualcomm, e cada vez mais requisitada diante da acelerada especialização dos semicondutores. Em relatório recém-publicado, a Casa Branca destacou as vantagens de estar à frente no design do produto, mas a posição perde força quando se constata que os chips que os americanos criam são, quase todos, feitos na Ásia. Devolver para os Estados Unidos a cadeia produtiva de diversos itens considerados estratégicos era uma bandeira de Donald Trump, que para isso impôs tarifas extras e termos duros para o comércio, principalmente com a China. A política não teve muito resultado — até a pandemia chegar e estabelecer a desordem nas engrenagens do fornecimento, levando as empresas a repensar sua localização.

O governo de Joe Biden está empenhado agora em passar no Congresso uma lei com o objetivo de reservar um aporte bilionário para impulsionar a proliferação de fábricas de chip em solo americano, uma tentativa de escapar das garras do dragão chinês. Enquanto a bolada não vem, injeções de verbas estaduais começam a mudar a paisagem. A Micron Technology, sediada no estado de Idaho, anunciou recentemente que vai investir 150 bilhões de dólares nos próximos dez anos em pesquisa, desenvolvimento e fabricação dos tão disputados chips no seu local de origem. Também a sul-coreana Samsung reservou 17 bilhões de dólares para erguer uma fábrica de semicondutores no Texas.

FÁBRICAS A TODA

550 bilhões de dólares é o tamanho do mercado mundial de chips

26% foi quanto ele expandiu em um ano

70% é a fatia produzida só por Taiwan e China

Fonte: *consultoria TrendForce*

Igualmente preocupada em garantir pronto acesso aos componentes do mundo digital, a União Europeia formula um projeto de lei que mira alavancar de 5% para 20% seu quinhão no mercado de semicondutores até o fim da década. Os maiores investimentos são na região de Dresden, na Saxônia, localizada na antiga Alemanha Oriental — a região, apelidada de "Vale do Silício saxão", fornece hoje um de cada três chips feitos na Europa e tem entre seus compradores gigantes como Apple, Samsung e Amazon. Os semicondutores floresceram ali nos anos 1990, aproveitando a oferta de especialistas em microeletrônica treinados pela Alemanha comunista e desempregados após a queda do Muro de Berlim. A ideia agora é abrir a Saxônia a imigrantes qualificados e aumentar assim em quase 50% a força de trabalho dedicada aos chips. Na contramão global, o mercado brasileiro perdeu sua única fábrica de chips (também a única do Hemisfério Sul) em junho, quando o Ministério da Economia fechou o Centro de Excelência em Tecnologia Eletrônica Avançada, estatal criada em 2008. De fato, a empreitada estava dando prejuízo aos cofres públicos. "Alcançar uma posição de força na cadeia de produção dos semicondutores leva tempo e é tarefa difícil para quem está chegando", afirma a especialista Raluca Csernatoni. Pelo visto, vamos continuar produzindo apenas commodities no grande jogo global. Quase nada de tecnologia. ■

ACERTO DE CONTAS

Potências que dizimaram povos nativos ao conquistar territórios remexem as feridas do passado e empreendem inéditas políticas de inclusão e compensação financeira **ERNESTO NEVES**

PROTAGONISMO A âncora Oriini Kaipara, da Nova Zelândia: os maoris ocupam todas as esferas

INSTAGRAM @ORIINZ

OS VENTOS da modernidade vêm sacudindo antigas leituras da história e lançando luz sobre o lado, em geral, menos visível — o dos mais vulneráveis. É nesse contexto que alguns países cutucam hoje as cicatrizes de um passado no qual conquistaram territórios à custa de muita violência impingida contra os povos nativos, tudo vastamente registrado. Calcula-se que, após a chegada dos colonizadores às Américas, em 1492, mais de 70 milhões de indígenas tenham sucumbido a doenças, guerras e pobreza. Demorou até que autoridades reconhecessem o que os historiadores classificavam como genocídio, pedidos oficiais de desculpas vieram, mas nunca se viu nada parecido com o que certos governos começam a fazer para tentar reparar, seja com políticas de inclusão, seja com aportes financeiros, o débito acumulado com as populações que dizimaram. E isso tem relação direta com a ampla circulação de informação nos tempos atuais, que impulsiona os povos locais a tocar na ferida e cobrar a fatura, e com a noção política de que abraçar a diversidade pode colher bons resultados.

O caso mais recente é o do Canadá, onde o primeiro-ministro Justin Trudeau anunciou, em 4 de janeiro, um acordo que reserva 31 bilhões de dólares para ações de reparação dessa natureza. A metade do dinheiro será direcionada a medidas para abrir espaço aos indígenas na sociedade, a outra vai para famílias afetadas por um horripilante sistema de assimilação forçada empreendido pelo governo a partir do século XIX. Consistia em retirar à força de suas casas crianças nativas — 150 000 no total — e

mantê-las em internatos católicos. Lá, segundo se descobriu, sofriam todo tipo de maus-tratos, de desnutrição a abusos físicos e sexuais, crimes que vieram à luz em 2021, quando foram encontradas sepulturas na área desses colégios. Também o governo da Austrália decidiu, no ano passado, desembolsar 280 milhões de dólares em indenizações às famílias aborígenes vitimadas pela fúria colonizadora. "Não basta dizer que lamentamos, precisamos nos responsabilizar", afirmou o premiê australiano Scott Morrison, enveredando por um discurso que nestes dias virou patrimônio eleitoral.

YASIN OZTURK ANADOLU/GETTY IMAGES

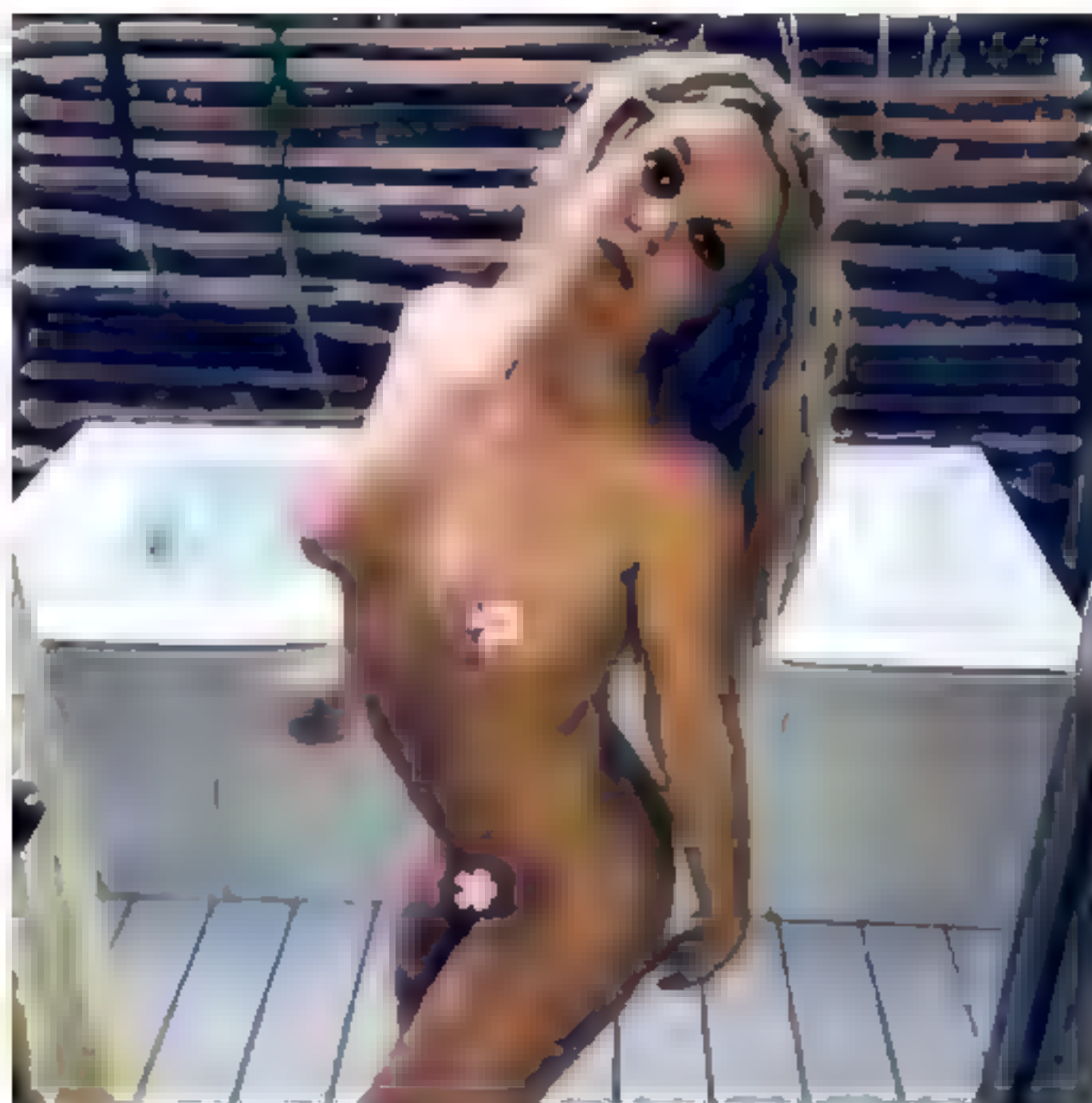
O GRITO Manifestação nos EUA: apuração sobre crimes contra indígenas

A investigação histórica mostra que padrões de dominação dos nativos se repetiram em lugares distintos. Aberrações averiguadas no Canadá, por exemplo, ao que tudo indica, ocorreram também nos Estados Unidos, onde os indígenas têm ido às ruas bradar por mais espaço. Instado a prestar contas, o presidente Joe Biden encomendou uma apuração sobre abusos nos 367 internatos mantidos pelo governo até os anos 1980, devassa empreendida pelo Departamento do Interior — órgão, aliás, liderado por Deb Haaland, uma ex-deputada democrata que tem ascendência indígena. Cavucar o passado é processo doloroso, mas inescapável. "Nos últimos anos, a informação se tornou mais acessível e passamos a ter amplo conhecimento sobre nossos direitos", explica o finlandês Tuomas Aslak Juuso, da etnia sami, um dos maiores grupos indígenas da Europa, submetido entre o século XVI e os anos 1960 a violências variadas, inclusive servir de atração em circos. Em novembro, Finlândia e Suécia instituíram comissões da verdade justamente para apurar brutalidades cometidas contra tais populações, trabalho que vai resultar em um plano de ressarcimento.

Pioneira ao iniciar políticas de reparação aos indígenas há quatro décadas, a Nova Zelândia vêm assistindo a uma nova onda que prega a integração dos maoris em todos os cantos da sociedade, tanto nos espaços públicos como nos privados. A pressão do governo recai até sobre as emissoras de TV, que precisam exibir conteúdos alinhados à ideia da diversidade. Uma das âncoras de maior visibilidade no país é a jornalista indígena Oriini Kaipara. "Tudo o que peço é que reconheçam a beleza de ser maori e nos aceitem como somos", afirmou Oriini, que traz no queixo uma *moko kauae*, tradicional tatuagem facial entre os nativos. Ingressar nas alçadas de poder é um passo para ganhar terreno e voz. No Chile, os mapuches passaram a sentir pela primeira vez alguma sensação de protagonismo. Entre os 155 membros da Assembleia Constituinte, responsável por escrever a nova Carta, vinte são indígenas. "A Constituição nos ajudará a estabelecer uma nova relação no país entre o Estado e os povos originários", acredita Salvador Millaleo, professor de direito da Universidade do Chile.

A revisão do passado vem gerando acalorado debate entre antigas potências imperialistas europeias, o que envolve um simbólico bota-abaixo de ícones identificados com os excessos coloniais. Aconteceu na Bélgica, com a remoção de nomes de rua e estátuas em homenagem ao rei Leopoldo II, que impôs sua vontade com mãos de ferro sobre o que é hoje a República Democrática do Congo, e no Reino Unido, onde desapareceram da paisagem figuras celebradas do comércio escravagista. Até os museus britânicos consideram mudar o ângulo da narrativa de fatos históricos, o que começa a ser visto em discursos oficiais. Em 2021, a Alemanha admitiu a responsabilidade pela morte de 100 000 pessoas das etnias herero e nama, da Namíbia, durante o período em que colonizou o país. Os alemães concordaram em destinar 1,1 bilhão de euros para esses grupos. Já no Brasil, onde 70% dos 3 milhões de indígenas pereceram, esse tipo de discussão ainda está longe de deslanchar. "As iniciativas de reparação têm prosperado principalmente em nações mais ricas", observa Jean-Pierre Massias, especialista em ações afirmativas da Université de Pau et des Pays de l'Adour, na França. Nunca é tarde para um acerto de contas histórico. ■

DOCE VINGANÇA

Ela bem que avisou. "Estou cansada de ser uma madre Teresa", disparou **BRITNEY SPEARS,** 40 anos, logo antes de se livrar da tutela legal do pai, que tosou sua liberdade por mais de uma década. Não deu outra. Foi só começar a mandar no próprio nariz esculpido a bisturi para exibir sua insustentável leveza aos 40 milhões que a seguem nas redes. "A energia de uma mulher livre que nunca se sentiu melhor", escreveu ela na legenda de uma foto em que aparece de meia sete oitavos, um colar, figurinhas para tapar uns detalhes que não queria mostrar – e só. Repetiu a dose com uma lingerie vermelha e topless. Depois, surgiu com a "primeira taça de vinho tinto!!! Esperei treze anos!", deixando às claras seu desejo de vingança. "Estou aqui para lembrar minha família de que eu não esqueci o que eles fizeram comigo. E nunca vou esquecer!", esclareceu a cantora, generosa nos pontos de exclamação.

INSTAGRAM @BRITNEYSPEARS

SÓ PODIA SER NA BAHIA

Com o currículo carimbado por todas as grifes internacionais da mais elevada costura, a modelo **LAIS RIBEIRO,** 32 anos, saiu há doze do Nordeste, mas o Nordeste nunca a deixou. "Estou morrendo de saudades da piaba frita que a minha avó faz", diz ela, que vive em Miami e já tem data para dar um ponto-final ao tormento. No segundo semestre, volta ao Brasil para se casar na Bahia com o eterno ídolo do Chicago Bulls Joakim Noah. Ex-"angel" da Victoria's Secret, onde ocupou posto de alto prestígio ao exibir para o mundo um sutiã cravejado de brilhantes avaliado em 2 milhões de dólares, ela concorda com a guinada que a marca, acusada de sexismo, precisou dar para se ajustar aos novos ventos. "A mudança era mais do que necessária", opina.

INSTAGRAM @LAISRIBEIRO

INSTAGRAM @M RODRIGUEZ7

NUNCA ANTES NESTE PRÊMIO

Sem tapete vermelho, sem celebridades e sem transmissão na televisão, o Globo de Ouro, considerada a mais importante premiação da TV e do cinema na temporada pré-Oscar, sofreu nesta edição as dores do cancelamento, em protesto contra a falta de um olhar para a diversidade — até 2021 não havia um único negro entre os oitenta jurados. Mas eis que, na trilha da reabilitação, uma artista trans é pela primeira vez agraciada com um troféu, anunciado, como os outros, só nas redes sociais. **MICHAELA JAÉ RODRIGUEZ,** 31 anos, venceu na categoria de melhor atriz pela atuação na série *Pose*. "Essa é para meus jovens bebês LGBTQIA+, a porta está aberta", celebrou ela, egressa de um bairro pobre de Nova Jersey e também latina e negra. Mais representatividade, impossível.

A ARTE NÃO IMITA A VIDA

Não foi trivial para **RITA GUEDES,** 50 anos, sorver inspiração em seu entorno para dar vida a uma governadora do Rio que se notabiliza pela honestidade. Em quatro anos, seis chefes do Executivo fluminense acabaram afastados ou presos por corrupção. Para compor sua personagem na segunda temporada de *Arcanjo Renegado*, série da Globoplay, ela foi garimpar exemplos em outras bandas do planeta, observando a ex-chanceler alemã Angela Merkel e Jacinda Ardern, a celebrada primeira-ministra da Nova Zelândia. "São perfeitas", derrama-se a atriz, que abre uma exceção local à deputada federal Tabata Amaral. O laboratório incluiu uma imersão na Assembleia Legislativa, que rendeu até convite para ela se candidatar a deputada. "Impossível", sentencia. ■

DIVULGAÇÃO

DAVID DEE DELGADO/GETTY IMAGES

NOVA YORK, 2022 Festa na praça: mesmo com avanço da ômicron, a Times Square ficou lotada na noite de réveillon

EIS AQUI O NOVO NORMAL

A pandemia entra em uma nova fase, permitindo uma mudança radical no enfrentamento da Covid-19. Em vez do isolamento total, chegou a hora de aprendermos a conviver com o vírus

PAULA FELIX

ROY ROCHL/GETTY IMAGES

NOVA YORK, 2021 Solidão de inverno: a prefeitura suspendeu a tradicional comemoração no ano 1 da pandemia

Exatamente um ano separa as fotos acima. As duas são registros das noites de réveillon na Times Square, tradicional ponto nova-iorquino da festa da virada. A primeira, à esquerda, registra a comemoração da passagem de 2021 para 2022, agora mesmo. A segunda, de 2020 para 2021. Nos dois momentos, Nova York enfrentava mais uma das escaladas de casos de Covid-19 que marcaram a pandemia desde seu início, em março de 2020. Nenhuma, no entanto, é tão impressionante quanto a que varre o mundo neste momento, alimentada pela ômicron. Enquanto turistas se aglomeravam na praça na noite de 31 de dezembro de 2021, a cidade americana contabilizava 472 000 novas notificações nas 24 horas anteriores. Um dia antes, foram 590 000. E assim tem sido em todo lugar. Na Europa, estima-se que, em dois meses, metade da população do continente terá sido contaminada. No Brasil, na segunda-feira 10, houve mais de 36 000 novos infectados, representando um aumento de quase 800% em relação às duas semanas anteriores. No entanto, mesmo com a assombrosa expansão de testes positivos se desenrolando em ritmo inédito, o mundo não parou. Nova York festejou a entrada de 2022 em uma Times Square lotada, bem diferente da imensidão vazia do ano passado. Empresas, comércio e escolas permanecem abertos e a palavra *lockdown*, tão pronunciada nos primeiros meses da pandemia, sumiu das conversas. Muita gente se pergunta, com razão, o que mudou em relação aos últimos dois anos, quando as oscilações do vírus pautaram nossas rotinas. A resposta é simples: tudo. E a partir de agora não mais nos fecharemos em casa a cada nova variante. Chegou a hora de aprender a viver com o vírus, mantendo a calma e os cuidados — vacinas sempre, por favor —, e tocar a vida.

Bem-vindo ao novo normal com o rótulo de 2022. Essa mudança radi-

cal no enfrentamento da Covid-19 só é possível porque a pandemia está em estágio bastante distinto dos anteriores. Em 2020, o SARS-CoV-2 surgiu como um vírus pandêmico. Ou seja, desconhecido pelo organismo humano — sem defesa prévia contra o invasor, portanto —, capaz de infectar e provocar doença grave em pessoas de qualquer parte do mundo. Durante dois anos, seguiu evoluindo por meio de mutações que, em alguns casos, favoreceram sua transmissibilidade e letalidade, caso das cepas alfa, beta, gama e delta. Porém a história das pandemias mostra que o trajeto evolucionário de um agente infeccioso é sempre esse até que seja atingido o ponto de equilíbrio no qual o vírus inicie a migração da fase de destruição do hospedeiro para a de coabitação com ele. A pandemia está precisamente neste período, o da transição da forma pandêmica do coronavírus para sua versão endêmica, quando ele se tornará um inimigo mais parecido com o *Influenza*, vírus que provoca a gripe, e não mais representará grande perigo à saúde pública. Isso significa ainda que o vírus deixará de causar interferências drásticas na rotina das sociedades, obrigando a suspensão de atividades ou o fechamento de cidades e países.

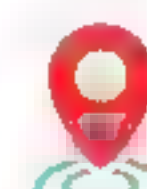
E quem deu início a este novo período foi justamente a ômicron. A variante é exemplo acabado das cepas típicas das fases de transição: altamente transmissível, mas menos agressiva, para não matar seu hospedeiro. Ela dificilmente chega aos pulmões, onde começam as complicações mais severas da Covid-19. Isso explica por que as hospitalizações não crescem na mesma proporção dos casos. "A cepa é preocupante, mas não é um desastre para a saúde", escreveram na semana passada os médicos israelenses Zvika Granot e Amnon Lahad, da Universidade Hebraica de Jerusalém. "A ômicron pode ser o sinal do fim da pandemia."

GIL COHEN-MAGEN/AFP

A clara percepção de que a Covid-19 ruma em direção à endemia autoriza a saída de cena da política Covid Zero *(à exceção da China, conforme texto na pág. 61)* e sua substituição por medidas mais flexíveis. "A recomendação não é mais 'fique em casa', mas 'evite aglomerações'", explica o epidemiologista Pedro Hallal, professor associado da Universidade Federal de Pelotas e professor visitante da Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos. "Vamos seguir nossa vida normal, mas tomando os cuidados necessários, como usar a máscara. Estamos caminhando para o fim da pandemia, mas não é o fim do coronavírus." A tônica é consenso entre autoridades de saúde e pesquisadores, com raras exceções. Na semana passada, estudiosos americanos que assessoraram o presidente Joe Biden na campanha eleitoral divulgaram no *The Journal of the American Medical Association* artigos com propostas para o novo momento. Entre as medidas, estão o estabelecimento de novos critérios para a ado-

ROTA RECALCULADA

O que mudou no modo de enfrentar a doença

2020	2022
Quarentena de catorze dias para infectados pelo vírus	*Redução do prazo de quarentena para infectados assintomáticos de dez para cinco dias*
Isolamento social ou lockdown	*Práticas de distanciamento social*
Fechamento de escolas, comércios e serviços	*Rastreamento de casos e contactantes para fechamentos pontuais de estabelecimentos*
Uso de máscaras, inclusive caseiras	*Recomendação para o uso de máscaras PFF2 (também conhecidas como N95) bem vedadas*

Fontes: *Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC), Food and Drug Administration (FDA); Organização Mundial da Saúde (OMS)*

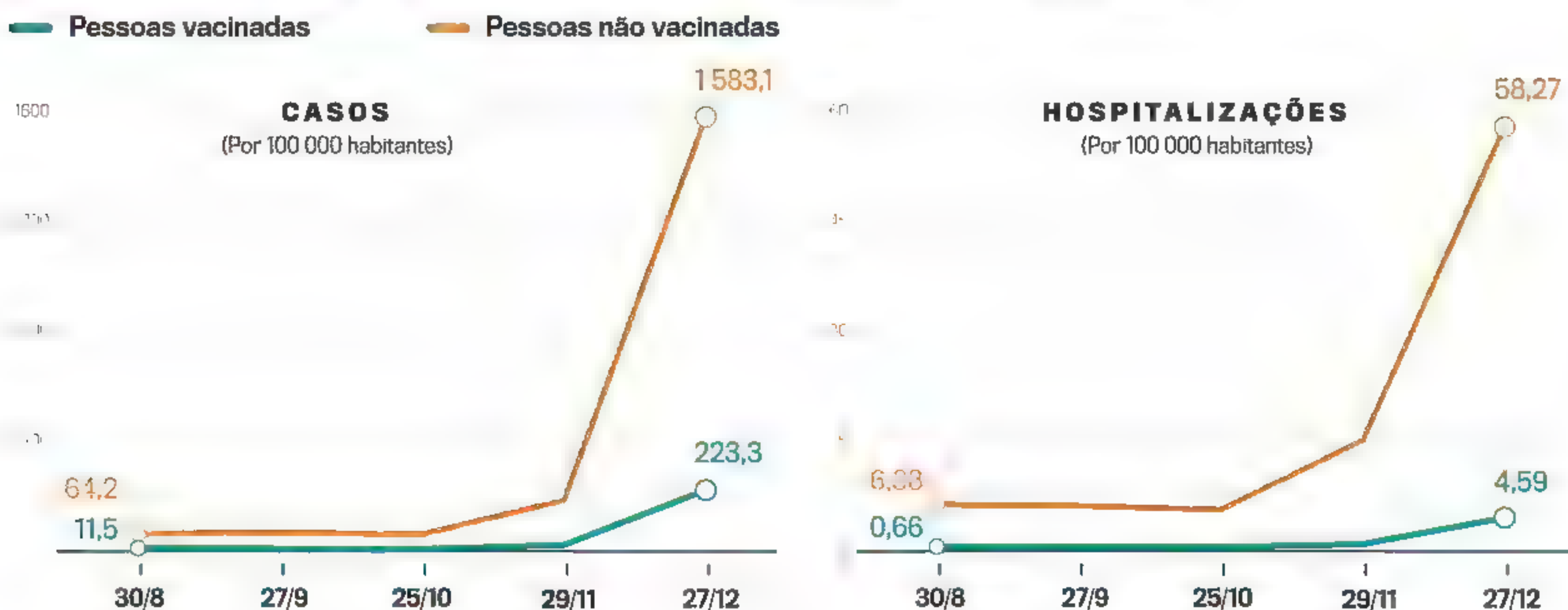
GALLO IMAGES/GETTY IMAGES

PROTEÇÃO Vacinação de crianças em Israel *(à esq.)* e da população africana *(na foto, um shopping da África do Sul)*: a preocupação com a imunidade de grupos ainda vulneráveis é fundamental na etapa atual da crise

ção de medidas restritivas, o fortalecimento dos sistemas de vigilância epidemiológica, a ampliação de testagem e o aumento da cobertura vacinal. Na África do Sul, cientistas das principais universidades escreveram um manifesto em apoio à decisão do governo do país de deixar de pautar as respostas pelo número de infecções e passar a considerar o total de casos graves na tomada de decisões.

Reflete-se também qual o tempo adequado de isolamento nas circunstâncias atuais. No fim do ano passado, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos mudou sua diretriz e diminuiu o período de afastamento de pacientes assintomáticos de dez para cinco dias, mantendo o uso de máscara por mais cinco dias. No Brasil, a quarentena caiu para sete dias, mas pode chegar a cinco se a pessoa não tiver sintomas da doença e não estiver tomando antitérmicos por, ao menos, 24 horas. A Espanha, um dos países que mais sofreram durante a primeira onda, quer debater com outras nações europeias a possibilidade de classificar a Covid-19 como doença endêmica já nos próximos meses. "Isso é possível porque a ciência nos deu os recursos para nos protegermos", disse o primeiro-ministro Pedro Sánchez. Louve-se, com toda a estridência necessária, a relevância das vacinas, uma das grandes criações da humanidade. Elas são comprovadamente eficientes na redução de casos graves e de mortes pela doença e, agora, responsáveis pela maior proteção contra os efeitos da ômicron. A título de exemplo: em 27 de dezembro do ano passado, em Nova York, já com a prevalência da ômicron, o índice de indivíduos hospitalizados que tinham sido duplamente vacinados era de 5 por 100 000 habitantes. Entre os não imunizados, rebanho que seguiu conselhos dos negacionistas, a taxa de internações chegara a 59 por 100 000 indivíduos. "Quem não se protegeu sofrerá mais", diz o infectologista Anthony

O PODER DA VACINA

A diferença na evolução dos casos entre imunizados e não vacinados prova a necessidade de proteção*

*Dados de Nova York Fonte: *Departamento de Saúde e Higiene Mental de Nova York*

VIDA QUE SEGUE Ensino: as aulas presenciais deverão ser mantidas, sempre com os cuidados como o uso de máscara

Fauci, conselheiro do governo americano contra a Covid-19.

O Brasil, que vive agora a explosão da ômicron e sofre com as estultices do presidente Jair Bolsonaro, tem a vantagem de ostentar bons índices de cobertura vacinal, à revelia da vontade do homem que senta na cadeira do Palácio do Planalto — até a quinta-feira 13, pelo menos 68% da população estava totalmente imunizada, com duas doses ou dose única, a depender do imunizante. Falta proteger os 20 milhões de crianças de 5 a 11 anos, que felizmente começarão a receber na semana que vem as primeiras doses da vacina pediátrica da Pfizer, e reduzir o número dos que não tomaram a segunda dose. Além disso, o país precisa avançar na testagem, ponto decisivo para o adequado monitoramento.

E, se uma das prioridades, daqui para a frente, é priorizar os cuidados aos mais vulneráveis, como é feito no manejo da gripe, o mundo tem uma lição de casa obrigatória e urgente. É preciso ampliar a proteção vacinal na África, onde apenas 10% da população está completamente imunizada. E assegurar ao continente estoques dos novos medicamentos contra o vírus que se mostraram bastante eficazes.

ARSENAL ANTI-COVID

O que já temos para combater o coronavírus

10 VACINAS foram autorizadas pela OMS

VACINAS EM USO NO BRASIL

PARA ADULTOS E ADOLESCENTES

CoronaVac — EFICACIA* **51%**

Pfizer — EFICACIA* **95%**

AstraZeneca — EFICACIA* **82,4%**

Janssen — EFICACIA* **66,9%**

PARA CRIANÇAS

Pfizer (versão pediátrica) — EFICACIA** **91%**

*Prevenção de evolução para sintomas graves da doença

**Prevenção de casos sintomáticos

A EXCEÇÃO CHINESA

A China está na contramão da tendência mundial de flexibilizar as medidas restritivas. O país onde surgiram os primeiros casos de Covid-19, nos últimos dias de dezembro de 2019, tem hoje como obsessão evitar que o coronavírus volte a ser transmitido. Por isso cidades inteiras continuam experimentando o confinamento, restritas a serviços essenciais. A ideia é criar zonas de Covid zero e, mesmo quando surge um número pequeno de casos, toda a população entra em quarentena. Dessa forma, quase 20 milhões de pessoas de três cidades estão em completo isolamento.

Na segunda-feira 10, após dois casos da variante de preocupação ômicron serem detectados em Anyang, cidade com 5,5 milhões de habitantes, a medida foi implementada. Em Yuzhou, o confinamento de 1,1 milhão de pessoas foi iniciado há uma semana. Já em Xian, os 13 milhões de moradores estão isolados há três semanas. O objetivo, segundo o governo chinês, é facilitar a testagem em massa da população. A política de controle extremo foi adotada pela potência oriental desde o começo da pandemia, mas, por causa do cansaço da população, é provável que não possa ser adotada por muito tempo.

CNS AFP

TESTAGEM Rotina: postos de testes estão espalhados por toda a China

Apesar de trazer um certo alívio ao prometer um 2022 mais parecido com o que vivíamos antes do coronavírus, o modo "novo normal" impõe desafios individuais bem sensíveis. O mais difícil é reconstruir a relação com o trabalho, o descanso, o lazer e o convívio social enquanto se aprende a viver com a presença — ou onipresença, por ainda mais alguns meses — do vírus. "É preciso ter flexibilidade comportamental para acompanhar as oscilações que farão parte desta fase" explica o psicólogo Armando Ribeiro, especialista em gestão do estresse pela Universidade Harvard. Se o pânico chegar perto, lembre-se de que a inclinação biológica do vírus é se tornar mais inofensivo e que a ciência nos muniu do necessário para conviver com ele sem mais tanto sofrimento. O momento é de calma e otimismo — ainda que o desrespeito de parte do Ministério da Saúde com a pandemia, no descuido com os dados, em apagão estatístico inaceitável, seja aflitivo. A pandemia passará, como passaram outras. Seu legado será o respeito à memória dos mais de 620 000 brasileiros que morreram e os avanços científicos, liderados pela vacina, que já não podem ser renegados. Quem sabe ela termine tendo como moldura o sorriso das crianças, que, a partir da próxima semana, aparecerão sorrindo, orgulhosas, nas redes sociais, com o braços estendidos para as agulhas. ■

MEDICAMENTOS

Antivirais e anticorpos monoclonais: reduzem a incidência de casos graves e mortes

ANTIVIRAIS

Nome: *Paxlovid*
Fabricante: *Pfizer*
Indicado para pacientes não internados, mas de alto risco
Diminuiu em 89% o risco de hospitalização e morte

Nome: *Molnupiravir*
Fabricante: *Merck (MSD no Brasil)*
Indicado para pacientes com casos leves a moderados da doença
Baixou em 30% o risco de hospitalização e morte

ANTICORPOS MONOCLONAIS (aplicados em ambiente hospitalar)

Nome:	Farmacêutica(s):
Casirivimabe e imdevimabe	*Regeneron e Roche*
Regkirona (regdanvimabe)	*Celltrion Healthcare*
Sotrovimabe	*GSK*
Banlanivimabe e etesevimab	*Eli Lilly*

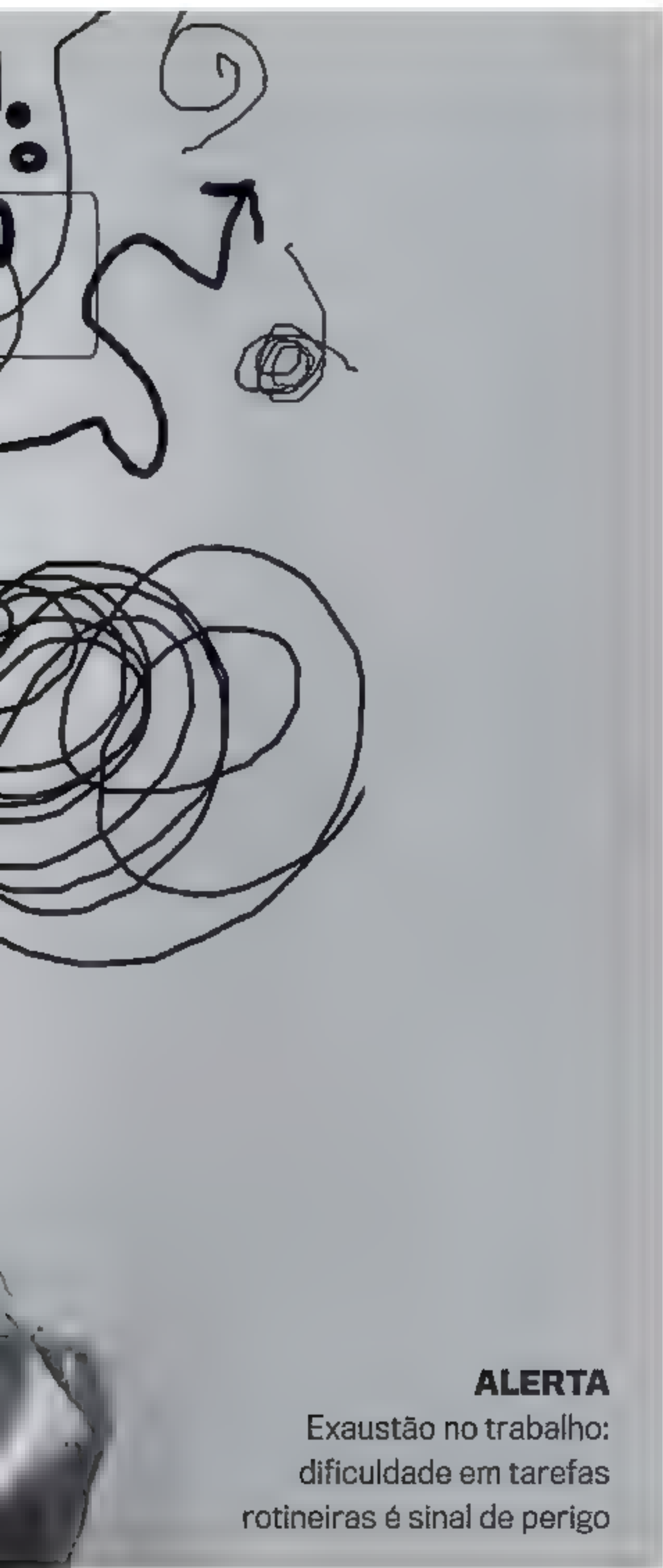
Fontes: *Anvisa, Merck e Pfizer*

STOCK/GETTY IMAGES

NÃO ERA MI-MI-MI

A OMS classifica a síndrome de burnout como doença ocupacional, o que finalmente dá à exaustão física e mental causada pelo trabalho a atenção que ela merece **ANDRÉ SOLLITTO**

NO INÍCIO dos anos 1970, o psicanalista americano Herbert J. Freudenberger abriu uma clínica gratuita em Nova York para tratar pacientes pobres. Ele trabalhava de dez a doze horas por dia em seu consultório particular e depois ia para a segunda jornada. Raramente encerrava as atividades antes da meia-noite. Não demorou para perceber que o bonito projeto altruísta virara um estorvo. Os colegas que participavam da empreitada e seguiam a mesma toada urgentíssima estavam ficando cansados, rabugentos e sem perspectiva. O cinismo era a nova régua.

E, então, Freudenberger diagnosticou a si mesmo e aos companheiros com o que chamou de "síndrome de burnout", um estado de exaustão permanente provocado pelo trabalho. "Os esgotados têm dores de cabeça, problemas de estômago, dificuldade para dormir e falta de ar",

ALERTA
Exaustão no trabalho: dificuldade em tarefas rotineiras é sinal de perigo

anotou. Era a primeira vez, na história da medicina, que as condições da rotina profissional associadas ao estresse indicavam um problema real de saúde. Cinco décadas depois da intuição de Freudenberger, o burnout — que há muito tempo ocupa corações e mentes — virou um problema oficialmente diagnosticável.

Desde 1º de janeiro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica o burnout como uma doença ocupacional, um "estresse crônico de trabalho que não foi administrado com sucesso". Aparece, na Classificação Internacional de Doenças, o CID, ao lado de males agora também mensuráveis como o *gaming disorder*, distúrbio provocado por excesso de tempo debruçado em jogos eletrônicos *(leia mais na pág. 70)*, e a resistência antimicrobiana, relacionada ao uso descontrolado de antibióticos. Do ponto de vista prático, as empresas agora precisam estar atentas ao mal e podem ser responsabilizadas caso não tenham programas que ajudem a frear a fadiga atrelada a exigências do cotidiano profissional. A grande novidade, reafirme-se, é o incômodo ter se transformado em ponto de atenção no batente, com implicações legais e trabalhistas.

É mudança fundamental. O burnout sempre foi uma metáfora disfarçada de diagnóstico — *to burn*, em inglês, significa "queimar". Se o esgotamento é universal e vem desde os primórdios, como condição humana, se sempre explodimos como seres humanos, talvez não fizesse sentido classificá-lo. Mas se é um problema recente, se começou quando foi batizado por Freudenberger, uma questão se impõe: qual é o rastilho de pólvora que atualmente existe e antes não havia? Um passeio estatístico ajuda na resposta. Antes de a Covid-19 se tornar a principal preocupação sanitária do planeta, o tema já exigia atenção especial. Dados de 2019 divulgados pela OMS mostravam que 300 milhões de pessoas sofriam de depressão e 260 milhões, de ansiedade. Juntos, os dois distúrbios custavam 1 trilhão de dólares por ano em perda de produtividade. "Há muita confusão entre o diagnóstico de burnout e o de depressão em decorrência da sobreposição de sintomas, mas o burnout está sempre relacionado ao trabalho", diz Ana Maria Rossi, presidente do braço brasileiro da International Stress Management Association, que se dedica à pesquisa e ao tratamento do estresse. Medir o impacto da síndrome, no en-

O TAMANHO DE UM PROBLEMA...

75%
dos trabalhadores já disseram ter tido, em passado recente, alguma experiência de exaustão no trabalho

67%
acreditam que a pandemia piorou a situação, em home-office ou no trabalho híbrido

52%
dizem estar exaustos agora – um crescimento de 9% em relação ao período anterior à Covid-19

...MAJORITARIAMENTE FEMININO

42%
das mulheres no mundo dizem conviver com a síndrome de burnout

62%
das brasileiras dizem que a saúde mental piorou durante o isolamento social, ante **43%** dos homens

40%
apresentaram indícios de depressão atrelados ao excesso de atividades domésticas e profissionais

Fontes: FlexJobs; Indeed; Eagle Hill Consulting; Gallup

W.JERMI/CAMENZIND EVOLUTION

tanto, é uma tarefa complicada principalmente porque seus estudos ainda são recentes. Uma pesquisa feita pelo site americano de empregos FlexJobs ajuda a dar uma ideia do tamanho do dilema: 75% dos entrevistados passaram por experiências recentes de exaustão profissional em 2020.

A pandemia, a onipresente pandemia, acrescentou uma camada de complexidade. E, nesse contexto, a parcela feminina da força de trabalho está sendo muito mais afetada. A pesquisa Women in the Workplace 2021, feita pela consultoria McKinsey e pela organização LeanIn, revela que 42% das mulheres sofrem com sintomas da síndrome de burnout — entre os homens, a taxa é de 35%. No Brasil, levantamento do Instituto FSB, feito a pedido da seguradora SulAmérica, mostra que a situação é semelhante: 62% das brasileiras disseram que a saúde mental piorou durante o isolamento social, ante 43% dos homens.

O caso de Lia Ludwig, gerente na área de comunicação da MSD, multinacional do setor farmacêutico, ilustra um pouco da situação e mostra a relevância da atuação das empresas. No fim de 2020, Lia perdeu a sogra para a Covid-19. Em seguida, seu marido, também diagnosticado com a doença, foi internado. Para complicar ainda mais, o pai descobriu um câncer. Tudo isso enquanto ela cuidava dos filhos, que estavam estudando em casa, e das atividades profissionais. "Em uma reunião, comecei a choramingar. Enxuguei as lágrimas e disse a todos ali que estava tudo bem", conta ela. Mas os colegas viram que não estava tudo bem, e agiram rápido. Ela foi colocada em licença médica, mesmo querendo continuar trabalhando, e depois saiu de férias. Nesse período, passou por consultas com especialistas em saúde mental e recebeu a orientação necessária. Foi salva pelo gongo do diagnóstico de burnout. "A experiência quebrou meu preconceito e me fez ver que existem momentos em que é preciso cuidar, e outros em que é preciso ser cuidado", conta Lia.

Essa compreensão não vem com naturalidade. Ainda há muito preconceito em falar de saúde mental sem cair na armadilha de achar que esconder os sintomas e se manter resiliente é demonstração de força e comprometimento com a companhia. A cultura organizacional das empresas também reforça essa postura. É comum ver funcionários de todos os níveis hierárquicos suportando cargas horárias extremas e acúmulo de funções para causar boa impressão — eis uma das características dos tempos atuais, tão premidos, tão exigentes.

Como mudar esse cenário? A solução começa pela capacitação das lideranças para entender o problema, identificar quando o colaborador precisa de ajuda e apontar o caminho correto. "As empresas fogem com medo de trazer o tema à tona", diz Raquel Dilguerian Conceição, head de Saúde Populacional e Corporativa do Hospital Israelita Albert Einstein. "O assunto precisa ser trazido à tona baseado em evidências, e assim deixa de ser uma fofoca de corredor". A partir da experiência do programa de saúde mental implantado na instituição antes ainda de a pandemia começar, Raquel e seu grupo de trabalho criaram um programa aplicável em empresas. O modelo contempla o diagnóstico dessas companhias, cursos de formação, desenvolvimento de indicadores para entender o nível de maturidade da discussão sobre o tema no ambiente corporativo e a capacitação de profissionais de saúde. Em menos de quatro meses desde o lançamento do programa, Conceição já estava trabalhando com doze clientes.

ALÉM DO BÁSICO Sala de descompressão: ambientes descolados, sozinhos, não resolvem

IMAGNO/AUSTRIAN ARCHIVES/GETTY IMAGES

CUIDADOS Ginástica laboral na Inglaterra em 1930: preocupação antiga

O fundamental, no avesso do esgotamento, é criar uma estratégia de longo prazo que instale a saúde mental como pilar. Não se trata de montar salas de descompressão com pufes coloridos, de oferecer consoles de videogame e mesas de pingue-pongue ou de instalar máquinas automáticas de comida. Esse tipo de benefício ficou popular entre as empresas de tecnologia do Vale do Silício e chegou ao Brasil com tudo. Mal não faz, evidentemente, e é louvável que executivos pensem no conforto de suas equipes, mas está longe de ser a solução. “Sabemos que é difícil mudar velhos hábitos, mas vemos o futuro com otimismo”, diz Rui Brandão, fundador e CEO da Zenklub. A empresa nasceu em 2016 como uma plataforma digital para conectar pessoas e psicólogos, e hoje oferece pacotes para o mundo corporativo. Segundo a startup, as consultas on-line cresceram 151% no 1º semestre de 2021 ante o mesmo período de 2020, saltando para 50 000 sessões por mês. As consultas citando a expressão burnout tiveram um aumento de 397%. “Alguns de nossos clientes já têm maturidade com o problema, outros ainda dão os primeiros passos”, diz Brandão.

É ciclo de aprendizado natural. Desde a Revolução Industrial do século XVIII, em que se passou a viver mais em fábricas do que em casa, as empresas desenvolveram mecanismos para atender às necessidades dos trabalhadores, de horários de descanso e alimentação a sessões de ginástica laboral, que no início eram uma liberalidade e com o tempo viraram lei em boa parte dos países. Nem sempre, contudo, as adaptações acontecem na velocidade necessária, é verdade. Invariavelmente, precisam de um empurrão — e a novidade apresentada pela OMS na virada do ano, ao classificar a síndrome de burnout, tem imensa força. Convém, no entanto, não transferir toda a culpa ao ambiente corporativo. Reconhecer os próprios limites e saber quando parar (às vezes, é preciso) é decisivo. ■

COMO IDENTIFICAR O BURNOUT

Resultante do estresse crônico que não foi devidamente tratado, o burnout é uma síndrome ocupacional, ou seja, está sempre relacionada ao trabalho. Se manifesta em três dimensões:

EXAUSTÃO

Diferente do cansaço, não passa nem mesmo depois de sucessivos períodos de descanso

CETICISMO

É uma reação recorrente à falta de perspectiva no ambiente profissional, como se nada pudesse dar certo

INEFICÁCIA

A pessoa fica alheia ao trabalho e não produz como de costume

LUXO À BEIRA-MAR

Hotéis seis-estrelas começam a ganhar espaço na costa brasileira. Além de atraírem turistas endinheirados, trazem ao país um novo conceito de requinte **SABRINA BRITO**

A COSTA brasileira sempre atraiu turistas do mundo interessados em desfrutar praias de beleza indiscutível. Em geral, hotéis, resorts e pousadas costumam agradar à maioria, por serem minimamente bons e confortáveis. Há, contudo, imenso espaço nos 7 500 quilômetros do litoral para empreendimentos com uma estrelinha a mais nos diplomas, afeitos a encher os olhos de viajantes habituados a conforto e privacidade. É o luxo à beira-mar. Dois anos depois do surgimento da pandemia, atendendo ao anseio das pessoas de ver sol e horizonte, há um leque de novidades de primeiríssima linha recentemente inauguradas.

O Fasano Trancoso, no sul da Bahia, aberto no fim de dezembro de 2021 num pedaço da faixa de praia conhecido como Itapororoca, é um exemplo. O lugar é deslumbrante — pela natureza e pela ação do homem. Responsável pelos projetos dos espaços do grupo na cidade de São Paulo, Boa Vista, no interior do estado, e em Punta del Este, no Uruguai, arquiteto Isay Weinfeld assina também o Fasano baiano. A prioridade foi erguer estruturas que se mimetizam com a exuberância do lugar e permitem a integração do hóspede à combinação mar e verde. Construído em meio a 300 hectares de mata nativa, o hotel tem quarenta bangalôs que ultrapassam os 200 metros quadrados cada um. Todos têm sala de estar, banheiros de mármore, terraços privativos, fitness center e spa com sauna. A comida fica por conta de Zé Branco, o conhecido cozinheiro da Trattoria Fasano, em São Paulo. No Ceará está outra dessas joias turísticas. O Carmel Taíba Exclusive Resort está localizado a 75 quilômetros ao norte de Fortaleza e oferece 36 acomodações divididas em vilas nas quais os hóspedes têm total privacidade.

HOTEL FASANO TRANCOSO
(Trancoso, BA)
40 bangalôs
Suítes de até 206 m²
Camas king-size e banheiros de mármore
Diárias de cerca de 2 000 reais

DIVULGAÇÃO

BA

★★★★★

BARRACUDA BEACH HOTEL
(Itacaré, BA)

17 suítes com vista panorâmica do litoral
Perto da Praia do Resende
Proximidade à natureza e à mata selvagem
***No réveillon, a diária custava quase 7 000 reais. Em fevereiro, as diárias saem por cerca de 2 500 reais** (em janeiro, tudo está reservado)*

CE

★★★★★

CARMEL TAÍBA EXCLUSIVE RESORT
(Praia da Taíba, CE)

36 acomodações
Vilas de até 260 m²
Sauna exclusiva, TV com streaming, aulas de surfe
Em janeiro, a diária pode chegar a 8 000 reais

DIVULGAÇÃO

DANIEL PINHEIRO

Tanto o Fasano Trancoso quanto o Carmel Taíba são expoentes dos novos humores do turismo de luxo. O conceito de luxo já vinha sendo redefinido, com espaço cada vez menor para a opulência, o exibicionismo e o consumo excessivo. No lugar, adquiriram sentido atributos como tempo para a contemplação, simplicidade e imersão nas culturas locais. Tudo bem que a tradução de simplicidade em um hotel seis-estrelas venha na forma de camas king-size forradas com lençóis de algodão egípcio com 300 fios e chuveiro de alta pressão, como no Fasano. No Carmel, em meio ao paisagismo assinado por Alex Hanazaki, a experiência pode ser a degustação do café da manhã farto de frutas tropicais de época escolhidas com esmero, ou em ambientes como o spa, a sequência de jacuzzis, a sauna e a academia. Tudo isso com um serviço impecável, em que cervejas e camarões grelhados são servidos em uma barca na piscina, se o turista desejar.

Os hotéis brasileiros com essa proposta abrem em boa hora. Na ressaca do confinamento, um dos maiores desejos dos viajantes que procuram estabelecimentos seis-estrelas é permanecer nos lugares por mais tempo, praticando à risca a chamada *slow travel* (viagem lenta, em tradução livre do inglês). Não há dúvida de que as praias nacionais são ótimos lugares para tal. Além disso, o setor vive um ótimo momento. De acordo com números divulgados pela International Luxury Travel Market, entidade que promove os principais eventos de turismo de ponta, mais de 50% das viagens durante a pandemia foram na categoria luxo. No Brasil, o fenômeno teve a peculiaridade de fazer com que os mais ricos descobrissem a própria terra. "Ainda com receio de realizar viagens internacionais, o turista brasileiro de maior poder aquisitivo prefere ficar dentro do país", diz Manoel Linhares, presidente nacional da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis. É mudança palpável. "A movimentação cresceu em nossos estabelecimentos de Angra, Punta del Este e nos metropolitanos", afirma Constantino Bittencourt, sócio-diretor do Grupo Fasano.

Há, contudo, como em qualquer atividade de serviço, pontos a ser ajustados, talvez na comunicação. O caríssimo Barracuda Beach Hotel, inaugurado há cerca de um ano em Itacaré, na Bahia, registra volume maior do que o desejado de reclamações de turistas na plataforma TripAdvisor. "Existe uma prainha com uma faixa de areia de 10 metros lotada que faz Copacabana parecer tranquila", escreveu um ex-cliente. "Privacidade zero e praia feia", declarou outro, sentindo-se numa roubada. O problema é que algumas fotos do estabelecimento, tanto no site quanto no Instagram, sugerem uma localização próxima à praia, com atividades como stand up paddle e aulas de surfe — o que, de fato, não acontece. O hotel fica encrustado no meio de um penhasco e os hóspedes saem andando pela rua, entre camelôs e guardadores de automóveis, até chegar ao mar. A sócia-diretora do estabelecimento, Juliana Ghiotto, responde argumentando que o Barracuda nunca se posicionou como resort de luxo pé na areia (só no preço, claro). No réveillon, a diária era de quase 7 000 reais. "A proposta é a de proporcionar experiências que promovam interação dos hóspedes com a cultura e a natureza", diz. Ressalve-se, a favor do Barracuda, que há nas plataformas digitais comentários de quem gostou muito do que viu. Ainda bem que há sol para todos — embora possa custar um pouco mais e nem sempre agradar. ■

EM ÓRBITA O gigantesco instrumento óptico: seu objetivo é chegar a 1,5 milhão de quilômetros de distância da Terra

OLHE PARA CIMA

O lançamento do telescópio James Webb e a inauguração do observatório Vera C. Rubin inserem a astronomia em uma era de ouro que pode oferecer respostas inéditas **SABRINA BRITO**

ACABA de chegar de Marte, ou esteve no mundo da Lua, quem aqui na Terra ficou alheio a *Não Olhe para Cima*, o megassucesso da Netflix — sátira impagável contra os negacionistas da ciência. Na contramão dessa turma cabe um único conselho: olhe para cima, literalmente. Nunca como agora os avanços da astronomia estiveram tão propensos a nos revelar segredos do céu, e 2022 começa com intenso brilho de duas novidades. No fim de dezembro, a Nasa lançou ao espaço o telescópio James Webb e em 2023 entrará em operação o observatório Vera C. Rubin, no Chile.

O nome de batismo, James Webb, é homenagem a um ex-diretor da agência espacial americana, um dos líderes da operação que culminaria com o pouso lunar em 1969. Trata-se de uma ferramenta construída para vasculhar pontos a 1,5 milhão de quilômetros de distância da Terra, na fronteira do universo observável. Resultado de uma colaboração entre profissionais americanos, canadenses e europeus, a um custo de 10 bilhões de dólares, o equipamento é cem vezes mais potente do que seu famoso antecessor, o Hubble. O James Webb também é muito maior: tem o tamanho de uma quadra de tênis (o Hubble era da dimensão de um ônibus). O resultado, fruto de sua imensidão: ele é capaz de coletar, com muito mais precisão, sete vezes mais luz, o que possibilita o reconhecimento de galáxias ainda desconhecidas. “Estar fora da atmosfera terrestre é uma diferença imensa em relação aos telescópios no solo”, diz Roberto da Costa, professor do departamento de astronomia da Universidade de São Paulo (USP). Segundo o especialista, a turbulência do ar, as variações de temperatura e as condições meteorológicas degradam a qualidade da imagem dos equipamentos fixos, terrenos.

NASA/GETTY IMAGES

RUBIN OBS/NSF/AURA

MAPA DO CÉU O observatório Vera C. Rubin: resultados a partir de 2023

O James Webb entrou em órbita com algumas metas principais. Uma delas é estudar exoplanetas, situados fora da Via Láctea. Atualmente, a humanidade conhece cerca de 4 000 deles, e acredita-se existir milhares de outros esperando para ser identificados — basta, claro, olhar para cima. O avanço nesse campo pode nos aproximar da pesquisa de hipotéticas vidas extraterrestres. E por que não? Outro ponto fascinante é o estudo das origens do universo. Hoje, só conseguimos ver a galáxia de Andrômeda porque enxergamos a luz que ela emitiu há cerca de 2,5 milhões de anos-luz da Terra, época em que apenas ancestrais antiquíssimos do *Homo sapiens* habitavam o planeta. Com a aproximação que o telescópio autorizará, essa análise será evidentemente impulsionada.

Mirar alto, como faz o James Webb ao dar um grande passo para a humanidade, é combustível para que iniciativas mais modestas também decolem — e, nesse aspecto, o Vera C. Rubin, referência à astrônoma americana pioneira no estudo das curvas de rotações das galáxias, tem lugar de honra. Seu objetivo: criar o mapa dos céus mais detalhado da história. O laboratório terá um telescópio equipado com uma câmera digital de 3 200 megapixels, a maior já construída para fins astronômicos, capaz de identificar uma bola de tênis a 25 quilômetros de distância. A ideia é que o Rubin faça uma imagem completa do firmamento no Hemisfério Sul a cada três noites, durante dez anos. Ao final desse período, teremos um filme ininterrupto do universo e de tudo o que se movimenta nessa porção celestial. Trata-se de uma janela preciosíssima, um presente para a civilização.

A partir de 2023, os dados coletados serão públicos. "E, então, o cidadão comum poderá ter uma versão digitalizada do universo em seus bolsos", diz Mario Hamus, presidente da Fundação Chilena de Astronomia e vencedor do Prêmio Nacional de Ciências Exatas do Chile em 2015. "O observatório é uma mina de ouro para a sociedade e, a partir de suas capturas, poderemos fazer inúmeras descobertas nos próximos anos, sem nem mesmo sair de casa." Não é pouca coisa, e premia uma aventura humana inigualável.

A admiração do homem pelos céus é antiga. Quem nunca quis saber se estamos sozinhos no universo? Se há outros planetas de potencial interesse que ainda não conhecemos? Ou se o universo como o conhecemos hoje terá um fim? São perguntas sem respostas ainda, e apenas ter a chance de fazê-las, ancoradas em joias tecnológicas como o James Webb e o Vera C. Rubin, já é espetacular. Como disse Carl Sagan (1934-1966), o mais conhecido divulgador da astronomia: "Em algum lugar, algo incrível está esperando para ser descoberto". ■

DÊ PLAY PARA ASSINAR

Seguindo exemplos de sucesso da música e do cinema, a indústria de jogos aposta em serviços de streaming, com centenas de títulos disponíveis a uma taxa mensal **LUIZ FELIPE CASTRO**

BILL GATES, o bilionário fundador da Microsoft, disse certa vez que "a chave do sucesso é perceber para onde o mundo se dirige e chegar lá primeiro", preceito seguido à risca ao longo de sua trajetória como precursor da computação doméstica. Outros setores seguiram o bom e esperto conselho. A música e o cinema tiveram de se adaptar à revolução digital, transformando CDs e fitas VHS em itens de museu, enquanto plataformas como Spotify, Netflix e semelhantes se consolidaram ao oferecer um catálogo vasto a uma taxa mensal acessível. A lógica — a sacada de quem chegou antes — vem invadindo a seara de Gates, especificamente o mundo dos games.

A essência permanece a mesma desde que o primeiro console Odissey foi vendido, em 1972, seguido por Ataris, Nintendos e cia. O prazer de sentar-se à frente de uma tela e passar horas desbravando novos mundo, afinal, nunca saiu de moda. Pelo contrário. A indústria dos games é líder no ramo do entretenimento, com 175 bilhões de dólares movimentados em 2021. O que mudou foi o modo de consumir os jogos. Vale experimentar de tudo um pouco, como as séries de TV. Nesse universo de possibilidades, o Xbox, da própria Microsoft, deu tiros certeiros. Em 2017, foi lançado o Xbox Game Pass, apelidado de "Netflix dos games" por oferecer mais de 200 títulos, para console e PC, incluindo os nativos e de estúdios independentes, a uma taxa mensal que varia, hoje, de 29,99 reais a 44,99 reais. Estão lá franquias de sucesso, como *Age of Empires 4*, *Forza Horizon 5* e o recém-lançado

CARDÁPIO VASTO

O mercado de jogos segue a lógica do da música e do cinema e vive momento de transição

COMO ERA

O modelo consistia na compra de consoles como **Xbox, Nintendo e PlayStation** e de seus respectivos jogos ou no download de jogos para computador

COMO É

Serviços de assinatura, como o **Xbox Game Pass**, que oferece centenas de opções por menos de 50 reais por mês, fazem cada vez mais sucesso

COMO SERÁ

A entrada de novos players como **Ubisoft, Google e Amazon** e a adoção da tecnologia 5G devem acelerar os avanços do streaming. A tendência é que os consoles percam terreno para celulares e computadores

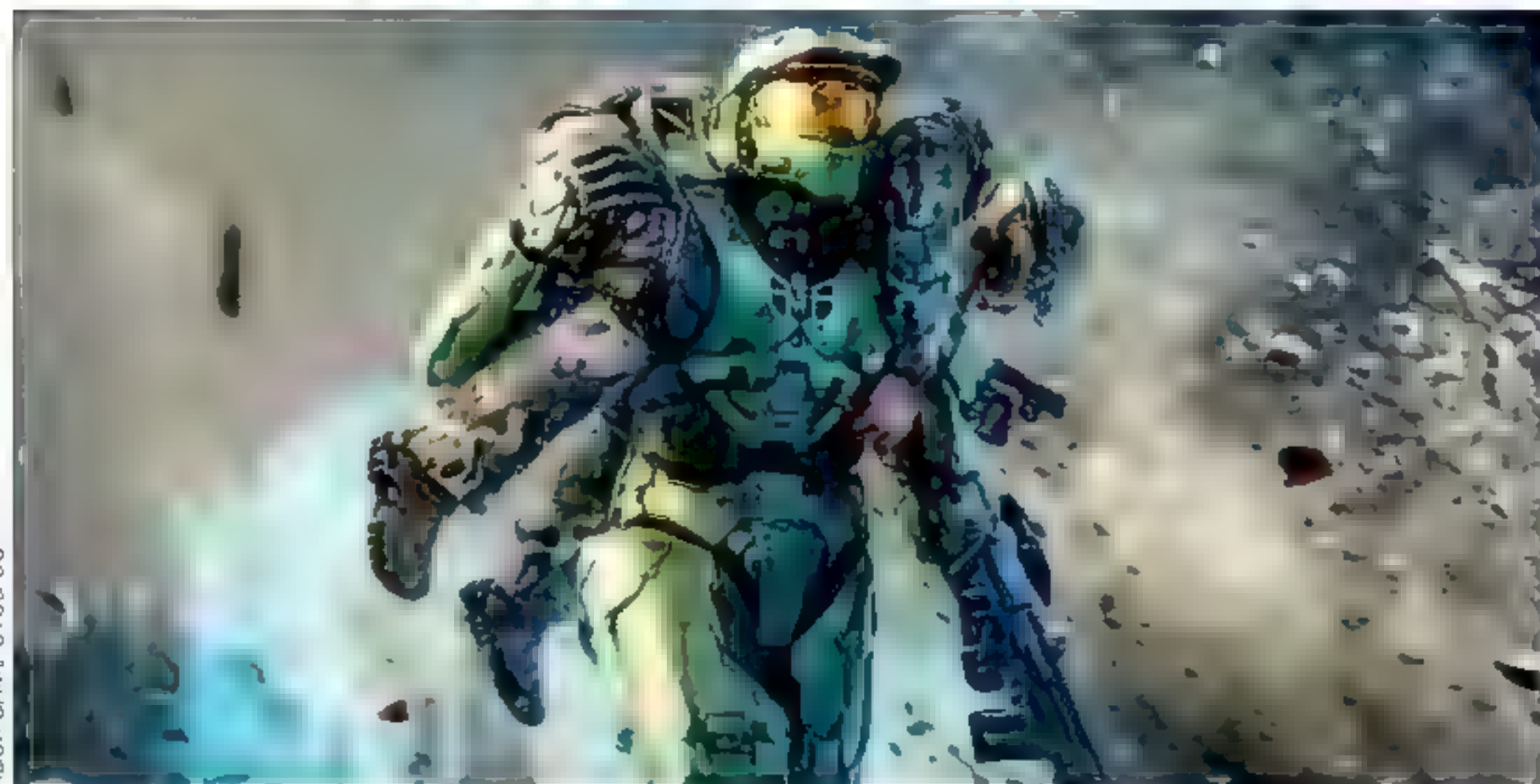
MONTAGEM COM FOTOS DE DIVULGAÇÃO, GETTY IMAGES

Halo Infinite. É uma pechincha, visto que o valor somado de todos os games, se comprados individualmente, ultrapassaria 36 000 reais.

Contudo, como diz o adágio, quando a esmola é demais, o santo desconfia — e a concorrência torce o nariz. Executivos do PlayStation, da Sony, chegaram a dizer que o modelo de assinaturas não seria sustentável, mas parecem ter voltado atrás. A empresa japonesa prepara o lançamento da Spartacus, plataforma nos moldes do Game Pass. Outras grifes, como EA, Google, Apple e Amazon também investem pesado no segmento de streaming. O serviço Ubisoft+, com franquias como *Far Cry* e *Assassin's Creed*, antes restrito aos computadores, será lançado para consoles Xbox, da Microsoft.

Baseado no apelo do preço, o serviço de assinatura caiu no gosto dos brasileiros. "Por seu valor agregado, é benéfico para o ecossistema como um todo", diz Bruno Motta, gerente sênior da categoria Xbox no Brasil. "É ótimo para quem joga, dado o vasto conteúdo, bom para a empresa, que tem o cliente satisfeito e fiel, e excelente para os desenvolvedores." Segundo levantamento da Microsoft, os assinantes jogam 20% mais tempo e experimentam 40% a mais de jogos do que os consumidores tradicionais. No último balanço, o Xbox Game Pass tinha 18 milhões de assinantes globais. Com a expansão dos serviços, porém, os especialistas acreditam que vai ocorrer fenômeno semelhante ao streaming de filmes — será preciso assinar múltiplos serviços para ter acesso a tudo, o que pode pesar no bolso. "Não precisaremos mais de supercomputadores", diz Ana Amélia Erthal, pesquisadora da Escola Superior de Propaganda e Marketing. "Bastará uma boa conexão de internet."

E vem aí, atrelada à boa conexão, a próxima era: a dos jogos em nuvem. Será possível jogar em um smartphone, tablet ou televisor. E, como intuiu Gates, a Microsoft largou na frente com a estreia, ainda em testes, do Xbox Cloud Gaming. Os jogos são executados em um data center e transmitidos ao jogador em tempo real. No Brasil, a implementação da tecnologia 5G, prevista para o segundo semestre deste ano, melhorará a fluidez. "O cloud gaming é uma jornada que começa agora a ser construída", resume Bruno Motta. Bem-vindos a um novíssimo capítulo da história da diversão. ■

XBOX GAME STUDIOS

NOVIDADE *Halo Infinite*, do catálogo do Xbox: mais de 200 games

FERNANDO LEMOS/AG. O GLOBO

HARRY POTTER MUDOU MINHA VIDA

Eduardo Lima, 46 anos, saiu do interior de Minas Gerais para se tornar designer dos filmes do personagem

ASSISTI ao novo especial de Harry Potter recentemente, o documentário, e foi uma experiência mágica. É bacana ver os atores citando coisas que eu vi acontecer. Entrei na saga no segundo filme, a convite da Mira, minha sócia no estúdio MinaLima, na Inglaterra. No início, era um estágio não remunerado de duas semanas, mas fui ficando. Entrei na equipe oficialmente no terceiro filme, e não saí mais. Nós éramos responsáveis pela parte gráfica da saga. Criamos o *Mapa do Maroto*, o jornal *O Profeta Diário* e todos os livros que aparecem nos filmes. Desenhei objetos que hoje são parte da cultura popular, mas eu não fazia ideia da dimensão que isso tomaria quando comecei. Sou de Caxambu, uma cidadezinha do sul de Minas Gerais. Diz minha mãe que meu irmão me chamava para jogar bola quando pequeno, mas eu preferia desenhar e ver filmes. Sempre gostei de contar histórias. Eu sonhava em sair do país, mas minha família nunca teve condições para bancar uma viagem desse porte. Aos 16 anos, fui morar no Rio de Janeiro com uma tia. Fiz o último ano do ensino médio por lá, antes de tentar uma faculdade. Eu queria fazer cinema, mas eram pouquíssimas vagas, então não passei. Fui cursar comunicação visual, uma área de que eu também gostava. Fiz PUC com uma bolsa de 75% e comecei a trabalhar na própria faculdade no segundo semestre, quando ganhei bolsa integral. Lá, conheci uma mulher chamada Virgínia Flores, que trabalhava com montagem de filmes. Com a ajuda dela, me tornei assistente de montagem e juntei dinheiro para sair do país. Meu sonho era ir para os Estados Unidos, mas eu nunca havia pisado em um avião e não falava quase nada de inglês. Quando fui comprar passagem, me disseram que seria difícil conseguir o visto, e sugeriram que eu fosse para Londres. Acho que a moça que deu essa ideia era uma bruxa e sabia que algo muito especial aconteceria.

Inicialmente, eu passaria três meses no país, mas me apaixonei pela cidade e fiquei por dois anos. Sou gay e cresci em uma época sem muita informação. Lembro de procurar "homossexualismo" no dicionário e a palavra ser descrita como doença mental. Acreditava que havia algo errado comigo, mas, quando cheguei a Londres, descobri muitos como eu. Foi uma libertação. Na época, eu trabalhava em bares, restaurantes e fazia faxina para me sustentar. Voltei para o Brasil determinado a tirar o passaporte português para voltar de vez para Londres. Nesse meio tempo, conheci uma diretora que me passou o e-mail da Mira. Ela sabia que eu queria morar em Londres e disse que tinha uma amiga que trabalhava no design de um filme infantil sobre um bruxinho órfão na Inglaterra. Na época, nenhum de nós sabia direito o que era Harry Potter, mas entrei em contato quando retornei a Londres, em 2001. Ela foi muito solícita e disse que começariam a produzir *Harry Potter 2* e pediu que eu passasse no estúdio para apresentar meu trabalho. Quando nos encontramos, parecia que nos conhecíamos de outra vida. Ela me ofereceu um estágio e, como não era remunerado, gastei uma fortuna com táxi e metrô. Eu trabalhava ainda corrigindo formulários em uma empresa de marketing, e meu marido ajudava nas contas. Foi uma época apertada, mas acabei contratado. Lembro de falarem que meu portfólio era alegre e que Harry Potter precisava de cores. Eu poderia levar um pouquinho do Brasil para seu universo. Depois do sucesso de *O Prisioneiro de Azkaban*, a ficha começou a cair. Hoje, já são duas décadas dedicadas ao mundo bruxo, e eu não me canso da história. Harry Potter mudou minha vida. Não fiquei rico, mas sou afortunado pelas coisas que criei e pelo sorriso dos fãs. Soube de pessoas que se tornaram designers por causa do nosso trabalho. É emocionante fazer parte disso. ■

Depoimento dado a Amanda Capuano

DE CORPO FECHADO

Decisão da União Europeia de proibir pigmentos usados em tatuagens traz de volta a discussão sobre a segurança das marcas. Até onde se sabe, não há nada de errado com elas **SIMONE BLANES**

MESMO SENDO um dos mais antigos e cultuados meios de enfeitar o corpo — o registro mais longínquo de uma tatuagem data de 3300 a.C. —, o costume de adorná-lo com símbolos, frases e desenhos nunca foi lá muito pacífico. De tempos em tempos, surgem debates sobre a natureza dos produtos utilizados e eventuais impactos na saúde. Há poucas semanas, eles ganharam fôlego novamente com a decisão da União Europeia de proibir a utilização de cerca de 4 000 substâncias contidas em tintas coloridas. De acordo com o Registro, Avaliação, Autorização e Restrição de Produtos Químicos (Reach), estrutura da organização, os pigmentos conteriam compostos químicos associados ao câncer, às mutações genéticas, às dificuldades reprodutivas e à irritação da pele. O órgão deu aos fornecedores de pigmentos um prazo até janeiro de 2023 para que encontrem novas colorações não prejudiciais, incluindo opções aos populares azul 15 e verde 7, matizes mais queridos.

Atualmente, não há evidência científica que vincule diretamente qualquer tinta de tatuagem ao câncer. Contudo, os questionamentos levantados pelas autoridades causaram uma crise na indústria de tatuagens em todo o bloco europeu. Associações comerciais reclamaram da medida, salientando que o setor já vem sofrendo nos últimos dois anos pelas restrições impostas pela pandemia de Covid-19. Em comunicado, a Sociedade Europeia de Pesquisa de Pigmentos de Tatuagem afirmou que a proibição não havia sido suficientemente discutida e levaria à criminalização dos tatuadores. Os profissionais, por sua vez, organizaram-se em movimentos para contestar a decisão por meio de abaixo-assinados como o Save the Pigments (salve os pigmentos), que já coletou 177 000 assinaturas. O argumento é que não há consistência científica para embasar a medida. O artista holandês Tycho Veldhoen também levantou a questão de a medida ter sido anunciada repentinamente. "Deveria ter havido muito mais preparação. É como um pintor que, de repente, perde uma parte gigantesca de sua paleta."

Na verdade, uma consulta pública para discutir o assunto estava aberta

FORMAS E CORES
Adornos: no Brasil, as tintas passam pela aprovação da Anvisa

PEOPLE IMAGES/GETTY IMAGES

desde 2019. Portanto, o setor teve tempo, sim, para se ajustar e encontrar alternativas. "Isso não é uma surpresa ou uma novidade", disse Eric Mamer, porta-voz da UE. "Sete países já tinham restrições nacionais. É uma espécie de generalização da prática que existe em alguns Estados-membros", acrescentou. Pelo menos 12% dos europeus têm tatuagens, o que equivale a 54 milhões de pessoas, a maioria entre 18 e 35 anos.

No Brasil, o assunto também costuma despertar certa desconfiança entre quem deseja fazer uma tatuagem, mas não sabe a procedência das tintas. Os pigmentos usados aqui são regulamentados desde 2010 pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Existem treze registros de colorantes para tatuagem e micropigmentação válidos no país. Segundo dados da Tattoo do Bem — Associação Nacional de Tatuadores, 85% dos profissionais nacionais usam tintas fabricadas no país e submetidas à avaliação da Anvisa. De acordo com a agência regulatória, todos os produtos utilizados atendem aos requisitos essenciais de segurança e eficácia necessários à aprovação de artigos para a saúde.

A Anvisa informa ainda que a demonstração de segurança e eficácia dos produtos implantáveis deve ser apresentada acompanhada de relatórios de avaliação biológica. "Caso tenha por conclusão a necessidade de realização de testes de biocompatibilidade, deverão ser apresentados os relatórios desses respectivos testes, o que inclui a avaliação da carcinogenicidade. Lembramos, também, que o fabricante precisa estar regularizado quanto às Boas Práticas de Fabricação", declarou a agência. A Anvisa está acompanhando as discussões na Europa, mas neste momento não tem intenção de modificar a lista dos pigmentos disponíveis no Brasil.

O que não se pode esquecer é que como qualquer cosmético — ou medicamento — os pigmentos são substâncias estranhas ao organismo. Nessas condições, é comum que provoquem reações como inflamações (demonstram que o corpo ativou seu sistema de defesa) ou alergias. Em geral, nada mais grave do que isso. Mesmo assim, são eventos facilmente controlados e, no caso das alergias, prevenidos. "As reações podem ser evitadas fazendo um teste antes", explica Karlla Mendes, tatuadora brasileira que vive na Austrália e responsável pelo projeto We Are Diamonds, que oferece tatuagens gratuitas para cobrir cicatrizes em pessoas que não se sentem confortáveis com os sinais. As tatuagens, percebe-se, já vão muito além da estética — com zelo, então, cada vez mais serão uma marca de nosso tempo. ■

TRAÇO CERTO

Regras básicas para quem estiver pensando em fazer uma tatuagem

Verifique se o estabelecimento tem registro na vigilância sanitária local

Assegure-se de que o profissional tenha conhecimento de biossegurança, curso de primeiros socorros e esteja paramentado com os equipamentos de proteção individual (máscara, luvas e avental)

Peça para ver o material que será utilizado: tudo deve ser descartável e estar dentro do prazo de validade

Solicite ao tatuador que abra e mostre todos os equipamentos na sua frente, dos bicos e agulhas às tintas

As tintas devem ter um número de registro da Anvisa

Antes do procedimento, faça o teste de alergia

A REVOLTA DOS BOBES

Um curioso movimento feminino na Coreia do Sul é uma expressão do que buscam as novas gerações: livrar-se a todo custo dos padrões estabelecidos **NATHALIE HANNA ALPACA**

PÁTRIA dos cuidados com a beleza, lastreados por uma pujante indústria de cosméticos, a Coreia do Sul passa por uma reviravolta a que os mais velhos assistem de testa franzida (mas não muito, para não dar rugas): a moda de sair de casa sem se arrumar antes, do jeito que bem entender. Sua manifestação mais evidente é a quantidade de meninas nas ruas, shoppings e metrô com a franja enrolada em um bobe, aquele rolinho plástico que se usava antigamente para dar volume ao penteado. A explicação das meninas para a exibição em público do rolo de cabelo, desde sempre uma arma secreta de embelezamento, é sua total indiferença em relação ao que vão pensar as pessoas que não conhecem — elas querem, isso sim, chegar com a franja impecável no encontro marcado com os amigos que importam.

Faz sentido que a "revolta dos bobes" aconteça na Coreia do Sul, país que aprimorou como poucos o talento para ditar moda e cultura para a juventude do planeta. Circular com um rolo na testa é atitude típica dos adolescentes de uma geração que quer se livrar dos padrões, das obrigações, dos hábitos de consumo e dos preconceitos não só de seus pais, mas de seus irmãos mais velhos. "A moda tem uma função relacionada ao comportamento e está a serviço do dia a dia das pessoas. E elas estão muito mais casuais", observa Anay Zaffalon, professora de negócios digitais da moda da ESPM. Na mesma Coreia, em 2018, nasceu o movimento "Não ao Espartilho", que pregava o distanciamento dos modelos estéticos em vigor. "Trata-se de uma juventude para a qual a cobrança de aparência perfeita chegou ao ponto de esgotamento e ela quer claramente se livrar disso", explica o antropólogo Bernardo Conde, da PUC-Rio.

O desarrumado que reflete desapego e simplicidade está presente em várias mudanças observadas no retorno às ruas depois de meses de reclusão em casa. O consumidor passou a valorizar produtos que proporcionam bem-estar e aconchego, como os moletons, que nunca ocuparam tanto espaço quanto no guarda-roupa do home office. "Moletons foram o grande destaque do ano e uma das palavras-chave mais buscadas no site", diz Marcella Kanner, chefe de comunicação corporativa da rede de lojas Riachuelo, onde as vendas do item aumentaram 30% e o faturamento, 60%. A marca Tommy Hilfiger foi mais longe: registrou em 2021 alta de vendas de 680%. Na mesma linha minimalista, a bolsa diminuiu drasticamente. Jovem que é jovem carrega consigo só o mais indispensável, acomodado em uma bolsinha minúscula — o avesso das sacolas da mãe, onde, procurando bem, corre-se o risco de achar até um animal de pequeno porte escondido. Segundo a empresa americana de pesquisa de mercado NPD, a procura pelas minibolsas subiu 14% no primeiro semestre do ano passado, em comparação a igual período de 2019 (em 2020, ninguém teve chance de usar o acessório). "Eu gosto de sair com o essencial, sem me preocupar em carregar peso", diz a estudante de administração Isabele Madureira, de 21 anos, dando voz a uma geração para a qual também a roupa encolhe. Nunca se viu tanto short e blusa curtinha fora de casa, muitas vezes disfarçados por um camisão aberto que desce até a canela.

JEAN CHUNG/THE NEW YORK TIMES/FOTOARENA

A ERA DOS ROLINHOS Meninas coreanas ditam moda: nem aí para o que os outros vão pensar

Outro alvo da juventude que diz priorizar o simples e confortável são os sutiãs — nada mais reprovável, na tribo dos muito *cool*, do que as rendas sensuais exaltadas pela inconveniente Victoria's Secret. Desta vez, pelo menos, a rebelião é pacífica, ao contrário de 1968, quando, em plena revolução feminista, 400 ativistas protestaram em frente ao teatro onde ocorria o concurso Miss America agitando no ar sutiãs e outros itens que simbolizavam a opressão das mulheres. Agora, o impulso vem da turma do despojamento acima de tudo. "No Brasil, a moda é progressista. Não usar sutiã é sinônimo de liberdade, não de vergonha" ressalta a consultora de moda Ieda Rodrigues.

De acordo com o YouGov, instituto de pesquisa britânico, durante o *lockdown* 34% das mulheres ouvidas disseram ter deixado de vestir a peça e quase metade diminuiu a frequência do uso. "De repente, entendi que não tinha necessidade dele e aposentei", relata a produtora cultural Yas Lucchesi, 25 anos. Nas mais jovens, quem usa opta quase invariavelmente pelo modelo esportivo, mais confortável e muito menos revelador. Quem sai de casa vestida confortavelmente e carregando o mínimo de tralha possível aplica, coerentemente, pouca ou nenhuma maquiagem: levantamento da mesma YouGov mostra que 43% das garotas que não punham o pé na rua sem batom nem máscara nos cílios passeiam hoje muito mais ao natural do que antes da pandemia. Só falta mesmo a revolução do rolo na franja se espalhar pelo mundo. ■

ARQUIVO PESSOAL

APOSENTEI A produtora cultural Yas Lucchesi aboliu o sutiã: "Não tinha mais necessidade dele"

O DOCE GOSTO DA NOSTALGIA

As sobremesas retrô voltam aos cardápios, reavivando memórias de sabores e aromas que aguçam os paladares e tocam a alma **SIMONE BLANES**

O PUDIM lisinho se desmanchando na boca, os sabores cruzados do pavê, o cheiro gostoso da canela subindo da tigela de arroz-doce, a calda grossa de ameixa se misturando ao manjar e a alegria de abrir o papel de alumínio para encontrar lá dentro o molhadinho do bolo felpudo. Cada uma dessas sensações está na memória da maioria dos brasileiros que hoje tem 40, 50, 60 anos de idade. É só fechar os olhos para voltar à infância e ver-se novamente inundado pelo sentimento de que nada poderia transmitir mais acolhimento e segurança do que saborear aquelas sobremesas junto da família ou dos amigos. É natural, portanto, que em tempos tão confusos quanto os atuais muita gente recorra à doce nostalgia dessas delícias do passado para encontrar uma referência de paz.

Os sabores retrô, como são chamadas as receitas do gênero, estão entre as principais tendências do ano, como atesta o levantamento divulgado pela Kerry, gigante multinacional da área de nutrição e uma das mais respeitadas na difícil arte de prever o que estará em nossas mesas no futuro. A companhia os inclui entre as macrotendências em alimentos para 2022 e justifica a escolha com um argumento bem simples. "Os consumidores estão gravitando em direção a comidas e bebidas de conforto", diz Leigh-Anne Vaughan, diretora global de marketing estratégico da empresa. A combinação do estresse no trabalho *(leia mais na pág. 62)* com conflitos na família agravada por dificuldades financeiras é, infelizmente, salvo momentos de exceção, a tônica de parte do mundo desde a crise financeira de 2008. E então veio a pandemia.

Em dezembro de 2020, no fim do primeiro ano sob o domínio do vírus, uma pesquisa feita pelo Conselho Internacional de Informações sobre Alimentos, nos Estados Unidos, sinalizou que nada menos do que 25% dos americanos haviam relatado ter ingerido quantidade muito maior de comidas associadas a sentimentos de conforto. Embora dissessem respeito aos hábitos alimentares nos Estados Unidos, as conclusões eram facilmente estendidas a outras populações. No Brasil, a procura por um pouco de alívio por meio do consumo de sobremesas com cheiro e sabor de casa se refletiu em mudanças nos cardápios dos restaurantes, que passaram a incluir opções antes escanteadas, como os doces de abóbora e de banana. Os índices das ferramentas de busca na internet também refletem o fenômeno. Em 2021, entre as dez receitas mais pesquisadas no Google pelos brasileiros, oito eram de doces bem ao estilo "vovó fazia": brownie de Nescau, bolinho de chuva, bolo de milho, bolo de cenoura, geleia de amora, bolo de caneca, arroz-doce e curau. "Esse movimento tem muito a ver com a memória afetiva", diz a chef Carole Crema, especializada em doces caseiros e tradicionais. "A comida em si já proporciona isso. Porém, os doces são mais associados a mo-

ISTOCK/GETTY IMAGES

RODOLFO REGINI/DIVULGAÇÃO

ISTOCK/GETTY IMAGES

ALEX SILVA

ISTOCK/GETTY IMAGES

VOVÓ FAZIA Pudim de leite *(no topo)* e, no sentido horário, pavê, arroz-doce com canela em pau como enfeite, manjar e bolo felpudo em papel de alumínio: as incertezas despertadas pela pandemia levaram muita gente a procurar conforto no consumo de pratos associados a lembranças da infância

mentos especiais porque remetem a bons tempos, datas marcantes e pessoas queridas", completa. Em suas criações, Carole faz questão de preservar as receitas que mexem também com o coração. "Muita gente que come meus doces os compara aos que comia na infância, como o brigadeiro de colher", diz. As lembranças, no Brasil, de fato, têm gosto para lá de açucarado. O brasileiro médio ama doces carregados de açúcar, uma de nossas heranças dos tempos de Colônia, quando o ingrediente farto vindo dos engenhos de cana-de-açúcar se misturou às frutas nas compotas e às massas e recheios dos bolos portugueses. Desde então, os doces são parte relevante da identidade nacional e da história individual de cada um. São como as madeleines de Proust, evocação da meninice.

Essa espécie de memória coletiva ajuda a embalar a saudade dos doces que nos fazem voltar para casa quando o mundo parece estar sem direção. O problema é como fazê-los. Primeiro, porque são poucos os que tiveram o privilégio de aprender com pais ou avós os segredos de um bom glacê ou o ponto certo do sagu. Depois, porque nos falta um ingrediente indispensável: tempo. "Para fazer um doce bem-feito, é preciso ter paciência e precisão porque tem medida certa e receita certa", ensina a confeiteira Pati Piva. Mas não custa tentar, de preferência sem muita elaboração, aconselha Carole Crema. "Não precisa inventar. Ninguém quer algo tão gourmetizado", diz. De fato, há coisa pior do que esperar um bolinho de chuva salpicado com açúcar e canela quentinho e receber no lugar uma iguaria parecida com massa de panqueca recheada com espuma de amêndoas? Não se trata de desvalorizar a segunda, que pode até ser saborosa, mas quando se quer o sabor do doce que toca a alma, bem lá no fundo, fala-se de açúcar e canela. Não de amêndoas. ■

A ARTE DA IMPOSTURA

Projeto de lei em análise na Câmara Federal propõe que a falsificação de obras de arte seja considerada crime contra o patrimônio cultural brasileiro **ALESSANDRO GIANNINI**

EDUARDO BEDRAN

EDUARDO CAMPOS/GETTY IMAGES

LESADOS O escultor mineiro Marcos Bernardes *(acima)*: ele teve algumas de suas obras vendidas como se tivessem sido criadas por Aleijadinho (1738-1814), o mestre barroco que esculpiu os inigualáveis *Doze Profetas* de Congonhas *(à dir.)*

APRESENTADO na infância aos *Doze Profetas* de Aleijadinho que ornamentam o adro do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas, Minas Gerais, o mineiro Marcos Bernardes, escultor de 50 anos, cedo aprendeu a admirar o trabalho do gênio barroco. Escultor de obras sacras, Bernardes mostra em suas peças influência de Antônio Francisco Lisboa (1738-1814), o Aleijadinho que tanto admira. As imagens de santos em madeira são pródigas em expressividade, olhos amendoados, bocas entreabertas e mãos detalhadas. São qualidades que o tornaram conhecido e muito solicitado por colecionadores, afeitos a pagar somas generosas.

Serviu também como atalho para a impostura de criminosos. Em meados de 2014, Bernardes descobriu o que se tornaria um tormento: um São Francisco talhado por ele seis anos antes estava em exposição em Brasília apresentado como um autêntico Aleijadinho. Houve algum escândalo, mas pouco foi feito para reparar a injustiça. Recentemente, ele diz ter identificado outras obras suas em sites de leilões, entre as quais uma Nossa Senhora das Mercês e um São José de Botas, "atribuídas" ao artista barroco e vendidas por mais de 300 000 reais. "É um desrespeito comigo, com o Aleijadinho e com quem comprou ou vai comprar a obra", diz o escultor.

Episódios como os que atingiram Bernardes alimentam, agora, um bom movimento. Um grupo de peritos federais sugeriu ao deputado Felício Laterça (PSL-RJ) um projeto de lei para mudar a tipificação de bandidagem envolvendo falsificações de obras de arte. O projeto, em tramitação na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania, propõe a transformação de assinatura falsa em crime contra o patrimônio cultural brasileiro, com pena de cadeia de um a três anos.

O esquema de que foi vítima o mineiro é conhecido. Um comprador adquire uma escultura de Bernardes, que sempre assina seu nome em locais visíveis, e depois a revende para um

DESVIO DO OLHAR

Golpes emblemáticos envolvendo artistas históricos

O FAUNO

Atribuída ao artista francês Paul Gauguin, a escultura ficou exposta durante dez anos no Chicago Art Institute (EUA). Em 2007 descobriu-se que era uma falsificação feita com base em rascunhos do artista

RETRATO FLOWER

Efígie de Shakespeare exibida na Royal Shakespeare Company, na Inglaterra, é datada de 1609. Em 2005 verificou-se que foi pintada entre 1820 e 1840

CUPIDO ADORMECIDO

Em 1496, Michelangelo criou uma escultura, envelheceu-a com terra ácida e a vendeu como sendo uma obra grega do século III. Na época, o golpe do então jovem artista foi descoberto, mas ele foi perdoado. A peça original se perdeu em um incêndio no século XVII

terceiro. A assinatura é removida e a peça, envelhecida. Às vezes, até recebe um outro elemento enganador, como um pedestal antigo. A obra é então "autenticada" por um especialista, que emite certificado. De posse do documento, é levada a exposições, para que se imprimam nela outros selos de autenticidade. Depois disso, passa a ser oferecida em sites de leilão.

Desde que surgiram, as casas de leilões virtuais descentralizaram o mercado de artes, antes restrito ao eixo Rio-São Paulo. Mas houve, paralelamente, aumento de crimes de contrafação. Trata-se, a rigor, de estelionato, a manjada venda de gato por lebre. A investigação cabe a Polícia Civil, mas precisa haver denúncia da pessoa lesada na compra. É comum, contudo, que os envolvidos na transação aleguem agir de boa-fé, alheios às falsificações. "Em geral, as investigações não avançam", diz Ivan Roberto Ferreira Pinto, chefe do Setor Técnico Científico da Polícia Federal no Rio de Janeiro. "Os bandidos nadam de braçada." É contaminação que subtrai investimentos do mercado de arte.

A lei levada à Câmara representa avanço, mas não significa obstáculo intransponível para malandros. "A criação de uma lei não resolverá o problema", diz Heloisa Seelinger, guardiã do espólio de seu avô, o pintor, desenhista e caricaturista Helios Seelinger (1878-1965). "É preciso haver nela dispositivos que criem meios de autenticação, de emissão de laudos e formação de peritos científicos." É o que fazem países europeus e os Estados Unidos na proteção das artes. Não é escudo de total proteção contra falsários, mas é um modo de evitar o pior dos mundos no universo das artes: o risco de não se distinguir mais o autêntico da cópia infame. ■

SHAKESPEARE R

Da concepção visual aos desempenhos estelares de Denzel Washington e Frances McDormand, não há faceta de *A Tragédia de Macbeth*, do diretor Joel Coen, que não seja excepcional

ISABELA BOSCOV

APPLE TV+

REINVENTADO

— "E se falharmos?", diz Macbeth.

— "Então falhamos", replica Lady Macbeth, lançando seu ultimato.

Há 416 anos essas falas vêm sendo repetidas em incontáveis montagens teatrais e em pelo menos duas dezenas de filmes. Mas, no cinema ao menos, poucas vezes elas carregaram tintas tão pesadas de embriaguez e ressentimento, e uma urgência tão forte de um último recurso, quanto no desempenho formidável de Denzel Washington e Frances McDormand em ***A Tragédia de Macbeth*** (*The Tragedy of Macbeth*, Estados Unidos, 2021), que já está disponível na Apple TV+. No alto de uma torre, Macbeth e sua mulher conspiram, tecendo uma teia em volta deles mesmos para se enredarem, juntos, no propósito de matar Duncan, rei da Escócia, para que Macbeth assuma o trono. Como profetizado, Macbeth ganhou um novo domínio, Cawdor, em recompensa pela valentia demonstrada em batalha na defesa de Duncan. Então também a segunda parte do vaticínio, a de que ele será rei, deve ser verdadeira; e Lady Macbeth incita o marido a matar Duncan para assim apressar os acontecimentos — ou, mais que isso, para forçar a profecia a cumprir-se. (Outros assassinatos terão de ser perpetrados; Duncan tem um herdeiro, e foi dito ainda a Macbeth que os reis que o sucederão não nascerão dele, mas de seu amigo Banquo.)

Parte do peso da cena vem do fato de que os dois papéis principais da tragédia encenada pela primeira vez em 1606 não costumam ser entregues a atores na casa dos 60 anos, como Washington e McDormand; por tradição, eles são personagens mais jovens, ambiciosos por um futuro de glória e por, talvez, numa esperança remota, garanti-lo com o que ainda não têm — um filho. Aqui, entretanto, é o passado quem fala: a descendência que já se tornou biologicamente impossível, as décadas de serviço que parecem tardia e inadequadamente retribuídas, a cumplicidade conjugal longamente cimentada. Mais que ter a ganhar, estes Macbeth e Lady Macbeth sentem já não ter o que perder — uma inflexão acentuada por ainda outra escolha brilhante do diretor Joel Coen (marido e parceiro usual de McDormand e, pela primeira vez, trabalhando sem seu irmão Ethan). Quer seja, a de transformar as três feiticeiras que vaticinam a ascensão de Macbeth em uma única figura triplicada por seus reflexos na água ou pelas vozes diferentes com que fala. Torcendo-se em posições grotescas, empoleirando-se nas vigas do teto ou de pé, imóvel, a atriz Kathryn Hunter perturba e aterroriza com o que obriga o espectador a reconhecer, ainda que não se dê conta disso — que a imagem que Macbeth está vendo é, na verdade, a do seu rancor e seu agravo.

Não há faceta deste *Macbeth,* na verdade, que não seja excepcional. A sensação de irrealidade em que o enredo transcorre começa pela fotografia em um preto e branco leitoso e difuso no fundo e cortante e ultranítido no primeiro plano, concebida para que os personagens surjam dessa indefinição e caminhem em direção à câmera até os rostos serem enquadrados em closes assombrosos, que lembram muito os de Ingmar Bergman em filmes como *O Sétimo Selo*. Nas paisagens esparsas, na qual só um ou outro elemento — uma árvore retorcida, um casebre arruinado — se destaca, ou em estruturas severas como o castelo de Macbeth, um conjunto brutalista de paredes maciças e ângulos duros, Coen toma do expressionismo alemão dos anos 1920 seu impacto inigualável.

É um casamento ousado, e formidavelmente bem-sucedido, entre as linguagens do teatro e do cinema: ao mesmo tempo que cria um palco e um procênio, o diretor trata o elemento humano de maneiras que só ao cinema é possível. E, ao contrário do australiano Justin Kurzel na sua versão de 2015, que parecia querer poupar a plateia da poesia em pentâmetro iâmbico de Shakespeare — como se ela só pudesse causar dores de cabeça, e nunca prazer —, Coen a põe em relevo nas diferentes vozes de seu elenco e prova (se necessário fosse) que sempre há boas razões para adaptar Shakespeare: nas cadências fluidas e no sotaque americano de Washington, a música do verso parece nova e, como ela, também a violência terrível de Macbeth, e a tristeza que o move. ■

CUMPLICIDADE TÉTRICA
Denzel Washington e Frances McDormand em cena: mais que ter algo a ganhar, pouco a perder

GUY FERRAND/SBS/PATHÉ FILMS

SEXO MÍSTICO A noviça e a protagonista: visões e jogos eróticos

DEVOÇÃO PROFANA

Em *Benedetta*, o holandês Paul Verhoeven recupera um caso célebre de lesbianismo em um convento da Itália renascentista. Mas ele mais atiça a plateia do que verdadeiramente entrega

NASCIDA em 1590, filha única de um casal de posses, e internada em um convento da cidade toscana de Pescia desde os 9 anos, a freira Benedetta Carlini ocupa um lugar de certo destaque na crônica do catolicismo: seu romance com a noviça Bartolomea Crivelli foi um raro caso de lesbianismo entre religiosas a ser documentado — ricamente documentado, aliás, graças à curiosidade aguçada dos clérigos que, entre 1619 e 1623, inquiriram e investigaram a freira (que chegou a ser abadessa do mosteiro) para decidir se as suas visões místicas eram genuínas ou fruto de influência diabólica (o affair entre Benedetta e Bartolomea foi, claro, usado como peça de acusação). Encontradas por acaso em um arquivo, as transcrições do inquérito serviram de base a um interessantíssimo ensaio da historiadora Judith C. Brown. O qual, por sua vez, serve agora de base a *Benedetta* (Holanda/França/Bélgica, 2021), a nova e paradoxalmente inerte provocação do holandês Paul Verhoeven que já está em cartaz nos cinemas.

Verhoeven é o mais bem-disposto iconoclasta em atividade no cinema, sempre pronto a afrontar mais um tabu (em seu último grande filme, *Elle*, de 2016, Isabelle Huppert fazia um jogo sexual com seu estuprador) e a pisotear noções de bom gosto e propriedade. Na sua melhor forma, como em *Elle*, *A Espiã* ou *Robocop*, é capaz de verdadeiramente abalar aquelas convicções que se recebem e não se examinam. Às vezes, porém, suas táticas — choque, sátira, ridículo, ultraje — derivam para um fim em si mesmas. É o caso de *Benedetta*, que instiga e diverte com sua levada "Showgirls no convento" só até certo ponto — o ponto em que não apenas perde de vista a demanda erótica reprimida das visões luxuriantes da freira com Jesus e dos estigmas que, crê-se, ela infligia em si mesma, como deixa de equacionar essa sublimação com as questões tortuosas de fé. Quando Benedetta (Virginie Efira) se realiza carnalmente com Bartolomea (Daphne Patakia) e aprende a tirar proveito de suas manifestações místicas, o diretor a embriaga com o poder e o sexo e faz dela uma déspota, numa guinada abrupta — e de recorte misógino — que não presta favores à atuação dura da belga Efira. Verhoeven aspira à transgressão, mas é sintomático que o mais comentado em *Benedetta* seja seu truque mais barato — o do uso muito heterodoxo que a freira e a noviça fazem de uma pequena estátua da Virgem Maria. ■

Isabela Boscov

UM HERÓI INCONVENIENTE

Derivada de *Esquadrão Suicida*, a série *Pacificador*, da HBO Max, alfineta com ironia os excessos do filão e também os absurdos de uma sociedade guiada por *fake news* e violência

VESTIDO SÓ com um avental hospitalar, daqueles que mal cobrem a frente do corpo, Chris Smith, mais conhecido como Pacificador, acaba de receber alta. Assassino profissional, ele sobreviveu ao tiro levado na última missão do Esquadrão Suicida — em trama apresentada pelo alucinado filme que, em 2021, redimiu os vilões da DC Comics. Como nenhuma autoridade está no hospital para levá-lo de volta à prisão, o malfeitor que acredita ser super-herói, vivido por um inspiradíssimo John Cena, pede ajuda a Jamil, o faxineiro árabe que está limpando o corredor. Questionado sobre a razão pela qual foi preso, o Pacificador responde: "Integridade". Jamil, então, gargalha da piada que está diante dele: "Você é o super-herói racista" que "só mata minorias". Para limpar sua barra, ele promete ao faxineiro que aumentará a porcentagem de brancos sob sua mira.

Irônica e cheia de incorreção, a cena inicial da série ***Pacificador,*** da HBO Max, é um aperitivo dos oito episódios criados por James Gunn, diretor que fez sucesso com *Guardiões da Galáxia*, da concorrente Marvel, antes de reinventar o *Esquadrão Suicida* no cinema. Um desmiolado apaixonado pelos próprios músculos, Pacificador é, também, um solitário ingênuo criado por um pai da pior estirpe e guiado por *fake news*. Tipo que, fora o uniforme ridículo, encontra muitos equivalentes na vida real.

O personagem nasceu como um diplomata e defensor da paz em 1966, numa HQ da editora Charlton Comics, e foi adquirido pela DC nos anos 1980, ganhando diferentes encarnações. Agora vilanesco, ele veio engrossar o filão de heróis para adultos, com um pé na comédia ácida de um *Deadpool* e outro na amoralidade dos superpoderosos de *The Boys*. Ao debochar dos excessos do gênero, a série trata ainda dos pecados da sociedade americana, como o enraizado supremacismo branco, a corrupção e o gosto por armas.

HBO MAX

QUASE HERÓIS Pacificador e Vigilante na série: integridade questionável

Ao deixar o hospital, o brucutu é recrutado por oficiais dissidentes das missões do Esquadrão Suicida, para exterminar pessoas apelidadas de "borboletas" — tidas como altamente perigosas. Os novos colegas de trabalho são um combo de minorias, com mulheres, negros e uma jovem lésbica, que terão de aturar e (tentar) reeducar o Pacificador e seu amigo, o hilário Vigilante (Freddie Stroma), que entra de penetra na missão. O mascarado é outro que confunde integridade com justiça feita pelas próprias mãos. Felizmente, essa arraigada visão maniqueísta hoje está em xeque — até nas tramas de super-heróis. ■

Raquel Carneiro

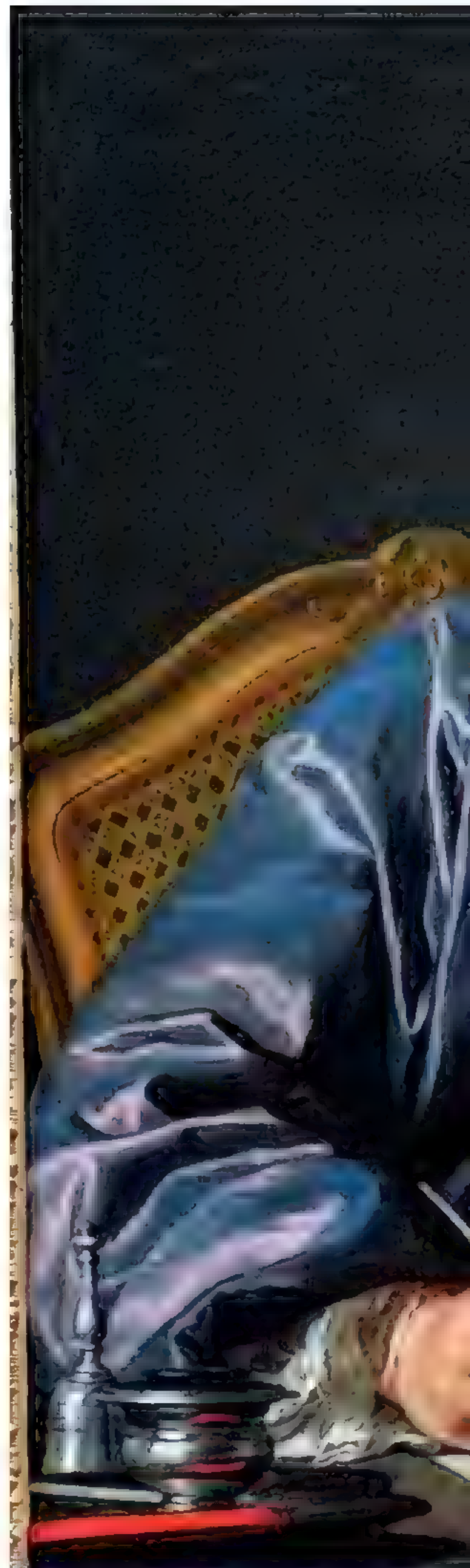
O PROVOCADOR VISIONÁRIO

Uma vigorosa biografia resgata a vida e as ideias do francês Denis Diderot, o iluminista que se revelou à frente de seu tempo — e foi um gigante na defesa da liberdade **VINÍCIUS MÜLLER**

NO INÍCIO de 1774, Catarina II, imperatriz da Rússia, revelou-se maravilhada com a imaginação do homem mais extraordinário que já conhecera: Denis Diderot, intelectual francês do século XVIII, personagem central do Iluminismo e agora biografado pelo historiador americano Andrew S. Curran. Entre tantas histórias saborosas, ***Diderot e a Arte de Pensar Livremente*** conta que a reciprocidade foi verdadeira. O iluminista se entusiasmou com as conversas que manteve com a monarca russa durante sua estadia em São Petersburgo. Imaginava que suas ideias sobre educação e participação política estavam distantes de ser implantadas em sua França natal, em crise econômica e governada pelo absolutismo de Luís XV. Por isso, identificava na simpatia de Catarina, a Grande, a possibilidade de efetivar na Rússia um governo e uma sociedade baseados na razão, na ciência e na liberdade. Mas tal entusiasmo custou caro. Aos 60 anos, ele se ressentiu de ficar longe da família e viu a saúde se deteriorar na viagem entre Paris e a antiga capital russa. Não obstante o dinheiro e o prestígio que ganhou em missões como a curadoria do Museu Hermitage de São Petersburgo, o tempo mostrou que sua aproximação com a esclarecida imperatriz não foi suficiente para a concretização de seu projeto liberal.

Ao longo de toda a vida, Diderot (1713-1784) foi um defensor incansável da razão e da ciência como fundamentos do governo e da moral. Inspirado pelos britânicos Locke, Newton e Bacon, o polímata francês tratou sobre áreas variadas como física, filosofia, artes, sexualidade, anatomia, teatro e história. Sempre por meio de um efervescente raciocínio e exímia retórica. Sua amplitude intelectual fez com que Voltaire, um dos ícones do Iluminismo, vinte anos mais velho e mais famoso que Diderot, o admirasse na mesma medida em que o repreendia. Os dois trocavam cartas sobre a admiração que nutriam mutuamente. Mas, ao se conhecerem de fato, revelaram mais antipatia do que supunham. O autor de *Cândido* disse, em tom ácido, que Diderot era "um forno que queima tudo o que cozinha".

Essa foi a grande dificuldade de Diderot: acertar o tempo de cozimento de suas ideias. Consciente disso, deixou para as gerações futuras parte de seus textos, descobertos postumamente. Os últimos, apenas em 1948. E muitos deles ganham em significado pelo modo como são apresentados por Curran. "Diderot argumentava que os artistas produzem suas melhores obras com o intuito de falar às futuras

DIDEROT E A ARTE DE PENSAR LIVREMENTE, de Andrew S. Curran (tradução de José Geraldo Couto; Todavia; 392 páginas; 84,90 reais e 49,90 reais em e-book)

LIBERAL RADICAL
Diderot: amizade com Catarina, a Grande, e consciência de que escrevia para a posteridade

HERITAGE IMAGES/GETTY IMAGES

gerações, talvez mesmo depois da morte. Era com isso que ele próprio estava contando", resume o autor.

Tal dificuldade ajudou a caracterizar Diderot como um radical em um país absolutista e profundamente católico, levando-o à prisão. Após ser encarcerado, entendeu que seu pensamento antidogmático deveria ser exposto em doses parcimoniosas, ora sob a moderação exigida em seu tempo presente, ora em pílulas para a posteridade. Essa é a chave para sua mais famosa obra, a monumental *Enciclopédia*, editada entre 1751 e 1772 e que contou em seu início com a participação de Jean D'Alembert. Nela, as posições liberais, anticlericais e ateístas de Diderot se misturam aos registros sobre temas ditos "neutros", como a ciência e os ofícios. Como o próprio Diderot dizia, a *Enciclopédia* era como uma cápsula do tempo.

Em seus dias finais, ele recebeu ajuda de Catarina para ampliar seu conforto residencial em Paris. E depois de sua morte, em 1784, foi amplamente criticado e mal-entendido. No tumulto da Revolução Francesa, jacobinos raivosos com sua moderação reformista e reacionários contrários ao seu ateísmo pouco o compreenderam. Além de tratar da evolução das espécies antes de Darwin, da sexualidade antes de Freud e de criticar o tráfico de escravos ainda no século XVIII, Diderot legou algumas das propostas centrais dos revolucionários de 1789, como a nacionalização das propriedades do clero, a secularização das ordens religiosas e a implantação de uma educação científica. Contudo, o que a biografia de Curran nos revela é que Diderot foi, antes de tudo, um defensor radical da liberdade de pensamento contra o dogmatismo religioso, político, ideológico ou mesmo científico. Sua genialidade residia na consciência de que essa defesa seria uma tarefa infinita — e incontornável — para as gerações futuras. ■

DISCO

DAWN FM, **de The Weeknd (disponível nas plataformas de streaming)**

Quase dois anos após o bem-sucedido *After Hours,* The Weeknd retorna à pista de dança com um pop existencialista — e a segurança de quem sabe estar no auge da carreira. Bebendo da discoteca e do R&B anos 1980 — que é sua marca —, o cantor canadense faz uma jornada reflexiva sobre vida, morte e amores profanos em faixas como *Sacrifice.* A viagem musical é costurada por Jim Carrey, que assume o papel de apresentador em uma rádio fictícia transmitida diretamente do Purgatório entre um hit em potencial e outro.

INSTAGRAM @THEWEEKND

POP EXISTENCIALISTA The Weeknd: viagem musical para as pistas

TELEVISÃO

1883 **(disponível no Paramount+)**

No chão, Elsa Dutton (Isabel May) observa a barbárie: o comboio com o qual viajava foi atacado por nativos. Narradora, ela discorre sobre o chamado Deserto Americano, palco dos faroestes, para o qual dá outro nome: "inferno". Elsa é ancestral da família de latifundiários do século XXI, encabeçada por John Dutton (Kevin Costner), na série *Yellowstone*, também da Paramount. Na trama derivada e independente de *1883*, o roteiro vai ao passado narrar a busca da família por um lugar para se estabelecer. Elsa e os pais (Tim McGraw e Faith Hill, casal de estrelas do country) se aliam a um veterano de guerra (Sam Elliott) que guia um grupo de imigrantes do sul ao norte do país. Um western rústico e bem produzido, que por vezes flerta com o folhetinesco, como sua aclamada matriz *Yellowstone*.

PARAMOUNT+

A ORIGEM Sam Elliott *(ao centro)*: série derivada de *Yellowstone* faz viagem hostil pelo faroeste americano

LIVRO

SEMANA DE 22, **de José De Nicola e Lucas De Nicola (Estação Brasil; 648 páginas; 79,90 reais e 49,99 em e-book)**

Às vésperas de seu centenário, a ser comemorado a partir de 13 de fevereiro, a Semana de 1922 virou um tema onipresente — e este lançamento revela-se um excelente guia para quem deseja conhecer a fundo a história do movimento modernista no Brasil. Pai e filho, o especialista em literatura José e o historiador Lucas De Nicola traçam um panorama abrangente não só dos bastidores e da repercussão do evento, mas de seus precedentes e desdobramentos até hoje. O estudo é emoldurado por documentos, reportagens e fotografias raras. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **TORTO ARADO** Itamar Vieira Junior [2 | 50#] TODAVIA
2. **É ASSIM QUE ACABA** Colleen Hoover [3 | 22#] GALERA RECORD
3. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO** Taylor Jenkins Reid [1 | 38#] PARALELA
4. **A GAROTA DO LAGO** Charlie Donlea [0 | 120#] FARO EDITORIAL
5. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS** George Orwell [0 | 168#] VÁRIAS EDITORAS
6. **TUDO É RIO** Carla Madeira [0 | 3#] RECORD
7. **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES** Colleen Hoover [5 | 7#] GALERA RECORD
8. **NAS PEGADAS DA ALEMOA** Ilko Minev [4 | 4] BUZZ
9. **A FILHA PERDIDA** Elena Ferrante [0 | 1] INTRÍNSECA
10. **BOX – GEORGE ORWELL** George Orwell [6 | 15#] PRINCIPIS

NÃO FICÇÃO

1. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [4 | 88#] ROCCO
2. **LULA, VOLUME 1** Fernando Morais [5 | 5] COMPANHIA DAS LETRAS
3. **RÁPIDO E DEVAGAR** Daniel Kahneman [6 | 144#] OBJETIVA
4. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari [8 | 254#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
5. **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE** Tori Telfer [7 | 50#] DARKSIDE
6. **POLÍTICA É PARA TODOS** Gabriela Prioli [0 | 13#] COMPANHIA DAS LETRAS
7. **MEDITAÇÕES** Marco Aurélio [9 | 21#] VÁRIAS EDITORAS
8. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA** Djamila Ribeiro [10 | 94#] COMPANHIA DAS LETRAS
9. **A BAILARINA DE AUSCHWITZ** Edith Eva Eger [0 | 7#] SEXTANTE
10. **QUARTO DE DESPEJO** Carolina Maria de Jesus [0 | 13#] ÁTICA

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **PAI RICO, PAI POBRE** Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [0 | 73#] ALTA BOOKS
2. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO** Napoleon Hill [4 | 139#] CITADEL
3. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA** George S. Clason [7 | 61#] HARPERCOLLINS BRASIL
4. **OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA** T. Harv Eker [9 | 350#] SEXTANTE
5. **DO MIL AO MILHÃO** Thiago Nigro [0 | 148#] HARPERCOLLINS BRASIL
6. **O PODER DO HÁBITO** Charles Duhigg [0 | 255#] OBJETIVA
7. **12 REGRAS PARA A VIDA** Jordan B. Peterson [0 | 5#] ALTA BOOKS
8. **QUEM PENSA ENRIQUECE** Napoleon Hill [0 | 72#] CITADEL
9. **MINDSET** Carol S. Dweck [0 | 99#] OBJETIVA
10. **A CORAGEM DE SER IMPERFEITO** Brené Brown [8 | 58#] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL

1. **O PEQUENO PRÍNCIPE** Antoine de Saint-Exupéry [8 | 332#] VÁRIAS EDITORAS
2. **AMOR & GELATO** Jenna Evans Welch [2 | 26#] INTRÍNSECA
3. **MIL BEIJOS DE GAROTO** Tillie Cole [1 | 7#] OUTRO PLANETA
4. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** J.K. Rowling [5 | 325#] ROCCO
5. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL** Casey McQuiston [4 | 41#] SEGUINTE
6. **COLEÇÃO HARRY POTTER** J.K. Rowling [3 | 97#] ROCCO
7. **A RAINHA VERMELHA** Victoria Aveyard [6 | 86#] SEGUINTE
8. **CONECTADAS** Clara Alves [0 | 9#] SEGUINTE
9. **ATÉ O VERÃO TERMINAR** Colleen Hoover [0 | 1] GALERA RECORD
10. **TODO ESSE TEMPO** Rachael Lippincott e Mikki Daughtry [0 | 1] GLOBO

Pesquisa: **Yandeh** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Livraria da Vila, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Argumento, Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** Aeromix, A Página, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** MultiLivros, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **Internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

CHAMADO ÀS FALAS

ANTONIO BARRA Torres fez mais que chamar às falas e enquadrar Jair Bolsonaro aos bons costumes ao pedir que provasse ou se retratasse das insinuações sobre os propósitos da Anvisa ao autorizar a vacinação de crianças contra a Covid. O diretor presidente da agência deu a senha sobre a melhor maneira de combater as malfeitorias do presidente da República.

Perde-se tempo, energia e a chance de celebrar uma aliança entre civilidade, boa governança e eficácia político-eleitoral ao se optar por ataques de adjetivos. Isso havendo uma enorme quantidade de razões substantivas as quais o dito adversário não consegue enfrentar.

Chamar Bolsonaro de genocida, homofóbico, racista e ir cuidar dos afazeres como se cumprida a tarefa de fazer oposição na base do insulto é jogar na arena da grosseria em que ele foi criado e treinado. Um campo onde é imbatível.

Esse filme esteve em cartaz em 2018 e já sabemos quem sobreviveu (e quem morreu) no final. Usaram-se muitas palavras em relação ao passado do então deputado, mas não se fez a contestação de conteúdo à capacidade de governar do candidato a presidente nem ao modo como iria lidar com as questões urgentes do país.

Jair Bolsonaro não saberia como rebater esse tipo de cobrança, conforme ficou comprovado ao longo dos três anos de governo nas ocasiões em que foi tratado com objetividade e seriedade, a exemplo da reação do almirante da reserva, o médico Barra Torres, que não emitiu um som acima do limite da boa educação e, ainda assim, deixou Bolsonaro sem resposta.

O presidente não se retratou nem comprovou. Apenas balbuciou um queixume sobre a "agressividade" da reação de Barra Torres e renovou suas insinuações genéricas. "Algo há" por trás na Anvisa, disse ele, faltando alguém lembrar que, se "algo houve" em termos de interesses escusos nas vacinas, ocorreu no Ministério da Saúde, conforme relevado pela CPI da Pandemia.

Quanto a essa questão, o presidente nunca deu resposta. Preferiu se recolher ao quentinho da teoria da perseguição. É praxe: quando a realidade se impõe e é trazida à luz, Jair Bolsonaro se retrai. Pode até dar uma leve estrebuchada, mas em geral se cala ou ameniza.

> **"A maneira mais eficaz de lidar com Bolsonaro é enquadrá-lo aos bons costumes da civilidade"**

O presidente silenciou diante da determinação ao comandante do Exército, general Paulo Sérgio de Oliveira, de cobrar a vacinação como pré-requisito à volta ao trabalho da tropa, que, pela regra, está também impedida de disseminar notícias falsas.

Circulou uma ideia de divulgação de nota para aplacar a irritação do presidente, mas não foi adiante. A risca de giz traçada pelo general enquadrou Bolsonaro, que dentro dela ficou.

Circunscrita a limites também ficou a valentia de Bolsonaro ao pedido de socorro a Michel Temer quando o Supremo Tribunal Federal avisou ao Planalto que o preço do avanço dos atos presidenciais no 7 de Setembro seria o STF chancelar um pedido de impeachment à Câmara dos Deputados.

Ao seu jeito (meio torto), o Congresso também colocou freios no presidente. Pesquisa da Fundação Getulio Vargas-SP, publicada na *Folha de S.Paulo*, mostra que Bolsonaro foi o presidente que menos impôs sua agenda ao Legislativo.

De acordo com a pesquisa, o atual presidente teve mais medidas provisórias recusadas que todos os antecessores, embora tenha sido recordista na apresentação de MPs. É também o governante com o índice mais elevado de vetos derrubados, dez até agora. Lula teve zero; Dilma, três, o mesmo número de Temer. Isso sem contar a paralisação da dita pauta conservadora de costumes.

Pode-se dizer aí que Bolsonaro foi enquadrado à realidade, embora não necessariamente pelos melhores e mais adequados motivos. Fato é que acabou cedendo às exigências da "velha política" naquilo que o conceito tem de pior, refém de um grupo cuja principal característica é a lealdade aos detentores do poder. Mais ainda àqueles que representam mais expectativa de poder.

As pesquisas de opinião hoje não asseguram essa condição ao presidente da República. Ao contrário, mostram gradativa e persistente perda nos índices de avaliação positiva de desempenho no governo, com reflexo na futura performance nas urnas.

Em larga medida por causa de um outro ponto em que a realidade chamou às falas Jair Bolsonaro: a distância que o presidente estabeleceu entre sua teimosia negacionista no manejo da crise sanitária e a obediência cívica do brasileiro aos ditames da vacinação em movimento espontâneo de autopreservação da vida. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA